UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – PPGMUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VOLUNTÁRIOS DA MÚSICA: Um estudo histórico sobre a atuação da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville e seu papel em Joinville de 1967 a 1974.

VOLDIS ELEAZAR SPROGIS

FLORIANÓPOLIS, 2015

VOLDIS ELEAZAR SPROGIS

VOLUNTÁRIOS DA MÚSICA - UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A ATUAÇÃO DA BANDA DE MÚSICA DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS E SEU PAPEL EM JOINVILLE DE 1967 A 1974

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música. Orientação: Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler.

FLORIANÓPOLIS

2015

S771v

Sprogis, Voldis Eleazar

Voluntários da Música: um estudo histórico sobre a atuação da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville e seu papel em Joinville de 1967 a 1974 / Voldis Eleazar Sprogis. – 2015.

201 p. ; 21 cm

Orientador: Marcos Tadeu Holler

Bibliografia: p. 153- 162

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de

Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis,2015.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

VOLDIS ELEAZAR SPROGIS

VOLUNTÁRIOS DA MÚSICA - UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A ATUAÇÃO DA BANDA DE MÚSICA DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS E SEU PAPEL EM JOINVILLE DE 1967 A 1974

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler
UDESC

Membro: _____
Profa. Dra. Monica Vermes
UFES

Membro: _____
Prof. Dr. Luís Fernando Hering Coelho
UFPel

Florianópolis, 24 de março de 2015

Aos músicos que, no decorrer da história, engajaram-se na Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Joinville

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado de Santa Catarina, que possibilitou a realização desta dissertação.

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC, pela amizade encontrada e pelos aprendizados compartilhados neste período.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Márcia Ramos, Monica Vermes e Luís Fernando Hering Coelho pelas importantes observações e decisivas contribuições incorporadas ao trabalho.

Ao Prof. Marcos T. Holler, meu orientador, pelo acolhimento do tema e acompanhamento preciso, equilibrado e eficiente mostrados na condução da elaboração da dissertação.

Aos ex-músicos e componentes dos Bombeiros Voluntários de Joinville que, ao compartilharem suas recordações, lembranças e documentos, colaboram decisivamente no desenvolvimento do trabalho.

Aos funcionários e estagiários do Arquivo Histórico de Joinville, pelo interesse e prontidão no atendimento.

Aos colegas da Escola de Música Villa-Lobos e do Programa Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville pela compreensão e apoio neste período.

Aos meus pais, Gunars e Elvira, que sempre estiveram ao meu lado.

À Maria Luiza (17), Pedro Henrique (13) e Maria Alice (3), meus filhos, por entenderem e suportarem ao seu modo, minhas ausências no decorrer deste período.

De forma especial à Leni, minha companheira, pelo afeto, pelo apoio, pelo diálogo e pelo compartilhar de todas as emoções.

Por fim, a Deus, por sua irrestrita manifestação.

... que não podia ser comparado
a algo tão comovedor, tão humano
e tão cheio de verdade cotidiana
como uma banda de músicos.

Gabriel García Márquez

RESUMO

SPROGIS, Voldis Eleazar. **Voluntários da música –** Um estudo histórico sobre a atuação da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários e seu papel em Joinville de 1967 a 1974, 2015 201p Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Esta dissertação consiste em um estudo histórico da atuação da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários e seu papel em Joinville de 1967 a 1974. Seu objetivo visa esclarecer o papel exercido pela banda de música do Corpo de Bombeiros Voluntários em Joinville, bem como as razões de seu aparecimento. O pressuposto sugerido é de que o grupo teve duas razões para existir: a necessidade do movimento associativo dos bombeiros voluntários de exercer o poder de representatividade ritualística e sua capacidade de produzir e agregar novos empreendimentos associativos. O trabalho inicia com uma abordagem histórica de Joinville e do movimento associativo dos Bombeiros Voluntários. Em seguida adentra no universo das bandas de música do município e da Banda dos Bombeiros Voluntários até o início da Campanha de Nacionalização. Na sequência, a pesquisa aborda especificamente o período de atuação da Banda de Música entre 1967 a 1974, revelando a estrutura e organização do grupo de músicos que se inseriram no mundo cerimonial e responsabilizaram-se no cumprimento da função de símbolo sonoro da instituição. Para tanto, são agregados à documentação historiográfica levantada, os relatos de antigos músicos e bombeiros atuantes na época. O movimento revelou a necessidade do Corpo de Bombeiros Voluntários de ampliação de sua demarcação ritual e de sua capacidade para arregimentar e manter um grupamento musical. O levantamento histórico contribuiu para preencher uma lacuna

histórica e social, propiciando o conhecimento da trajetória das bandas de música da corporação.

Palavras-chave: banda de música, história da música em Joinville, Bombeiros Voluntários de Joinville, movimento associativo.

ABSTRACT

SPROGIS, Voldis Eleazar. **Music Volunteers –** A historical study about the activities and performances of the Volunteer Firemen Music Band and its role in Joinville from 1967 to 1974, 2015 201p. Essay (Master in Music) – Music Post-graduate Program, Center of Arts, University of the State of Santa Catarina (*Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina*), Florianópolis, 2015.

This essay comprises a historical investigation about the performance of the Volunteer Firemen Music Band and its role in Joinville from 1967 to 1974. It aims at explaining the role the music band of the Volunteer Firemen in Joinville plays, as well as the reasons of its occurrence. The suggested purpose is that the group had two reasons for coming into being: The need for a social-mindedness of the volunteer firemen to act out the power of a ritualistic personification and its power to produce and add new partnership undertakings. The essay begins with a historical approach of Joinville and of the association movement of the Volunteer Firemen. Then it goes to the universe of music bands in the county as well as the Volunteer Firemen Music Band until the beginning of the Nationalization Campaign. Further, the research specifically deals with the time of the performance of the Music Band between 1967 to 1974, revealing the structure and organization of the group of musicians who inserted themselves in the world of ceremonies and became responsible in fulfilling the accoustic symbol of the institution. Therefore, to the gathered historical documentation, reports made by former musicians and firemen of that time are added. The movement pointed out that there was a need for the Volunteer Firemen to broaden their code of ceremonies and their ability to call for and keep a musical group. The historical gathering of facts contributed to

fill a historical and social gap, rendering the knowledge of the trajectory of the corporation's music bands favorable.

Keywords: music bands, history of music, Volunteer Firemen of Joinville, association movement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Banda do CBVJ no início do século XX 26
Figura 2 – Banda do CBVJ na década de 70 27
Figura 3 – Banda de Música do CBVJ em 2007 27
Figura 4 – Visita de marinheiros da Canhoeira Panther em 1905 46
Figura 5 – Sociedade Brasileira de Canto Alemão em 1933 49
Figura 6 – Sede dos Bombeiros Voluntários de Joinville em 1913 54
Figura 7 – Sede atual dos Bombeiros Voluntários de Joinville em 1954 57
Figura 8 – Desfile de Sociedade de Canto e banda de música 60
Figura 9 – Sociedade Ginástica de Joinville em 1875 60
Figura 10 – Banda Kolbach, 1900 61
Figura 11 – Visita de marinheiros do Navio König Albert em 1914 (1) 62
Figura 12 – Visita de marinheiros do Navio König Albert em 1914 (2) 62
Figura 13 – Banda Guarany provavelmente no início do século XX 64
Figura 14 – Banda do Tiro-de-Guerra 226 68
Figura 15 – Controle de bombeiros voluntários e de materiais, 1905 71
Figura 16 – Desfile de Bombeiros Voluntários em 1910 72
Figura 17 – Banda do Tiro de Guerra 226 em 1922 73
Figura 18 – Desfile de aniversário de 75 anos da SGJ 75
Figura 19 – Banda dos Bombeiros Voluntários na década de 30 78
Figura 20 – Bandinha União de Joinville 85
Figura 21 – Orquestra Fiação 86
Figura 22 – Banda dos Bombeiros Voluntários, 7 de setembro de 1972 90
Figura 23 – Bandinha União na TV Coligadas de Blumenau em 1969 94
Figura 24 – Banda do CBVJ em 1970 95
Figura 25 – Banda dos Bombeiros em 1967 96
Figura 26 – Banda do CBVJ no início do século XX 98
Figura 27 – Parte de clarinete da peça “Pra Frente Brasil” 108
Figura 28 – Desfile de reinauguração da Liga de Sociedades 118
Figura 29 – Orquestra da Fiação 119
Figura 30 – Banda Os Catarinenses em desfile do Rei do Tiro 127
Figura 31 – Bandinha União no Salão Operário em 1967 129
Figura 32 – Hospital e Maternidade Bethesda em Pirabeiraba 130
Figura 33 – Participação na Festa Nacional das Flores 133
Figura 34 – Banda dos CBVJ no centenário de Timbó em 1969 135
Figura 35 – Bandinha União na TV Coligadas Canal 3 137
Figura 36 – Banda União no Baile da Cerveja na SGJ 142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sinais do Corpo de Bombeiros, janeiro de 1895 55
Quadro 2 – Componentes da Banda de Música CBVJ, 1967 a 1974 91
Quadro 3 – Controle de bombeiros e materiais iniciado em 1905 99
Quadro 4 – Quadro de classificação dos cadernos do acervo.....107
Quadro 5 – Quadro de classificação de partituras.....109
Quadro 6 – Listagem do repertório da Banda de Música CBVJ 111
Quadro 7 – Relação de localidades e suas distâncias.....120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBVJ – Associação Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville
AHJ – Arquivo Histórico de Joinville
BC – Batalhão de Caçadores
BI – Batalhão de Infantaria
CBVJ - Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville
FCJ – Fundação Cultural de Joinville
FUNDHALY – Fundação Harmonia Lyra
MNB – Museu Nacional do Bombeiro
PMJ – Prefeitura Municipal de Joinville
SC – Santa Catarina
SGJ – Sociedade Ginástica de Joinville
UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Componentes da Banda do CBVJ, 1905 – 1922 169
APÊNDICE B – Componentes da Banda Guarany 170
APÊNDICE C – Componentes da Orquestra Lyra em 1899 171
APÊNDICE D – Componentes da Banda Kolbach 172
APÊNDICE E – Componentes da Banda do CBVJ em 1927 173
APÊNDICE F – Componentes da Banda do CBVJ em 1931 174
APÊNDICE G – Relação de bandas e orquestras 175
APÊNDICE H – Componentes da Banda do CBVJ, 1967 - 1974 177
APÊNDICE I – Apresentações da Banda do CBVJ, 1967 – 1974 179
APÊNDICE J – Conteúdo do caderno nº 01 do acervo 180
APÊNDICE L – Conteúdo do caderno nº 02 do acervo 184
APÊNDICE M – Conteúdo do caderno nº 03 do acervo 187
APÊNDICE N – Conteúdo do caderno nº 04 do acervo 191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **25**

REVISÃO DE LITERATURA **34**

1. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL **41**

1.1 JOINVILLE 42

1.2 BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS 51

1.3 BANDAS DE MÚSICA E ORQUESTRA 59
1.3.1 Bandas de música - Musik-Kapelle 59
1.3.2 Banda dos Bombeiros, Banda Guarany e 28 de Setembro 63
1.3.3 Orquestra da Sociedade Harmonia Lyra 66
1.3.4 Kapelle Graxa e Banda Marabá 67
1.3.5 Banda militar 68

2. BANDA DE MÚSICA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS **71**

2.1 FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DA BANDA DE 1967 A 1974 79
2.1.1 Civismo e celebração em 1967 79
2.1.2 Ano do Bombeiro Voluntário 81
2.1.3 Reatando uma antiga tradição 83
2.1.4 Dos salões para a avenida 84

2.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO 88
2.2.1 Voluntários da música 88
2.2.2 Configuração instrumental 93
2.2.3 Uniforme 97
2.2.4 Repertório 104
2.2.4.1 O acervo de Adolar Germano Schuwarz Junior 105
2.2.4.2 O repertório cerimonial 110
2.2.5 Aspectos da formação musical 113
2.2.5.1 Família 114
2.2.5.2 Trajetórias de formação 115
2.2.5.3 Localidades e processo de formação 120
2.2.5.4 Banda dos Bombeiros como instrumento de formação .. 129
2.2.5.5 Ordem dos Músicos do Brasil 123
2.2.6 PRÁTICAS DE BANDA 124

2.2.6.1 Ensaios 125
2.2.6.2 Práticas de marcha 127
2.2.7 APRESENTAÇÕES E ESPAÇOS DE ATUAÇÃO 128

2.3 O ASSOCIATIVISMO COMO BASE DE CONSTITUIÇÃO ... 144
2.3.1 1892 a 1938 144
2.3.2 1967 a 1974 145

CONSIDERAÇÕES FINAIS 149

REFERÊNCIAS 153

APÊNDICES 168

ANEXOS 193

INTRODUÇÃO

A história dos Bombeiros Voluntários de Joinville, resultado da prática do engajamento comunitário entre a liderança local, o cidadão comum e as instâncias governamentais, constitui-se herança cultural da comunidade em seus 122 anos de atuação. Criada no dia 29 de junho de 1892, esta corporação é resultado da reação da Colônia Dona Francisca, na época com aproximadamente 15 mil habitantes, para enfrentar os focos de incêndio que começavam a surgir com mais frequência (TERNES, 2007).

Inseridas neste percurso histórico-social e vinculadas às atividades formais e informais da corporação, ocorreram atividades de banda de música[1]. Estas atividades, identificadas entre os anos de 1892 e 1937, de 1967 a 1974 e novamente a partir de 2004, não foram ininterruptas e nem prioritárias em relação às responsabilidades de salvaguardar a comunidade nos acontecimentos emergenciais.

Foi a partir do período iniciado em 2004, que fui convidado pela então diretoria para articular um novo projeto de banda de música para a Corporação. Entre algumas coisas que aguçaram o meu interesse por aprofundar o conhecimento sobre o passado desse movimento musical, estava um registro fotográfico (fig. 1) exposto no Museu Nacional do Bombeiro, localizado no edifício da unidade central desta corporação no centro de Joinville, no qual se observa um grupo de 09 bombeiros voluntários músicos devidamente uniformizados,

---

[1] Entenda-se por banda de música a "combinação de metais e percussão, ou instrumentos de sopro, metais e percussão, como uma banda de metais, banda militar e banda sinfônica" (POLK [2001]. p. inum.).

portando seus instrumentos musicais. Quando procurei saber mais a respeito, fui informado de maneira especulativa sobre a possibilidade de o grupo situar-se cronologicamente entre 1900 e a primeira guerra mundial, informação esta, baseada num rápido reconhecimento do uniforme utilizado e do local onde fora capturada a imagem, no caso, em frente à antiga sede da corporação.

Figura 1 – Banda do CBVJ no início do século XX

Fonte: Acervo Museu Nacional do Bombeiro

Mesmo assim, por mais escassos que possam ser os registros iconográficos, a imagem foi relevante a ponto de ter sido preservada e reproduzida uma série de vezes, tanto para o museu, como para exposições itinerantes e ainda para as duas edições da publicação sobre a história da corporação, que também curiosamente passa ao largo sobre alguma informação a respeito desta atividade musical.

A busca por mais informações também revelou a existência de uma banda de música articulada entre meados das décadas de 60 e 70 (fig. 2); da mesma forma como o registro fotográfico relatado anteriormente, as informações iniciais restringiram-se a relatos orais e algumas imagens fotográficas.

Figura 2 – Banda do CBVJ na década de 70

Fonte: Acervo Rolf B. Muller

Figura 3 – Banda de Música do CBVJ em 2007

Fonte: Acervo Museu Nacional do Bombeiro

Reiniciada em 2004, a atividade musical da corporação foi nomeada a partir de então de Programa Banda de Música e atualmente, em parceria com o Programa Bombeiro Mirim iniciado em 1985, reúne aproximadamente 220 componentes distribuídos entre os grupamentos de Banda Mirim (fig. 3) e Banda Sinfônica. Em conjunto com o reinício destas atividades ocorreu o ressurgimento dos sentimentos coletivos com

respeito à sua função de elemento simbólico, como ferramenta de enobrecimento ritual e cerimonial na participação de solenidades da corporação e também da comunidade.

Ao adentrar no estudo sobre a banda de música como símbolo sonoro ou símbolo de poder, por alguns autores: Fernando P. Binder discute a hipótese de que as bandas militares tinham caráter simbólico, onde atuavam como elementos sonoros das cerimônias e rituais de poder (BINDER, 2006, p. 10). Já Páteo, comentando sobre a função simbólica das bandas de música, compreende-a também como "marcador ritual" (PÁTEO, 1997, p. 2). Por sua vez, André Diniz utilizando o estudo etimológico da palavra banda, explica que "banda", "bando" e "bandeira" têm a mesma origem: "provém da raiz germânica *bandwa*, que significa bandeira ou estandarte" (DINIZ, 2007, p. 53).

Assim, o objetivo desta dissertação é esclarecer o papel exercido pela banda de música do Corpo de Bombeiros Voluntários em Joinville, bem como as razões de seu aparecimento. O entendimento sugerido é de que o movimento de banda de música dos bombeiros voluntários teve duas razões para existir: a necessidade de movimentos associativos, como os bombeiros voluntários, de exercer o poder de representatividade ritualística em determinados momentos e eventos da história da cidade, e a capacidade do movimento associativo, desenvolvido dentro da comunidade germânica de produzir e agregar novos empreendimentos associativos.

Nos dois pressupostos ocorreu a mobilização de músicos que foram arregimentados pela corporação, e que a partir dela atuaram; assim a pesquisa, com base nas fontes elencadas, direciona-se às questões internas à sua organização: seus músicos, sua formação e configuração, seus instrumentos, o contato com o repertório, o tratamento com o uniforme e sua prática musical. O tema é tratado levando-se em conta as considerações de Pierre Bourdieu acerca do poder simbólico:

> Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. [...] O poder de impor uma visão das divisões, isto é, o poder de tornar visíveis, explícitas, as divisões sociais implícitas, é o poder político por excelência: é o poder de fazer grupos, de manipular estrutura objetiva da sociedade. (BOURDIEU, 2004, p.167).

A compreensão deste período de atividade da banda de música também contribui para preencher uma lacuna histórica e social, ampliando o conhecimento histórico musical da corporação e do município no período. Este lapso de memória poderá ser em parte reparado, uma vez que desarticulado o grupo interrompeu-se o repasse e a atualização das informações de vivência e memória da vida musical. Desta forma não se tornou conhecido para a maioria dos atualmente envolvidos o legado que poderia ser transmitido a cada geração, afim de que fossem amparadas e lastreadas as futuras ações musicais que viriam a se reativar tempos mais tarde. Neste sentido, Tati Lourenço da Costa, em seu estudo sobre a centenária Banda da Lapa de Florianópolis, comenta que existe

> a necessidade de um "registro da memória", em face do afastamento das pessoas que representavam uma "memória viva" da Banda. O que quero dizer com isso é que as pessoas que viveram as experiências representam os guardiões da memória de tais eventos. Em suas rodas de conversas, por costume, mais do que por intenção, promoviam essa atualização da memória, essa passagem de geração a geração (COSTA, T., p. 11, 2011).

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada por meio da consulta a fontes primárias, entre elas, atas de conselhos deliberativos, que se encontram em alemão já transcrito e datilografado, relatórios anuais, registros de ocorrências,

regimentos internos, listagens de componentes e materiais, registros impressos avulsos e periódicos, e registros fotográficos e partituras. Outro dado em relação à pesquisa nos registros impressos é o alinhamento das ações da Banda de Música com as do Corpo de Bombeiros, ocultando as ações da primeira, sobretudo em eventos de maior porte. A mesma forma de hierarquização também ocorre com os registros manuscritos caracterizados por elaborações simples e pouco detalhadas.

Constituíram-se como principais fontes de documentação da pesquisa os acervos do Arquivo Histórico de Joinville, do Museu Nacional do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville e os acervos particulares.

O Arquivo Histórico de Joinville é um órgão público municipal, pertencente à Fundação Cultural de Joinville e criado oficialmente em 20 de março de 1972. Seu acervo contém, em relação à demanda da pesquisa, além das pastas da seção histórica as seleções dos jornais *Kolonie-Zeitung*, que circulou de 1862 a 1942, do *Jornal de Joinville*, do jornal *A Notícia*, que iniciou sua circulação em 1923 e periódicos, regionais e estaduais, além de registros iconográficos manuscritos e uma extensa quantidade de bibliografia relacionada à historiografia do município e da região.

Entre os registros do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville encontram-se livros contendo listagens de bombeiros voluntários, livros de atas em alemão e em português transcritas e datilografadas, além de documentos diversos como os Estatutos da Instituição.

Por serem impressos de maior periodicidade, O *Jornal de Joinville* e o *A Notícia* serviram de fontes básicas para obtenção de informações que indicassem a atuação da Banda de Música na comunidade, principalmente entre 1967 e 1974. Portanto, neste período, foram pesquisados os eventos comemorativos que norteariam as ações da Banda de Música, tais como:

1. Comemoração de aniversário de Joinville – semana do dia 09 de março;
2. Comemoração de fundação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville – semana do dia 13 de julho;
3. Comemoração da Independência do Brasil – semana do dia 07 de setembro.

O Museu Nacional do Bombeiro foi inaugurado em 1997, também conhecido como Museu do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, e é um dos poucos lugares no Brasil dedicados à preservação e divulgação da história da atividade dos bombeiros no país. Neste encontram-se diretamente relacionados à pesquisa os livros de atas arquivados a partir de 1852 em alemão, a partir de 1938 em português, os livros manuscritos de ocorrências e procedimentos da corporação, edições de estatutos, regimentos, livros de registro das listagens de bombeiros voluntários com controle de ingresso, desligamento e uso de equipamento, além de acervo iconográfico.

Este acervo encontra-se guardado e arquivado sem algum tratamento ou catalogação específicos. As fontes que foram transcritas estão sob posse do Arquivo Histórico de Joinville na forma de atas transcritas do alemão gótico para o alemão tradicional datilografado. A pesquisa a estas fontes relevou informações sobre a existência da Banda de Música no início do século passado, sobre a criação do grupamento de 1967 informada em ata e sobre suas atuações registradas não regularmente nos livros de ocorrências.

O contato com estes dois acervos revela que as duas instituições possuem acervos distintos sobre a corporação, não ocorrendo nenhuma forma única de catalogação da documentação, havendo necessidade de visitas às duas instituições para composição e confronto de informações. Nos acervos particulares encontrados até o momento, em especial

dos participantes da banda musical no período, encontram-se peças musicais, instrumentos, recortes de jornal e quantidade relevante de material iconográfico que serão relacionados juntamente com as fontes orais elencadas.

Concomitantemente à pesquisa de fontes primárias foram realizadas entrevistas semi-estruturadas estimuladas e confrontadas por registros fotográficos e informações de época, que mantêm o objetivo de levantar informações sobre a corporação e a atuação da banda de música dos bombeiros voluntários. Desta forma, tendo por base a metodologia de pesquisa da história oral, os entrevistados foram elencados a partir de dois grupos, delimitados como ex-participantes da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários (5 entrevistados) e bombeiros voluntários não músicos (1 entrevistado).

Esta diversidade tem a finalidade de estabelecer compreensão da realidade local e verificar os diversos focos, suas abrangências e inter-relações. Citando Alberti (1990, p. 35, 36), "o que interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente àquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto". O processo de seleção identificou os participantes representativos em função da questão que se pretende investigar, "em função de sua relação com o tema estudado, seu papel estratégico, sua posição no grupo" (ALBERTI, 1990, p. 32).

Desta forma foi contatado o Sr. Rolf Müller (1931), funileiro de profissão, que aprendeu a tocar tuba com o pai e juntamente com seu irmão ao clarinete formavam grupos para tocar em bailes, assumindo o trombone do pai após seu falecimento, e com este instrumento atuou como músico e chefe da Banda dos Bombeiros durante um período. Contribuiu além disso, com um acervo que contém cerca de 30 registros fotográficos do grupamento e de outros grupos musicais dos quais participou.

O clarinetista Rodolfo Martins Filho (1935), de família de agricultores de Guaramirim, aprendeu música em família e bem cedo começou a participar da Banda e atuar como músico de bandas de baile. Juntamente com seu amigo Carlos O. Rüdiger, da cidade vizinha chamada Schroeder, vinham para participar dos ensaios da Banda dos Bombeiros. Mantém em sua posse um exemplar do *Jornal de Santa Catarina* que evidencia a apresentação da Banda dos Bombeiros Voluntários no desfile de 7 de setembro de 1972.

Carlos Otto Oscar Rüdiger (1928), subchefe e primeiro trompetista do grupo, teve sua formação musical inicial da prática familiar e dos eventos das comunidades do interior. Têm em sua posse alguns registros fotográficos que comprovam a participação de familiares no grupamento: o irmão Elfonso Rüdiger como trombonista, seu tio Eduardo Rüdiger como clarinetista e seu primo Hans Rüdiger como tubista.

O saxofonista Adolfo Germano Schuwarz (1928), nascido em Corupá, técnico em balanças de precisão, também atuou como músico em bandas de bailes e montou em sua casa uma oficina para consertos de instrumentos de sopro e foles. Seu filho Adolfo Germano Schuwarz Junior (1954), na época um dos mais jovens integrantes do grupamento no qual atuava como clarinetista, a partir de sua experiência na banda viria a tornar-se músico militar da banda do Exército. Tem guardado alguns registros fotográficos, as partes individuais e quase a totalidade do repertório executado pelo grupamento correspondente ao seu instrumento e de seu pai.

Faz parte do grupo de bombeiros voluntários entrevistados não músicos o subcomandante Ademar Max Stuwe (1940), que na época exercia a função de motorista da corporação e por vezes era encarregado de levar os músicos para suas residências após as apresentações.

No primeiro capítulo é apresentado um contexto histórico-social da Banda de Música, abrangendo uma

retrospectiva cronológica de acontecimentos e assuntos que fizeram parte da história de Joinville, de suas sociedades, movimentos associativos e do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. O capítulo ainda faz um apanhado das bandas de música que de um modo geral sobressaíram-se nas fontes impressas, nos registros fotográficos e na literatura encontrada.

O segundo capítulo inicia com um relato histórico da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários desde a sua fundação até o início da Campanha de Nacionalização em 1938, para depois abordar e estudar a Banda de Música articulada no período de 1967 a 1974. Na primeira parte há uma abordagem sobre o momento de civismo e celebração que marcaram a época a nível nacional, municipal e institucional. A segunda parte trata do universo da banda de música, sua formação, organização e estrutura, adentrando sobre o repertório executado, componentes e sua formação musical, os contextos de atuação, apresentações, ensaios do grupamento. Finaliza, tratando do associativismo como base de constituição do grupo, encerrando com a abordagem da Banda de Música como símbolo sonoro do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

REVISÃO DE LITERATURA

Há vários autores cujos trabalhos buscam e realizam discussões sobre bandas de música; a dissertação *Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889* de Fernando Pereira Binder (2006) é introdutória para o esclarecimento do papel destes conjuntos no Brasil, já *A Banda e seus desafios: levantamento e análise das táticas que a mantém em cena* de Marcos Aurélio de Lima (2000), além de abordar aspectos da divisão e categorias de bandas de música bem como os precursores destas no Brasil, contém um capítulo especialmente destinado à análise de dados coletados sobre a

participação voluntária nestes grupamentos. Samuel Mendonça Fagundes na dissertação *Processo de transição de uma banda civil para uma banda sinfônica* (2010) traz referências sobre aspectos históricos, sobre a conceituação de bandas, amadorismo, formação musical e o processo de transição, que reflete em parte o atual momento da Banda de Música da corporação.

Já especificamente na questão de bandas de música centenárias a dissertação com mais proximidade geográfica é *Sociedade Musical Amor à Arte: um estudo histórico sobre a atuação de uma banda em Florianópolis na Primeira República* de Alexandre da Silva Schneider (2011). Outros trabalhos elencados que abordam sobre o cotidiano de bandas centenárias são *A música, o conviver e o lembrar: um estudo etnográfico entre os músicos da centenária Banda Rossini da cidade do Rio Grande, RS* de Pablo de Castro Albernaz (2008), e *Bandas de Música e Cotidiano Urbano* de Maria Luiza de Freitas Duarte do Páteo (1997) que aborda sobre o tema na localidade de Campinas.

A tese de doutorado *Educação Musical e Sociabilidade: um estudo sobre os espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960* de Lilia Neves Gonçalves (2007), além de tratar de uma banda de música no mesmo período da pesquisa em questão, utiliza como ferramenta a história oral para obtenção de dados.

Foram relacionados trabalhos dos anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência organizado por Mary Angela Biason que tiveram por tema *Bandas de música no Brasil*. Dentre os trabalhos apresentados cito, *Bandas de sopro – um diálogo transcultural* de Suzel Ana Reily. Neste trabalho a autora expõe que o interesse acadêmico sobre o tema tem sido limitado, pois se de um lado seu repertório é rejeitado por mérito artístico, por outro, seu legado militar o desloca das manifestações legítimas do povo. Reily entende que o potencial analítico encontra-se justamente na situação intermediária que

a banda de música adquiriu no diversos contextos musicais do globo.

Em *Bandas de música em Campinas no final do século XIX* , Lenita W. N. Nogueira comenta que o incremento das atividades sociais, e consequentemente o crescimento significativo das bandas de música representando extratos sociais específicos, está ligado ao grande desenvolvimento econômico que passava a região no final do século XIX.

Participando do mesmo Seminário, Maria Elizabeth Lucas no trabalho *Bandas de música no Rio Grande do Sul – temas para uma interpretação etnomusicológica* traz algumas questões para reflexão com a intenção de aproximar as perspectivas acadêmicas para a discussão acerca das instituições "bandas de música". No trabalho *Tradição e inovação em bandas de música de* Joel Barbosa e *Coreto* comenta como os termos tradição e inovação estão presentes nas atividades da banda de música, tanto nas atividades externas, refletidas na sua inserção na comunidade de maneira geral, como nas atividades internas, que se dão desde a formação instrumental, a escolha do repertório até o relacionamento humano envolvido. Por fim, no trabalho *Coreto Paulista*, Lutero Rodrigues faz uma avaliação do I Festival de Bandas em Serra Negra, observando aspectos como atualização de repertório frente às demandas do público bem como confirmando sua vocação de verdadeiras e irrestritas escolas de música.

E hoje, quem é que vê a banda passar? Um estudo de práticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos do Goytacazes de Karina Barra Gomes (2008) destaca a importância das bandas como patrimônio cultural imaterial e prática social no espaço onde se inserem. *Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense: um estudo sócio-histórico* de Marcos Botelho Lage (2006) entende que o melhor meio de interpretar o universo da banda é envolvendo-a nos outros movimentos sociais que com ela se

relacionam. Marcos Aragão Fontoura, em sua dissertação *A Banda da Polícia Militar do Rio grande do Norte* (2011), enfoca o relacionamento entre música e sociedade através de particularidades relacionadas ao contexto militar e a interação com o meio cultural de Natal ao longo dos 124 anos de vida do grupamento.

Manuela Areias Costa na dissertação *Vivas à República: representações da União XV de Novembro em Mariana-MG (1901-1930)* (2012) explana sobre a atuação da banda de música como representação política e o artigo da mesma autora *Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares* (2011) aborda como o modelo de banda militar se tornou parâmetro para a formação e a sistematização das bandas civis. Claudia Felipe da Silva na dissertação *Bandas de Música, Imigração Italiana e Educação Musical, o corpo musicale "Umberto I" de Serra Negra, uma localidade interiorana com forte presença italiana* (2009) trata da reconstrução histórica do grupo musical de imigrantes formado em 1898 e seu padecimento com a Campanha de Nacionalização.

A vida musical a partir do período da colonização em cidades do norte catarinense e Vale do Itajaí é abordada pelas dissertações *As Sociedades de Canto da Região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937),* de Roberto Fabiano Rossbach (2008), que traz à tona o contexto histórico da vida musical ligada às Sociedades de Canto de Blumenau e *Orquestra de Câmara São Bento do Sul, seu público e seu papel para o município* de Denise Mohr (2013), que aborda o legado dos primeiros grupos musicais da cidade.

De localização mais distante e de herança colonizadora diferenciada, *Narciso e Eco: os periódicos como reflexos e ecos da vida musical em Desterro durante o Império* de Débora Costa Pires (2012) trata, entre outros assuntos, o tema banda de música em Florianópolis a partir de 1831, assim como os artigos *A música como memória na trajetória histórica da*

centenária Banda da Lapa de Florianópolis-SC de Tati Lourenço da Costa e *Atuação das Sociedades Musicais e Banda Civis em Desterro durante o império* de Débora Costa Pires e Marcos Holler (2007-2008).

Entre os trabalhos que tratam historicamente da Colônia Dona Francisca, podem ser citados os livros *História de Joinville: crônicas da colônia Dona Francisca* de Carlos Ficker (1965), os livros *Era uma vez um simples caminho...* de Elly Herkenhoff (1987), autora que teve como grande contribuição a tradução para o português de documentos e jornais escritos em alemão tanto para o Arquivo Histórico de Joinville como para o de Blumenau, e os livros *Memórias I a V* de Adolfo Bernardo Schneider (s.d.).

Como publicações mais recentes podem ser citadas os livros *O coronelismo urbano em Joinville: o caso de Abdon Batista* de Raquel S. Thiago (1988), *História do Trabalho em Joinville* e *Suíços em Joinville: o duplo desterro* de Dilney Cunha (2003) e *O Exército* de Sandra P. L. de Camargo Guedes, Wilson de Oliveira Neto e Marília Gervasi Olska (2008) que trata da história do Exército instalado em Joinville em 1918. Do livro *Histórias de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade* organizado por Sandra P. L. de Camargo Guedes (2005) que contribui com o capítulo *A colônia Dona Francisca: a vida... o medo... a* morte, ainda foram consultados os capítulos *A cidade da ordem: Joinville* de Iara Andrade Costa, *É proibido ser alemão: é tempo de abrasileirar-se* de Ilanil Coelho e *Movimentos de resistência em tempos sombrios de resistência* de Sirlei de Souza.

Entre as obras publicadas por entidades temos *Nossos compositores: 1900 a 1940 - Dados biográficos de Compositores Joinvilenses* da Prefeitura Municipal de Joinville em parceria com a Fundação Cultural de Joinville (1987), e o *Álbum Histórico do Centenário de Joinville: 1851-9 de março-1951* publicado pela Sociedade Amigos de Joinville (1951) e

Sociedade Ginástica de Joinville: 1858 a 1958 edição do centenário (1958) publicado pela própria entidade.

Pelas tramas de uma cidade migrante de Ilanil Coelho (2011) e *De agricultor a operário: lembranças de migrantes* de Valdete Daufemback Niehues (2000), abordam os movimentos migratórios que ocorreram em Joinville nas décadas de 1960 e 1970, época coincidente com o último período de atuação da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários. Na dissertação *Histórias Impressas em Joinville: um estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da história da maior cidade de Santa Catarina* de Alessandra da Mota Mathyas (2007) a autora discute a partir da análise crítica das principais obras historiográficas de Joinville e a forma como os jornais impressos na cidade contribuem para a consolidação da história regional.

Na tese *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville,* a autora Janine Gomes da Silva (2004) trata das preparações, das comemorações e dos processos de ressignificação ocorridos durante o centenário da cidade de Joinville e em *Joinville*, e *A cidade onde se trabalha – A propagação ideológica do autoritarismo estadonovista em Joinville* de Giane Maria de Souza (2008) ajuda a levantar dados e posicionamentos sobre o período, como o processo de cooptação ideológica dos trabalhadores e sindicatos oficialmente coordenados pelo governo.

No que concerne à história do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville o livro *Os Voluntários do Imprevisível. Bombeiros Voluntários de Joinville, 115 anos de organização e evolução* de Apolinário Ternes (2007) é uma fonte de referência, com disposição a um olhar mais técnico sobre a vida da instituição. Com respeito à ocorrência de manifestações associativas semelhantes em corporações na Alemanha, a tese de doutorado de Martin Jungmann, *Einbecker*

Vereine im Kaiserreich 1871 bis 1914 (2002) fornece dados históricos sobre as primeiras sociedades e manifestações associativas e voluntárias naquele país.

1 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

1.1 JOINVILLE

A Colônia Dona Francisca foi instalada em terras pertencentes à Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II e casada com o Príncipe de Joinville filho do Rei Luiz Felipe da França (TERNES, 2007, p. 15). Suas terras foram negociadas com a Sociedade Colonizadora Hamburguesa de 1949, sob a direção do Senador Mathias Schroeder, que detinha um lucrativo negócio em todas as etapas da imigração como transporte, venda de terras, lucro da produção e venda de gêneros de primeira necessidade aos imigrantes da recém-instalada colônia. Apesar de já existissem moradores instalados anteriormente na região, a história de Joinville costuma ser narrada a partir de 9 de março de 1851, com a chegada dos primeiros 118 imigrantes europeus, vindos principalmente da atual Alemanha. Até o final de mesmo ano a colônia alcançava um total de 349 imigrantes. Cunha informa que entre 1851 e 1888 chegaram a Joinville 17.408 pessoas em sua grande maioria agricultores, sendo 12.290 alemães, 3.224 austríacos e 1.894 outros europeus. Em um estudo mais aprofundado o autor indica que se pode detectar uma realidade mais diversificada, apresentando entre estes imigrantes um número significativo de suíços, seguido de dinamarqueses, suecos, noruegueses, franceses, belgas, holandeses e russos (CUNHA, 2008, p. 29).

Mesmo com toda essa diversidade de imigrantes, falava-se alemão, e a língua constituiu-se um dos meios de tornar a cidade com perfil “germânico” (SILVA J., 2004, p. 3-4). De acordo com Cunha, a chegada de imigrantes originários do meio urbano, de camadas sociais mais elevadas, com formação universitária, maior bagagem intelectual e participantes ativos na política em sua terra natal, tornou-se fator determinante para a elaboração de uma ideologia étnica

(2008, p. 60). A partir disto tornaram-se importantes canais de divulgação e manutenção da etnicidade alemã, a igreja, as escolas, representadas principalmente pela *Deutsche Schule* fundada em 1866, a imprensa com o *Kolonie Zeitung* (Jornal da Colônia) fundado em 1862 (COELHO, 2005, p. 175-178).

Os primeiros movimentos associativos começaram a surgir em Joinville a partir do 5º ano de sua existência. Em 1855 foram criadas a Sociedade de Atiradores, a Sociedade de Canto Helvétia, a Sociedade de Cultura, em 1858 a Loja Maçônica, a Sociedade de entretenimento *Harmonie* e a Associação de Cantores. Pode–se acrescentar a esta lista a Associação dos Proprietários, sociedades de teatro, várias de canto e música, de embelezamento, responsável por melhoramentos em locais públicos, de ciclistas com ênfase na organização de passeios, de amparo a doentes chamada de "Caixa de Beneficência", entre outras (HERKENHOFF, 1987, p. 88, 132; TERNES, 2007, p. 17; FICKER, 1965, p. 197).

Dentre as várias sociedades e associações e suas diversas formas de atuação criadas em Joinville nas primeiras quatro décadas de existência como Colônia Dona Francisca, a partir de 1851 (HERKENHOFF, 1987; SCHNEIDER A. B., s.d., vol. I e III), destacam-se três que constituíram em alguns momentos a linha de defesa da cidade de Joinville: a Sociedade de Tiro ao Alvo (fig. 7), a Sociedade de Ginastas e o Corpo de Bombeiros, cada qual reflexo de necessidades e situações sociais específicas (GUEDES; OLIVEIRA; OLSKA, 2008, p. 38), mas consequentes de uma linha ideológica pré-existente:

> Pelos acordos firmados com Napoleão, a Prússia não poderia ter um exército regular nem serviço militar obrigatório. Os reformadores, então estimularam as milícias, e a organização dos destacamentos de caçadores, organizações paramilitares independentes, que passaram a ter características de exército nacional. O principal adepto deste tipo de organização Friedrich Ludwign Jahn, pretendia reviver a moral dos

> alemães através das condições físicas, estimulando a ginástica. Tal tipo de organização paramilitar, de acordo com Jahn, estimularia o nacionalismo e o patriotismo (SEYFERTH, 1982, p. 25).

A Sociedade de Atiradores de Joinville foi fundada em 26 de dezembro de 1855 com a intenção de propiciar à comunidade o lazer e a prática esportiva (FICKER 1965, p. 167), e de conservar as práticas militares que faziam parte da cultura alemã (CUNHA, 2003; SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

A Sociedade Ginástica ou *Deutscher Turnverein zu Joinville* foi fundada em 1858 e nela os pioneiros, baseados nos ensinamentos do "pai da ginástica", o alemão Friedrich Ludwig Jahn, buscavam os benefícios que a prática "trazia para a saúde do corpo e do espírito" e que os mantinham neste "elevado espírito de luta" (FICKER, 1965, p. 196; SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1958, p. 3, 37). Cultivando o "espírito de liberdade, direito e justiça" desta sociedade saíram os 23 voluntários que formariam o batalhão de alemães que seguiria para a Guerra do Paraguai em 1865 (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1958, p. 39).

A Sociedade Corpo de Bombeiros (*Freiwillige Feuerwehr*) foi fundada em 1893 a partir de modelos já adotados na Alemanha em meados do séc. XIX (JUNGMANN, 2002, p. 301). Com o crescimento do município, tinha por finalidade a mobilização da comunidade para proteger vidas e o patrimônio local que começava a ser assolado por focos de incêndio (TERNES, 2007, p. 56-57).

Situações como a Revolta da Armada e a Revolução Federalista em 1894 fizeram com que essas três entidades encabeçadas pelo Corpo de Bombeiros, a pedido de autoridades luso-brasileiras, se responsabilizassem pela defesa militar e manutenção da ordem frente à chegada dos

revolucionários (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951, p. 225).

Segundo Ilanil Coelho, a identidade da comunidade teuto-brasileira foi afirmando-se a partir do contato crescente com luso-brasileiros, que chegavam a Joinville incentivados pelos negócios da erva-mate (COELHO, 2005, p. 167). A estrada Dona Francisca, inaugurada em 1873, ligação do Planalto Norte com Joinville e desta a São Francisco (COSTA I., 2005, p. 108) se estabeleceu como importante via de escoamento da erva-mate contribuindo com a ampliação dos negócios e transformando Joinville em um importante polo comercial e posteriormente em industrial (TERNES, 2007, p. 18).

A chegada do Presidente Afonso Pena em Joinville em 06 de agosto de 1906, para inauguração da ferrovia que iria ligar Joinville ao porto de São Francisco do Sul e consequentemente ampliar as linhas de entrada e escoamento de mercadorias na região, mostra-se como uma das situações que trouxeram à tona, através das manifestações musicais, as divisões políticas e étnicas do município. A ocorrência de rivalidades partidárias e étnicas teve reflexos acentuados e recorrentes no discurso cultural, por um lado de assegurar o fortalecimento do germanismo[2] (*Deutschtum)* e por outro dos novos participantes luso-brasileiros de conquistar espaços (CUNHA, 2008, p. 99). É importante lembrar que o fortalecimento da comunidade étnica já era um processo recorrente nas tentativas de uma casta alemã dominante de homogeneizar o discurso e neutralizar ações entre os próprios imigrantes como, por exemplo, os suíços (CUNHA, 2003, p. 220).

---

[2] Tomado do Nacionalismo alemão, engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a solidariedade cultural e racial do povo alemão. Transmite a ideia de que todos esses caracteres são herdados transmissíveis e não se prendem a um território: um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país (SEYFERTH, 1982, p. 46).

Adolfo Schneider lembra que a primeira grande guerra desestruturou as atividades culturais da comunidade teuto-brasileira e que as sociedades de tiro, canto, teatro, ginástica, educacionais, imprensa e dos Bombeiros Voluntários serviram de "para-raios para a ira popular" contra o povo germânico (s.d., vol. V, p. 28), de maneira que quase todas as sociedades foram fechadas, as apresentações em alemão foram proibidas como também os jornais em alemão, levando o *Kolonie Zeitung* a circular algum tempo em português com nome de *Actualidades* de 6 de novembro de 1917 a 21 de agosto de 1919 (SCHNEIDER, A. B., s.d., v.I, p. 149-150; S. THIAGO, 1988, p. 103). Herkenhoff também reitera a situação confirmando a proibição do uso da língua alemã em lugares públicos e o "retraimento de muitos setores da vida social da cidade" durante o período de 1916 a 1918 (1987, p. 95).

Já citada anteriormente, a razão da instalação do Exército em Joinville, ocorrida em 10 de março de 1918, é fato questionado por alguns autores. Uma das mais prováveis hipóteses levantadas para o estabelecimento do 13º Batalhão de Caçadores em Joinville era o "perigo alemão". A expressão era utilizada para denominar uma suposta conspiração articulada entre o governo alemão e imigrantes instalados no Brasil com o objetivo de criar uma nova colônia alemã no sul do país. Apesar da não obtenção de provas documentais, as críticas não eram fruto de uma simples fantasia de nacionalistas, pois algumas atitudes políticas iniciadas por imigrantes e seus descendentes ajudaram a motivá-la e espalharam-se entre as diversas colônias (FALCÃO apud GUEDES, OLIVEIRA, OLSKA, 2008, p. 53-54). A expressão foi articulada como uma propaganda alarmista da imprensa brasileira no decorrer das discussões a partir do incidente do navio de guerra alemão *Panther*, que pelo registro fotográfico visitou Joinville em 1905 (fig. 4).

Giralda Seyferth comenta sobre a visita do navio ao porto de Itajaí:

> A visita da "Panther" se revestiu de grande importância para os descendentes de imigrantes alemães, por se tratar de uma representante do Reich e do Imperador. Foi considerado um acontecimento festivo e amplamente noticiado. A "Panther", mais do que um navio, era quase uma representação física de uma nacionalidade alemã. A importância da visita provocou uma certa animosidade da imprensa brasileira agravada a partir do incidente envolvendo os marinheiros alemães na cidade de Itajaí (SEYFERTH, 1982. p. 70).

Figura 4 – Visita de marinheiros da Canhoeira Panther em 1905

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Não havia justificativa para a instalação a princípio por questões de defesa nacional, pois já havia uma unidade militar em São Francisco do Sul, cidade próxima a Joinville. Entre outras hipóteses, elenca-se a possibilidade de um levante de madeireiros que nunca chegou a ocorrer ou o clima de tensão entre empregados e patrões motivados pelas ameaças de greves iniciadas em 1917. Para este último acontecimento foi aproveitada a Força Militar, o Tiro-de-Guerra 226 e as Forças

Públicas de Santa Catarina (COSTA, I., 2005, p. 129). No mais, a posição geográfica de Joinville era uma questão estratégica levada em consideração pela facilidade de deslocamento e entroncamento de várias regiões (GUEDES, OLIVEIRA, OLSKA, 2008, p. 54-55).

A partir de 1917 começou a ocorrer uma série de distúrbios trabalhistas em Joinville, e sobre este momento Iara Andrade Costa faz uma recuperação das questões sociais envolvidas diante da dominação capitalista e suas diversidades socioculturais (COSTA, I., 2005, p. 105). Este contexto demonstra como o empresariado e os poderes constituídos legitimaram as relações de capital e trabalho, amparando-se no "forte espírito comunitário" das várias sociedades estabelecidas pelos imigrantes, agregado à mentalidade da "economia, moderação e autocontrole" (p. 107) e "à supervalorização da capacidade de trabalho dos alemães" (SEYFERTH, 1982, p. 38).

Joinville, especialmente no século XX, se transformava de um importante centro de comercialização de erva mate em um polo industrial, contando já antes de 1920 com mais de 43 estabelecimentos industriais, muitos deles fundados com o apoio técnico e financeiro alemão (COSTA, I., 2005, p. 108-109). O contexto social que incentivava o processo era baseado em um modelo social paternalista, "onde a prática da obediência consciente geraria a disciplina individual e coletiva" (p. 109-110), e segundo o qual a idealização de cidade de ordem e de trabalho carregava consigo a preocupação de uma Joinville cuja miséria era preservada nas suas regiões mais afastadas (p. 112).

Demandas de relevância como a educação, saúde e habitação das camadas mais pobres da população eram consideradas precárias se comparadas com a dos alemães, que tinham o hábito principalmente em relação à educação de criar associações para educar seus filhos. Eram necessárias soluções para os problemas de alfabetização para empregados, falta de

médicos, remédios, saneamento, sanitários, mortalidade infantil e moradia, entre outros (COSTA, I., 2005, p. 119–120).

As questões ligadas à urbanização eram mais prioritárias quando tinham por objetivo o controle social e embelezamento da cidade (COSTA, I., 2005, p. 121). Neste sentido, Costa descreve que: "A Joinville ordeira e disciplinada apresentava na sua composição social uma população que possuía 'garra de vencer' e ostentar progresso e riquezas, mas convivia com problemas sérios de criminalidade, transporte, saúde e educação, além das questões salariais" (p. 123). Neste contexto, a autora destaca o reforço da força pública do estado e do incremento dos desfiles de rua tanto do 13º Batalhão de Caçadores como o apoio do próprio Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville a partir de 1927 para conter o ânimo dos "mais exaltados" (p. 143).

A Campanha de Nacionalização, lançada por Getúlio Vargas após o golpe de 1937, foi motivada pela maciça infiltração nazista no país que atuava sobre a população de origem alemã. Tinha como objetivo erradicar as influências estrangeiras que agiam nos três estados do sul e persuadir nas populações de origem estrangeira, em especial os alemães, os poloneses e os italianos o sentimento de brasilidade (SEYFERTH, 1982, p. 175). Como até o final da década de 1930 o idioma alemão era predominante em todas as esferas, abrangendo também os luso-brasileiros, a estratégia da Campanha procurou atingir os principais núcleos de divulgação e preservação da língua alemã e mentalidade germânica em Joinville. As instituições educacionais tornaram-se o principal objetivo de ação dos nacionalizadores, além de entidades religiosas, imprensa e instituições de caráter diversificado que tivessem papel importante na divulgação da ideologia teuto-alemã, além de seus objetivos sociais mais óbvios (COELHO, 2005, p. 175-179).

A partir de 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as prisões e detenções por parte da polícia e

do exército tornaram-se mais intensas e a imposição da nacionalidade e a rigidez com que era efetivada a avaliação das entidades pelos inspetores da Campanha justificariam o fechamento de quase todas as sociedades culturais, que já haviam sido duramente atingidas anteriormente pelo programa (COELHO, 2005, p. 189). Coelho expõe que para os teuto-brasileiros, por sua vez, que se sentiam injustiçados, o associativismo e as festividades representavam apenas práticas cotidianas e não formas de negação do sentimento de nacionalidade brasileira (p. 190). Os registros fotográficos, no entanto, também flagram a ligação das sociedades de cultura com o partido nazista alemão, como verificado em uma reunião da Sociedade Brasileira de Canto Alemão, em uma sessão de homenagem a um regente de sociedade de canto (fig. 5).

Figura 5 – Sociedade Brasileira de Canto Alemão em 1933

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

A Sociedade Corpo de Bombeiros por sua vez, mesmo sob intervenção, manteve a posse de suas documentações e seu funcionamento sem interrupções durante a Campanha de Nacionalização, em grande parte justificada por seu caráter de

serviço essencial de preservação do patrimônio público e privado (TERNES, 2007, p. 24).

Seyferth entende que a "atividade nacionalizadora foi assim traumatizante para todos os que tinham origem alemã" (1982, p. 191), consequentemente, na medida em que houve imposição de valores e práticas coercivamente, forneceram-se elementos favoráveis à afirmação das diferenças e como consequência a campanha gerou uma reação contrária à esperada (COELHO, 2005, p. 192), que viria a manifestar-se num próximo momento.

O cenário da preparação e a comemoração do primeiro Centenário de fundação de Joinville, que ocorreu em 1951, é explorado por Janine Gomes da Silva. A autora dá a entender "como foram (re)construídas narrativas, valorizando uma memória da imigração para positivar a história do presente em consonância com os interesses dos diferentes grupos étnicos num momento de (re)definições de seus papéis na história local" (2004, p. 19). A ideia era dotar a cidade de uma nova "roupagem" e aliá-la com a importância do pioneiro sempre presente nos anseios dos organizadores do evento (p. 105).

Em consequência, três signos importantes foram concretizados ao mesmo tempo: a Cidade Jardim ou Cidade das Flores, a Manchester Catarinense, onde a indústria do município contribuía com o Brasil, e a Cidade das Bicicletas (SILVA. J., 2004, p. 104). Tão estimulado pelo governo, o patriotismo começou a ser incorporado pela comunidade local, que por sua vez passou a renegociar e incrementar com o país a sua brasilidade possibilitando ocultar sua imagem de "cidade antipatriótica". Desta forma a autora afirma que o "Centenário foi um momento importante para a cidade mostrar-se para todo o país como uma cidade brasileira" (p. 107).

Sobre as décadas de 60 e 70 em Joinville, a autora Sirlei de Souza apresenta um quadro da ditadura militar e seus reflexos na construção do imaginário da Revolução de 64. Comenta que as ênfases dadas às questões econômica,

industrial e tecnológica levaram Joinville ao crescimento populacional desordenado, e que para isso foi necessário retomar o discurso em relação ao trabalho e ordem: "manter a cidade disciplinada e sem ações subversivas, impedindo resistências numa época em que o país vivia um momento de fortes lutas contra a ditadura militar e pela redemocratização" (SOUZA. S., 2005, p. 197). Ainda segundo Souza, a intenção das lideranças político-econômicas do município era novamente incorporar à população migrante recém-chegada a idealização de uma cidade "ordeira, disciplinada e comprometida com os valores do trabalho" (2005, p. 195-197).

Esta forma de ação levou a população a um padrão de acomodação e atenuação política possibilitando ambiente para várias amostras de apoio ao Golpe Militar de 1964 (SOUZA. S., 2005, p. 197). Desta forma os símbolos de poder e progresso compunham o "discurso homogeneizador" de prestação de homenagens que também atingia as entidades recreativas, esportivas e culturais com o objetivo de centralizar o poder e evitar a mobilização civil (p. 201-202, 214).

A nível nacional, Chauí comenta que se vivia sob a ideologia do "Grande Brasil" ou da "integração nacional", exemplificando as comemorações da conquista da Copa do Mundo de 1970, como festa popular e espetáculo de massa relacionada com a atuação do Estado transformada em festa cívica, na qual "não há lugar para luta de classes e sim para cooperação e colaboração entre o capital e o trabalho, sob a direção e vigilância do Estado (CHAUÍ, 2000, p. 32, 38).

1.2 Bombeiros Voluntários

O primeiro corpo de bombeiros do Brasil foi criado oficialmente por D. Pedro II em 1856 no Rio de Janeiro como o Corpo de Bombeiros da Corte. Desconhece-se a criação de uma segunda corporação antes de 13 de julho de 1892, quando a população de Joinville, na época com 15 mil habitantes,

reagiu aos focos de incêndio que haviam destruído as residências de alguns cidadãos e fundou por livre e espontânea manifestação o Corpo de Bombeiros Voluntários (TERNES, 2007, p. 57). Tiveram como base o modelo da Alemanha, onde existia corpo de bombeiros voluntários desde a década de quarenta do séc. XIX em cidades como Durlach em 1847 e Goslar em 1856 (JUNGMANN, 2002, p. 301). Nestas cidades o fogo vinha sendo combatido por instituições nascidas do espírito comunitário, com autorização ou até a proposição do estado, mas com autonomia e liberdade (TERNES, 2007, p. 56).

A comissão organizadora da corporação reuniu-se no dia 29 de junho de 1892 e a instalação oficial aconteceu no Salão Berner no dia 13 de julho de 1892, com juramento coletivo dos 39 primeiros soldados do fogo e sob a direção da diretoria composta por Victor Muller como comandante, Oscar Schneider como vice-comandante, E. Wassermann encarregado do almoxarifado, Otto Delitsch na função de tesoureiro e Alexandre Schlemm como secretário. Foi definido que a jóia de admissão na corporação seria de mil réis e mensalidade de 200 réis, os soldados do fogo teriam uniforme e capacete, os primeiros materiais seriam guardados em uma casa localizada no centro da cidade e as reuniões e treinamentos semanais seriam no campo da Sociedade Ginástica (BREVE CRÔNICA..., [1942], p. 1 e 2).

Havia uma conexão entre a Sociedade Ginástica, as sociedades de Tiro e o Corpo de Bombeiros, não somente pelo espírito cívico e defensivo, mas também por sua própria composição, cujos integrantes participavam da vida das três sociedades (GUEDES; OLIVEIRA; OLSKA, 2008, p. 40). Isto confirma o que Jungmann comenta sobre algumas situações nas quais o apoio às corporações de bombeiros voluntários na Alemanha era efetuado pelas sociedades de ginástica (2002, p. 301). A integração com a comunidade maçônica através de integrantes pertencentes às duas instituições foi um dos fatores

que asseguraram a existência da corporação nos primeiros anos de atuação (TERNES, 2007, p. 20 e 21). Outro fator que Ternes entende que contribuiu para o êxito da formação da instituição foram as várias experiências que a comunidade já havia acumulado no agir associativamente (2007, p. 18).

O segundo comandante da corporação foi o militar e agrônomo Félix Heinzelmann, que assumiu o posto em 16 de agosto de 1893. Sua capacidade de liderança transformou a corporação numa instituição "de invulgar valor e presença de segurança", não só em relação aos procedimentos de incêndio, mas como força organizada onde os integrantes poderiam exercitar o espírito militar (TERNES, 2007, p. 22).

Este exercício foi posto à prova no ano seguinte à fundação, quando fora solicitado aos bombeiros a defesa da integridade da colônia na questão da Revolta da Armada e a pedido do Sr. Abdon Batista, presidente da Câmara, no movimento Revolucionário Federalista que vinha do Rio Grande do Sul. Investido de força militar, o comandante Heinzelmann organizou os cerca de quarenta bombeiros em patrulhas e guardas que fizeram a segurança da cidade enquanto as tropas invasoras permaneciam acantonadas e intermediou as negociações entre as forças invasoras declarando neutralidade de Joinville (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1851, 9 mar. 1951, p. 225).

Um dos primeiros equipamentos importantes adquiridos com auxílio da Superintendência Municipal em abril de 1893 foi uma bomba manual importada da Alemanha. O primeiro incêndio aconteceu no dia 11 de fevereiro de 1895; neste, a conjunção do espírito de aventura e entretenimento transparece nos depoimentos registrados, em que debelado o fogo, os bombeiros permaneceram no local "até à tarde", enquanto "cervejas" eram oferecidas no local pelo proprietário (BREVE CRÔNICA..., [1942], p. 3). Este incêndio permitiu que fossem postos à prova os procedimentos desenvolvidos e avaliadas as atitudes involuntárias do grupamento frente ao perigo. Dessa

forma novas regras de enfrentamento seriam aplicadas tanto no foco incendiário como na população para que esta não atrapalhasse a operação (TERNES, 2007, p. 23).

Figura 6 – Sede dos Bombeiros Voluntários de Joinville em 1913

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

O próximo comandante, com mandato de 1898 a 1933, foi Friedrich Stoll, um celeiro e também um dos fundadores da corporação. Em sua gestão foi adquirido um grande terreno em 1911 na antiga Rua da Cerveja (atual Jaguaruna) para instalar a sede própria inaugurada em 1913 (fig. 6). Em 1925 incorporou-se a primeira bomba a motor e em 1926 e 1927 vieram os primeiros caminhões da sociedade (TERNES, 2007, p. 21).

O primeiro sistema utilizado para alerta contra incêndios consistia do uso de cornetas estrategicamente

colocadas na cidade, acionadas por cidadãos a qualquer sinal de irrupção de incêndio. A atividade era exercida por bombeiros voluntários músicos, com domínio de instrumento de bocais e pode lembrar as funções exercidas pelas guildas dos vigilantes públicos no final da idade média, como por exemplo, os *Türmer,* que posicionados na torre do município e com ajuda de um instrumento musical, podiam dar alertas de erupção de incêndios ou qualquer outra calamidade que acontecesse na cidade (RAYNOR, 1981, p. 69). No sistema de Joinville, mesmo com eficiente funcionamento, não deixava de haver alarmes falsos, brincadeiras, tentativas frustradas de acionamento e de outras causadas por embriaguez. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade o sistema de alerta de incêndios foi substituído por modernas sirenes na década de 40 (TERNES, 2007, p. 24).

O documento datado de 1895 remete ao sistema de alerta da corporação, provavelmente normatizava os procedimentos internos de ação, traduzido no quadro abaixo (DOC.AVUL, 1895):

Quadro 1 – Sinais do Corpo de Bombeiros, janeiro de 1895[3]

Sinais do Bombeiros Voluntários - Joinville, janeiro de 1895	
1º Pentagrama	Reunir - marchar - parar - voltar - em frente
2º Pentagrama	Para a manobra - para a manobra de marcha - gorjeio da mangueira - marchar para frente com a mangueira
3º Pentagrama	Soltar mangueira - uma mangueira para trás - pronto para marchar
4º Pentagrama	Escada de gancho - escada de tempestade - sinal de emergência

[3] Transcrição e Tradução: MSc. Helena Remina Richlin.

Os próximos dois comandantes seriam os empresários e primos Eugen e Albert Lepper, que estiveram à frente da corporação respectivamente entre 1933 e 1950 e de 1950 a 1961. Na ata do dia 8 de junho de 1938, a primeira escrita em português, o designado Capitão Francisco Faustino da Silva declarava que comparecia à sociedade com a missão dada pelo General Meira de Vasconcellos, de intervir como orientador do nacionalismo de acordo com o Decreto Lei nº 383 (AT.CBVJ., 1938, p. 94).

Apesar de todas as dificuldades impostas, uma publicação dos anos 50 destacava que o Corpo de Bombeiros estava "plenamente enquadrado nas determinações do decreto lei", comentava a posição "ponderada e sensata do interventor" e lamentava ter sido tão curta a permanência desta pessoa entre eles (BREVE CRÔNICA..., [1942], p. 6 e 7). Neste período, o Corpo de Bombeiros manteve seu funcionamento sem interrupções e a posse de suas documentações durante a Campanha de Nacionalização (TERNES, 2007, p. 24), justificado pela imprescindibilidade de seus serviços no atendimento ao bem público. Uma das dificuldades encontradas consistia na proibição da língua alemã, como se constatou numa narrativa de combate a incêndio na Usina Metalúrgica de Joinville, também sob intervenção, denominada anteriormente de Fundição Benack:

> Durante o combate a um incêndio na Fundição Benack, na esquina das atuais ruas Itajaí e 7 de Setembro, o comandante Eugen Lepper tentava dar instruções aos companheiros em português precário e não conseguia se fazer entender. Como resultado, as mangueiras continuavam secas e o fogo grassava. Lepper, então explicou ao general interventor que seus soldados não entendiam o português e obteve a liberação para falar em alemão e debelar o incêndio (A NOTÍCIA, 9 mar. 2001, p. 42[4]).

[4] Caderno AN Especial – Joinville 150 Anos.

Figura 7 – Sede atual dos Bombeiros Voluntários de Joinville em 1954

Fonte: Acervo Museu Nacional do Bombeiro

Ainda durante o período da Campanha de Nacionalização, aconteceram os festejos de 50 anos da corporação em 1942 que foram comemorados de "forma rápida e discreta", tendo sido homenageados os seus quatro primeiros comandantes. Naquele momento Joinville possuía uma população de 40 mil habitantes e os bombeiros contavam com uma sede própria, dois caminhões, 80 soldados, e 260 sócios contribuintes (TERNES, 2007, p. 26, 27).

Nos anos 50, o rápido crescimento urbano e industrial de Joinville, acompanhando o desenvolvimento do Brasil, impuseram novas exigências à corporação, que levaram em

1952, então com 60 anos de fundação, os bombeiros a enfrentar talvez a maior crise em termos financeiros e materiais, na qual a corporação contava com escassas contribuições das empresas, menor presença do poder público e com poucos sócios contribuintes. Neste momento, surgiu a figura de Walter Hermann Meyer que, intervindo na estrutura de gestão, criou uma diretoria administrativa distinta do comandante operacional. Com a mobilização das lideranças econômicas e políticas da cidade, desencadeou uma ampla campanha de revitalização e recuperação dos bombeiros, propondo em seguida a construção de uma nova sede inaugurada em 1954 (fig. 7), por sua vez desativando as instalações levantadas em 1913 (TERNES, 2007, p. 28).

Seguiram-se as gestões dos presidentes Wolfgang Voigt, Evaldo Eicholz e Ubirajara Dippold, funcionário da empresa Tupy até março de 1975. No ano de 1971 foi montado um quadro de trabalho que mantinha uma guarnição em plantão permanente e em 1972 foi inserido nos quadros dos bombeiros voluntários o primeiro grupamento de bombeiros profissionais efetivos que permaneciam na unidade do centro da cidade. Estas resoluções foram tomadas em decorrência do crescimento da cidade e o consequente aumento das distâncias de atendimento impostas às equipes de combate a incêndio (TERNES, 2007, p. 28, 29).

Outras iniciativas foram implementadas a partir de então, como a criação do Centro de Atividades Técnicas, responsável por vistorias e enquadramento das obras à legislação municipal de incêndios, a criação dos grupamentos de bombeiros mirins e a abertura das atividades de voluntariado e profissional às mulheres (TERNES, 2007, p. 30).

1.3 Banda de Música e Orquestra

O tópico a seguir apresenta um apanhado geral das bandas de música e orquestras que surgiram a partir dos livros consultados e das pastas históricas sobre música, sociedades e eventos que se encontram no Arquivo Histórico de Joinville.

1.3.1 Bandas de música - *Musik-Kapelle*

As primeiras manifestações registradas que surgiram na história da antiga colônia Dona Francisca sobre bandas de música são encontradas nas pesquisas do historiador Carlos Ficker, nas quais são citadas em acontecimentos como o feriado do Espírito Santo, em 1º de junho de 1857, quando se deu a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da casa de oração protestante (1965, p. 186), na despedida do Batalhão de 23 voluntários que seguiram para a guerra do Paraguai em 29 de outubro de 1865, quando "na ocasião estavam presentes no porto a banda de música que executou o Hino Nacional e o *Saengerbund* (Associação Coral) que cantou hinos patrióticos" (FICKER, 1965, p. 243) e no dia 12 de dezembro de 1866, quando esta mesma Sociedade de Canto realizou um desfile (fig. 8) festejando o seu 8º aniversário com a presença da Sociedade Ginástica e da banda de música (p. 252).

Já a historiadora Elly Herkenhoff escreve sobre a existência de vários conjuntos instrumentais nas últimas décadas do século XIX. As *Musik-Kapelle* apresentavam-se cada qual com o nome do seu respectivo fundador ou regente, família ou entidade, categoria ou local com qual estavam vinculadas, como *Hille*, *Krause*, *Finder*, *Frosh*, *Sauer*, *Binder*, além da *Turnerkapelle* (Sociedade Ginástica) e *Kapelle Rosenstock*, que mais tarde viria a ser transformada em *Musikverein zu Joinville* (Sociedade Musical Joinville) ou *Musikverein Lyra* (1987, p. 135 - 136).

Figura 8 – Desfile de Sociedade de Canto e banda de música

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Figura 9 – Sociedade Ginástica de Joinville em 1875

Fonte: Sociedade Ginástica, 1858-1956, p. 15

Um registro fotográfico (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958, p. 10) identifica um pequeno número de ginastas músicos formado por caixas claras e cornetas compondo o grupo de Ginastas, provavelmente a *Turnerkapelle*, em 1875 (fig. 9).

Identificada em um registro fotográfico de 1900, que se encontra no Arquivo Histórico de Joinville, a Banda Kohlbach representava uma família de alemães que emigraram para o Brasil em julho de 1885, onde tiveram participação ativa na vida musical da cidade. No princípio dedicaram-se ao conserto de instrumentos musicais e confecção de instrumentos musicais (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 1985, p. 15). As Bandas Binder e Kolbach também são mencionadas no desfile do cinquentenário da cidade em 1901, a Banda Binder acompanhando a primeira parte do desfile e a Banda Kolbach (fig. 10) a segunda parte do desfile (CUNHA, 2008, p. 54).

Figura 10 – Banda Kolbach, 1900

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Como Joinville estava próximo do porto de São Francisco do Sul e o acesso marítimo era facilitado pelo porto da própria cidade, as constantes visitas de marinheiros à cidade eram um bom momento para desfiles e recepções na comunidade onde bandas de música tinham presença indispensável. Um exemplo disso é a visita dos marinheiros do navio mercante König Albert em 1914, registradas fotograficamente.

Figura 11 – Visita de marinheiros do Navio König Albert em 1914 (1)

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Figura 12 – Visita de marinheiros do Navio König Albert em 1914 (2)

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Na figura 11, a banda dos marinheiros está na proa da embarcação e, pela própria postura dos músicos presentes no barco, possivelmente em execução musical. Na figura 12, uma banda não identificada possivelmente também em execução, deduzido pela posição dos instrumentos e músicos presentes no

porto de Joinville. A recepção a partir do porto seguia com um desfile pré-determinado pelas ruas da cidade, passando obrigatoriamente pela Rua do Príncipe, com a banda de música da cidade à frente seguida pela banda dos marinheiros e seu contingente.

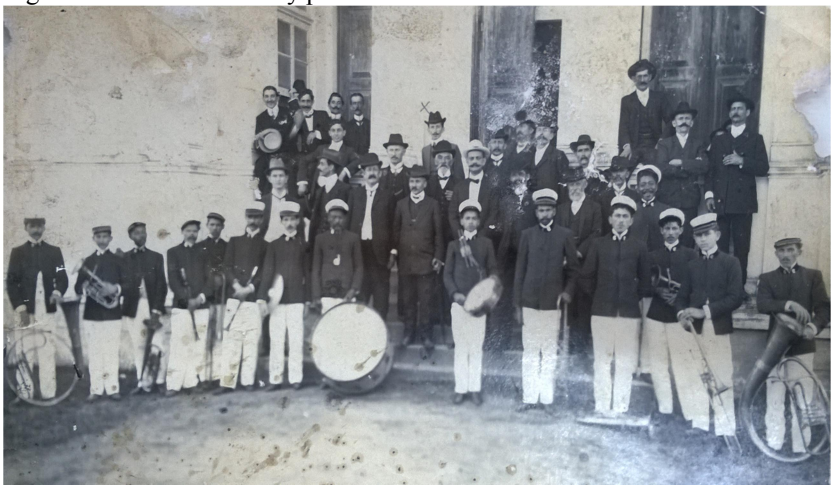
1.3.2 Banda dos Bombeiros, Banda Guarany e Banda 28 de Setembro

Um dos acontecimentos relatados no início do século XX em Joinville foi a visita do Presidente da República Afonso Pena, no dia 6 de agosto de 1906 para inauguração do trecho da estrada de ferro São Francisco do Sul a Joinville. Neste evento, é relatada a participação de três bandas da cidade, a Banda Musical Guarany, a Banda dos Bombeiros Voluntários e a 28 de Setembro, musicalizando este momento de melhoramento urbano específico da região.

A Banda Musical Guarany (fig. 13), que iniciou suas atividades em agosto de 1899 (HERKENHOFF, p. 135) e era formada por luso-brasileiros identificados com "filhos das melhores famílias do lugar", foi responsável pela recepção do Presidente na nova estação ferroviária com a execução do *Hino Nacional* (FICKER, 1965, p. 396 - 397). Na semana anterior, no dia 29 de julho, a mesma banda viria a abrilhantar a chegada do primeiro comboio:

> Às 5 horas da tarde ficou concluído o assentamento provisório dos últimos trilhos, o pessoal de trabalho voltou onde estava a locomotiva, ocupou o primeiro carro, e, às 5 horas e vinte minutos, debaixo de vivo entusiasmo popular, o primeiro comboio entrou na estação. Nesse momento a banda musical "Guarany" fazia ouvir uma bella peça do seu repertório (FICKER, 1965, p. 395).

Figura 13 – Banda Guarany provavelmente no início do século XX



Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Voltando à visita presidencial, em seguida, conforme Adolfo Schneider, a chegada do Presidente ao centro da cidade foi evidenciada pela recepção das sociedades "uniformizadas", estando nela a Sociedade Ginástica, o Corpo de Bombeiros e sua Banda de Música (s.d., v. 1, p. 41). A Banda Guarany foi juntamente com a Banda 28 de Setembro responsável por tocar no coreto montado em frente à casa do prefeito Abdon Batista, onde estava hospedado o presidente. Segundo Adolfo Schneider (p. 41–42) estas bandas executavam "com muita arte as melodias em voga na época". Possivelmente a Banda 28 de Setembro representava a Sociedade 28 de Setembro, formada por volta de 1886. Segundo Cunha, seu nome faz referência à data da Lei do Ventre Livre, assim, como se proibia o ajuntamento ou a organização de escravos em associações é quase certo que esta associação foi formada por negros libertos, que se reuniam periodicamente e promoviam festividades como bailes em salões locais (2008, p. 120).

Apesar da inexistência de documentação que fundamente as razões da possível escolha das bandas que participaram deste evento, verificamos que os grupamentos

representam microcosmos de uma sociedade estratificada, movimentos sociais e políticos da sociedade da época. Herkenhoff menciona a Banda 28 de Setembro como formada exclusivamente por homens de cor (p. 135); já é possível verificarmos a presença maciça de luso-brasileiros com pequena inserção de negros na Banda Guarany enquanto a Banda de Música do Corpo de Bombeiros era composta em sua maioria por teuto-brasileiros (as listas de integrantes de ambas as bandas encontram-se transcritas nos apêndices 1 e 2).

Considerando-se estas indicações, nota-se que o grupo simbolizou, serviu e nutriu-se de um microcosmo social específico, como observado por Lenita Nogueira no estudo da atuação das bandas de música em Campinas, São Paulo, no final do século XIX:

> O incremento na atividade destas bandas está certamente ligado ao grande desenvolvimento econômico pelo qual passava a região. A cidade enriquecida já não podia prescindir da alegria e descontração das bandas de música, que se apresentavam em todos os recantos da cidade em todo tipo de evento, o que incluía a inauguração de [...].
> A formação e composição das bandas de música representava o microcosmo de uma sociedade estratificada, já que os grupos eram, em geral, formados por grupos específicos, como classe social, raça, ou ligados a determinados ramos da atividade produtiva. Algumas bandas tinham inclusive posição política definida... (NOGUEIRA, 2008, p. 41).

Após o encerramento do jantar que foi oferecido ao presidente, aconteceu uma passeata com tochas de alcatrão ao som das Bandas do Corpo de Bombeiro e Guarany (p. 47): “O banquete terminou às 21h45, hora em que percorria a cidade uma animada marcha luminosa, formada pelo Corpo de Bombeiros, Ginásticos e muitos populares, portando tochas de

alcatrão e puxados pelas Bandas do Corpo de Bombeiros e GUARANY. As fachadas das casas quase todas se achavam iluminadas [...] apresentando um efeito surpreendente" (SCHNEIDER, A. B., p. 47).

Vale ressaltar que os desfiles iluminados por tochas de fogo ao som de bandas de música eram uma atividade comum em festividades e recepções de autoridades, como se constata na visita do imperador a Campinas em 1886: "Quando anoiteceu, enquanto soava a banda de música, o imperador recebeu operários das indústrias Mac-Hardy, Arens e Irmãos e Viúva Faber, que se apresentavam em *marche aux flambeaux* seguidos por suas bandas de música" (NOGUEIRA, 2008, p. 46).

Entre outros acontecimentos registrados no mesmo período, e marcados pela participação destas bandas e outros grupos musicais em conjunto, encontram-se a inauguração do novo hospital em 04 de julho de 1906 (FICKER, 1965, p. 374), o desfile em homenagem ao Padre Carlos Boegershausen, pelos seus 44 anos de magistério (p. 376) e o cortejo fúnebre do mesmo educador (p. 378).

1.3.3 Orquestra da Sociedade Harmonia Lyra

A união da *Kapelle Rosenstock*, mais tarde transformada em Sociedade Musical Joinville, e do grupo denominado como *Streichquartett* (quarteto de cordas), também chamado Sociedade de Diletantes fundada em 1876, deu início à *Musikverein Lyra* em 04 de setembro de 1899 (HERKENHOFF, p. 136 / PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 1987, p. 15). Seu primeiro concerto realizou-se em 23 de outubro com a participação de 17 músicos (a lista de integrantes da orquestra encontra-se transcrita no apêndice 3) sob a regência de Rudolf Kolbach, que deixou Joinville entre 1907 e 1908 (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 1987, p. 15).

Foi substituído por H. Ruek, que exerceu o cargo possivelmente até fins de 1920, seguido de Wilhelm Peter e do Tenente Paulino Martins do 13º Batalhão de Infantaria. Em 28 de dezembro de 1921 concretizou-se a fusão da *Lyra* com a *Harmonie-Gesellschaft,* fundada em 31 de maio de 1858 (FICKER, p. 367). Em 13 de dezembro de 1930 inaugurou-se a sua sede na Rua XV de Novembro, com um concerto que marcou a despedida do maestro Tenente Paulino Martins Alves e o início das atividades do maestro Pepi Prantl. Em 1951 a *Sociedade Harmonia Lyra* participou das comemorações do centenário com um concerto sinfônico e um ballet. O grupo continuou sob a direção do maestro Kaczas, seguido de Otto Pfuetzenreuter, H. Seyer, Curt Briese, Leopoldo Kolbach, sobrinho de Rodolfo Kolbach (HERKENHOFF, p. 135 -139) e do maestro Tibor Reisner em meados de 1980 (CUNHA et al, 2010).

1.3.4 Kapelle Graxa e Banda Marabá

Mais conhecidos como *Kapelle Graxa*, os Irmãos Graxa Gonçalves eram uma banda de música que se apresentava em casas particulares, salões de bailes, jardins e em festas populares dos anos 20 a 30 (SCHNEIDER, A.B., s.d., p. 93). Seu componente mais conhecido era o músico, compositor e representante comercial da fábrica de pianos Essenfelder João Graxa Gonçalves (HERKENHOFF, 1989, p. 16).

A Banda Marabá, fundada em 1940, foi uma das mais atuantes e apreciadas bandas de entretenimento da época. Os seus principais representantes foram o violinista e regente Leopold Kolbach e a pianista e compositora Anita Kolbach, filhos de Albino Kolbach, que foi regente e músico da Orquestra Harmonia Lyra e da Banda do Corpo de Bombeiros e sobrinhos do compositor e também regente Rodolfo Kolbach (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 1987, p. 7-8).

1.3.5 Banda militar

Inicialmente auxilia esclarecer que a banda de música vinculada ao exército em Joinville teve três denominações oficiais desde sua instalação em 1916: Banda do Tiro-de-Guerra 226 (fig. 14), Banda de Música do 13º BC e posteriormente Banda de Música do 62º BI como veremos em seguida, e que a assimilação destes nomes pela comunidade ocorre de maneira gradativa. A participação da Banda do Tiro 226 foi apontada na chegada e instalação do 13º Batalhão de Caçadores em 10 de março de 1918.

Figura 14 – Banda do Tiro-de-Guerra 226

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Os autores Guedes, Oliveira e Olska ao analisarem algumas fotos da Banda do Tiro-de-Guerra 226, notam a grande presença de negros no grupo e comentam sobre como o Exército era a possibilidade para sobrevivência de muitos negros depois da abolição da escravatura (2008, p. 56 - 59). Era uma possibilidade concreta de ascensão social e de preservação de um mercado de trabalho para músicos de banda que anteriormente estavam ligados às bandas de escravos mantidas

por fazendeiros em muitas regiões do país (DUPRAT, 2008, p. 36).

A presença da totalidade de negros no grupo pode indicar que este grupo teria sido formado a partir da Banda 28 de Setembro, fato correlato ao indicado por Alexandre Schneider mencionando que o Tiro-de-Guerra de Joinville, iniciado em 18 de março de 1916, havia incorporado uma banda já organizada (SCHNEIDER A. S., 2011, p. 50).

Sua participação é indicada fotograficamente nas comemorações do centenário da Independência do Brasil em 1922 em frente à Câmara Municipal (fig. 17), no programa das comemorações do 75º aniversário da cidade que aconteceram entre 21 e 31 de maio de 1926 com a presença do governador do estado (SILVA, J. G., 2004, p. 88). A provável dissolução aconteceu em 1933, quando foi incorporada ao Exército e passou a chamar-se de Banda de Música do 13º Batalhão de Caçadores (A NOTÍCIA, 21/11/1991, p. 35) com um contingente de 23 músicos e tendo como seu primeiro regente o sargento Roseldo Cordeiro dos Santos.

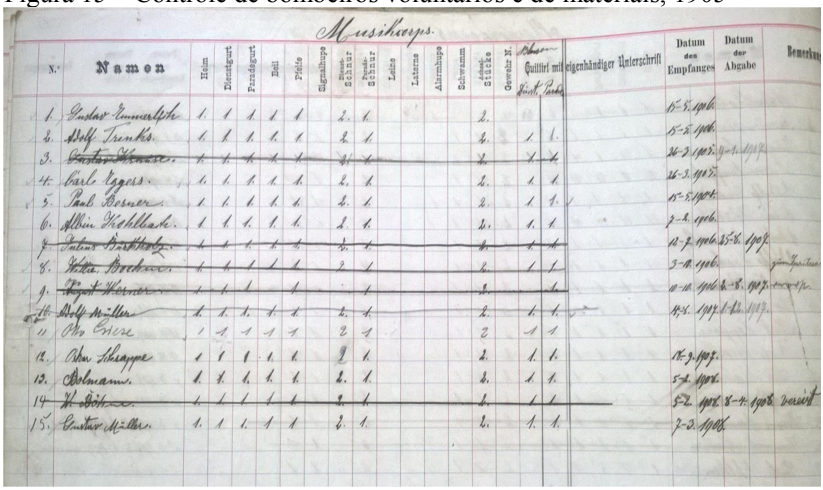
As atividades da Banda de Música do 13º Batalhão de Caçadores foram interrompidas em 14 de dezembro de 1946 quando seu contingente foi transferido para o 20º Batalhão de Infantaria sediado em Curitiba. Também já citado, seu retorno à cidade aconteceu em 04 de setembro de 1950, em consequência de um abaixo assinado encaminhado pela população ao ministro da guerra que no mesmo ato também ordenou a ampliação do quadro de componentes. O grupo participou das comemorações do centenário de Joinville em 1951 (GUEDES, OLIVEIRA, OLSKA, 2008, p. 109) e foi presença constante não somente nos desfiles e cerimônias oficiais, mas responsabilizando-se constantes apresentações musicais (retretas) que aconteciam nas praças do centro da cidade (JORNAL DE JOINVILLE, 8 de maio de 1960). Em 1973 passou a denominar-se Banda de Música do 62º Batalhão

de Infantaria, em decorrência de reformulações internas do Exército (GUEDES, OLIVEIRA, OLSKA, 2008, p. 110).

2 BANDA DE MÚSICA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Muito embora o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville tenha sua fundação datada de 1892, os primeiros relatos que comprovam a existência da banda de música surgem no livro de componentes ativos iniciado em 1905 (fig. 15). Este livro classifica e lista os bombeiros por atividade de bombeiros realizada; entre elas, encontram-se os componentes inscritos no *Musikcorps* (banda de música) entre 1904 e 1918, relacionando um total de 36 componentes (LIST.CBVJ., 1905, p. 10 ss.). Tendo como referência a data de formação da Banda dos Bombeiros do Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1896, estas informações podem posicionar a Banda dos Bombeiros de Joinville como um dos primeiros grupamentos musicais anexo a corporações de bombeiros no Brasil (DINIZ, 2007, p. 58).

Figura 15 – Controle de bombeiros voluntários e de materiais, 1905



Fonte: Acervo Museu Nacional do Bombeiro

Composto em sua maior parte por teuto-brasileiros, o perfil do grupo era amador e voluntário e continha músicos locais que exerciam atuação musical compartilhada em alguns

grupos do meio musical joinvilense. Entre eles, por exemplo, Adolf Trinks, O. Wylli Boehm e Albino Kolbach atuavam na Orquestra da Sociedade Lyra (HERKENHOFF, 1987, p. 136). O cruzamento de fotos com as listagens de componentes da corporação ainda levantou alguns nomes que atuavam no *Musikcorps*, porém são encontrados inscritos somente em outros grupamentos dos bombeiros. É o caso de Mathias Herkenhoff, que além de fundador dos bombeiros voluntários foi também componente da Orquestra Harmonia Lyra e da Banda Kolbach.

Entre os registros, o Corpo de Bombeiros foi fotografado em desfile portando armas (fig. 16), acompanhado de uma banda de música que trajava uniforme civil; o ano mencionado na reportagem do jornal *A Notícia* de 12 de julho de 1992 era 1910.

Figura 16 – Desfile de Bombeiros Voluntários em 1910

Fonte: A Notícia, 12 jul. 1992, p. 12

Como citado anteriormente, Adolfo Schneider lembra que as atividades culturais da comunidade teuto-brasileira foram desestruturadas durante a Primeira Guerra Mundial (s.d.,

vol. V, p. 28). No entanto, como o Corpo de Bombeiros desempenhava uma atividade essencial nos trabalhos de salvaguardar a comunidade, provavelmente não teve seus trabalhos suspensos.

Um dos acontecimentos na mesma época, que provavelmente também abalou a estrutura da Banda de Música da corporação, foi a instalação do Tiro-de-Guerra em 18 de março de 1916. A Banda do Tiro-de-Guerra estava presente na chegada e instalação do Exército em Joinville em 1918, e acabara tornando-se sua banda oficial e desta forma, começou a exercer as atividades comunitárias e oficiais para as quais era requisitada, como, por exemplo, as comemorações do Centenário da Independência em 1922 (fig. 17).

Figura 17 – Banda do Tiro de Guerra 226 em 1922

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Percebeu-se que o 13º Batalhão de Caçadores e sua Banda de Música, então representada pela Banda do Tiro-de-Guerra, impuseram-se firmemente no conjunto social das manifestações cívicas e oficiais, infligindo desta maneira "baixas" na atuação da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Voluntários, revelando assim as fragilidades do

associativismo em comparação a um grupo mantido pelo estado que não dependia de iniciativas pessoais para se atuar. Fato correspondente pode ser verificado no trabalho de Claudia Felipe da Silva, no qual a autora discorre sobre o encerramento das atividades de duas bandas de música existentes em Ouro Preto, Minas Gerais:

> Segundo o pesquisador [Rodrigo Angelo Toffolo, 2007] as duas bandas entraram em decadência após a criação da Banda do 10º Batalhão de Caçadores, formada por músicos profissionais. A banda militar foi ocupando o espaço, antes dividido entre as duas bandas civis, até que ambas desapareceram, na década de 1920. Na tentativa da sobrevivência da atividade musical, alguns músicos das duas bandas extintas formaram pequenos grupos a fim de trabalharem nos cinemas da cidade, porém a iniciativa permaneceu somente até 1929, quando surgiu o cinema falado (SILVA, C.F., 2009, p. 104).

Na continuação, a autora relata que, com a transferência da banda militar para outra cidade, os músicos de Ouro Preto voltam a se organizar, criando duas novas bandas a partir dos anos 30 (SILVA, C.F., 2009, p.104).

A correlação dos acontecimentos entre as duas realidades permite conjecturar sobre as razões das mudanças e o contraste do cenário de atuação das bandas de música no município antes e a partir de 1916, em relação à implantação da Banda do Tiro de Guerra 226, grupamento este que demandaria desempenho profissional e dedicação exclusiva para este fim. Evidenciando ainda mais a atuação profissional, em parte deste período estava a figura do maestro e compositor Tenente Paulino Martins Alves, que além de comandar a Banda de Música do Tiro 226, atuou na sociedade civil como maestro da Orquestra Sinfônica da Sociedade Harmonia Lyra entre os anos 1920 e 1930 (HERKENHOFF, p. 138). Ampliando o cenário,

outras bandas associativas como a Banda Guarany e 28 de Setembro citadas anteriormente também não deixam sinais de atuação, e parecem subtraírem-se no universo musical da cidade.

Figura 18 – Desfile de aniversário de 75 anos da SGJ

Fonte: Sociedade Ginástica, 1858-1933, p. 29

A presença da Banda do 13º Batalhão de Infantaria conduzindo o desfile de 75 anos de aniversário da Sociedade Ginástica de Joinville em 1933 (fig. 18), e a ausência da Banda dos Bombeiros Voluntários, cujos laços associativos remontam a sua fundação, possivelmente dão pistas sobre a situação abrangente da banda do exército dentro da sociedade joinvilense. A profissionalização e o constante estado de prontidão musical da banda militar possivelmente podem ter levado a sociedade a um acomodamento na delegação de tais afazeres. De forma geral, a pesquisa demandaria aprofundamento, pois os dados levantados são tomados entre grandes espaços de tempo.

Outros informações sobre a atuação da Banda de Música foram registradas no *Jornal de Joinville* de 9 de julho de 1927, que informa sobre a participação da banda de música

na passeata em comemoração ao aniversário da corporação (JORNAL DE JOINVILLE, 9 jul. 1927, p. 1), e em duas atas dos Bombeiros Voluntários, datadas de 31 de agosto de 1927 e 28 de setembro de 1931, que ao relatarem resoluções sobre a mesma comprovaram sua existência. A primeira ata trata, entre outros assuntos, da compra e uso dos uniformes, e do aceite de novos membros:

> Reunião do Conselho Administrativo em 03 de agosto de 1927.
> ...Ficou decidido que se daria apenas 16 uniformes para a banda de música e que o conjunto de carros [da corporação] (?) seria ampliado. Também foi decidido que a banda de música não pode usar o uniforme sem autorização.
> Houve pedidos de adesão à banda de música por parte dos seguintes senhores: Curt Freissler, Alfredo Ravache, Leopoldo Schmalz, Paulo Grunewald, Raimundo Kiesewetter. Como membros passivos: Curt Woelke, Alfonso Ritzmann, Oscar R. Schneider, João Ribeiro de Souza, João Augusto d'Oliveira, Josef Stöberl, Fritz Hofmann, Gustavo Wolf, Heinrich Brinkmann, Willy Birkholtz, Johann Lamm, Rudolfo Meier... Os citados senhores foram aceitos...[Assinado] Friedrich Stoll Comandante Eugen Lepper Secretário (AT.CBVJ., 1927, p. 52)[5].

As resoluções tomadas pela diretoria dos Bombeiros Voluntários podem dar indícios de inadequado uso do uniforme, ou o reforço de regras para os 17 novos membros do grupamento recém-aceitos. Todavia, a aquisição de 16 uniformes, quase o mesmo número dos 17 novos membros, sendo este número também suficiente para a totalidade de um grupamento, juntamente ao fato de a data estar precedendo as

[5] Tradução: MSc. Helena Remina Richlin.

comemorações de independência, são dados no mínimo curiosos, que poderiam dar indícios da criação de novo grupamento dentro da corporação.

A ata seguinte do CBVJ de 28 de setembro de 1931, entre outros assuntos, tratou da direção musical. Contou com a presença de 07 músicos na sessão, os mesmos decidiram por não eleger nenhum maestro e perguntaram ao comandante da Corporação se gostaria de continuar como regente ou não. O texto não deixa claro se o comandante citado seria o da Corporação, pois este parecia estar presente à reunião; de qualquer forma as resoluções podem apontar para a informalidade das atividades do grupo ao transparecer instabilidade de direção musical. Novamente a data é sugestiva, pois a sessão ocorreu algumas semanas após as comemorações de independência, como se pode observar:

> Reunião do Conselho Administrativo em 28 de setembro de 1931.
> Para a reunião de hoje também foi convidada a banda de música, dentre os quais apareceram os senhores: W. Hucke, Ad. Schramm, Alfonso Meister, Willy Busse, Adolfo Müller e Hermann Kieper, o senhor Kiesewetter chegou atrasado. Como os músicos não quiseram votar nenhum líder dentre os que se fizeram presentes, o senhor Hucke ficou encarregado de, num prazo de oito dias, comunicar ao comandante, perguntando-lhe se gostaria de continuar a liderar os músicos ou não.
> [Assinado] Friedrich Stoll Comandante Eugen Lepper Comandante Secretário (AT.CBVJ., 1931, p. 65)[6].

Possivelmente a mesma banda foi registrada no documento que foi enviado por uma leitora ao jornal *A Notícia* de 5 de fevereiro de 2011 (fig. 19), para o caderno *AN*

[6] Tradução: MSc. Helena Remina Richlin.

Memória. Segundo ela, a foto correspondia à Banda dos Bombeiros Voluntários aproximadamente há 80 anos, em 1931. Um dos músicos reconhecidos próximo ao bumbo é Affonso Meister, citado na ata anterior.

Figura 19 – Banda dos Bombeiros Voluntários na década de 30

Fonte: A Notícia 12 jul. 2011, AN Memória, p. 12

Dentro do quadro de acontecimentos do período que engloba a Campanha de Nacionalização, a Banda de Música do Corpo de Bombeiros, ao que tudo indica, possivelmente não exerceu atividades, pois não fora encontrada referência com dados de participação em atividades sociais como cerimônias e apresentações para a comunidade. Sua atuação no sistema de alerta da corporação também seria substituída nesta mesma década, quando começou a ser usado o sistema de sirenes. No relato sobre o ambiente das comemorações dos bombeiros naquele período, Ternes esclarece que os festejos do cinquentenário dos bombeiros voluntários, comemorados em 1942, foram "tão rápidos como discretos" (TERNES, 2007, p. 23, 26).

2.1 FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DA BANDA DE 1967 A 1974

2.1.1 Civismo e celebração em 1967

A rearticulação da Banda dos Bombeiros Voluntários aconteceu em um ambiente histórico embalado pelas comemorações cívicas do país e pelas comemorações e festividades da própria Associação de Bombeiros Voluntários de Joinville. Na esfera nacional, as ruas apresentavam-se como palco de grandes espetáculos cívicos ou grandes "cultos" incentivados por um governo recém-formado através do golpe militar de 1964: "Em busca de um consenso nacional, o poder político investe nas lembranças das grandes datas, de maneira a encontrar no passado uma legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva" (RODRIGUES SILVA, s.d., p. 425). O país, e consequentemente a cidade de Joinville, foi incentivada a um intenso engajamento cívico, refletido na presença da população nos desfiles e atividades afins. Este clima de festividades é destacado na manchete do *Jornal de Joinville* em referência ao desfile de 7 de Setembro de 1967, quando se chegou a contabilizar um total de 30.000 pessoas que compareceram ao desfile cívico-militar:

> Vibrante manifestação de civismo e patriotismo do povo joinvilense na data máxima da pátria. Revestiu-se de maior brilhantismo o desfile cívico-militar de 7 de Setembro – cerca de 30.000 pessoas assistiram a imponente parada na Avenida Getúlio Vargas – Brilhante solenidade de encerramento na Praça da Bandeira (JORNAL DE JOINVILLE, 9 set. 1967, p. 1).

Se somados à importância dada pelas autoridades e entidades, a cobertura jornalística realizada pela imprensa e o comparecimento massivo do público, os desfiles eram eventos

que traziam o apelo à participação, e devem ter conferido sensações de diferenciação pública e de destaque ao participante. O jornal *A Notícia* chegou a usar termos religiosos como "culto" e "altar" para manifestar-se:

> Joinville renderá hoje seu culto de homenagem ao altar da Pátria.
> Grande desfile militar-escolar na Avenida Getúlio Vargas.
> TODO O POVO brasileiro vibrará, no dia de hoje, de intensa emoção cívica e patriótica, na evocação da epopeia histórica da Independência do Brasil, cujo evento, há 145 anos transformou a fisionomia política da nação para redenção de sua liberdade e da sua soberania.
> Em Joinville, como em todos os recantos do solo pátrio, os brasileiros renderão seu culto de homenagem ao altar da Pátria, reverenciando a memória dos heróis e precursores da Independência, que legaram à posteridade um país livre, íntegro e digno do civismo de seus filhos (A NOTÍCIA, 7 set. 1967, p. 1).

Dentro do universo comemorativo, a transformação da data do aniversário de Joinville em feriado, proposta pelo então prefeito municipal Sr. Nilson Bender, alargou as possibilidades de comemoração da cidade, como se pode verificar no texto do *Jornal de Joinville* de março de 1967:

> Prefeito municipal solicita decretação de feriado municipal do dia 9 de março.
> Ao que tudo indica estariam prevalecendo as opiniões favoráveis à decretação do feriado municipal de 9 de março, em homenagem à data de fundação de Joinville, admitindo-se mesmo que a Associação Comercial e Industrial de Joinville considera como ponto pacífico a homologação oficial dessa data consagrada ao evento histórico que assinalou o marco da civilização da Cidade dos Príncipes. Para que a

> população joinvilense possa participar ativamente das festividades comemorativas, emprestando-lhes maior brilhantismo, o Sr. Prefeito Municipal, Dr. Nilson Bender, vem submeter à Câmara de Vereadores mensagem pedindo a decretação de feriado municipal a data de 9 de março, cuja mensagem e projeto de lei acompanha, reproduzimos abaixo. Estamos certos de que os representantes do povo naquela Colenda Casa, estarão colaborando não só com o prefeito municipal, mas também se associando ao interesse da população local, que irá assistir as festividades com espírito mais despreocupado (JORNAL DE JOINVILLE, 7 mar. 1967, p. 6).

Pelo teor do texto, entende-se que existiu consenso de todas as partes, partindo da própria comunidade comercial e industrial da cidade. Ao povo "permitia-se" uma participação mais ativa e brilhante, já que poderia assistir aos cerimoniais de forma mais despreocupada. Este também se constituiu um aspecto significativo para os bombeiros voluntários e aos futuros músicos da banda da corporação, pois como cidadãos comuns, precisavam manter-se em seus afazeres de rotina durante os festejos, deixando os espaços de comemoração municipal às autoridades e aos contingentes militares e escolares. A ampliação deste universo comemorativo confirma as palavras de Souza, no qual os símbolos de poder e progresso compunham o "discurso homogeneizador" de prestação de homenagens que também atingia as entidades recreativas, esportivas e culturais com o objetivo de centralizar o poder e evitar a mobilização civil (SOUZA, 2005, p. 201-202, 214).

2.1.2 Ano do Bombeiro Voluntário

O ambiente histórico em que ocorreu a formação da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários entre os anos 1967 e 1974 é também coincidente com as comemorações de

75 e de 80 anos de fundação do Corpo de Bombeiros Voluntários. O texto de abertura da ata em forma de relatório de 31 de dezembro de 1967, do Conselho Administrativo da corporação, retratou de forma entusiasmada o ambiente e as realizações que ocorreram naquele ano, denominado "Ano do Bombeiro Voluntário":

> O que estamos apresentando neste relatório do Conselho de Administração é antes de tudo, o resultado de uma experiência nova, realizada dentro de um campo até hoje inédita nesta sociedade. Em outros termos, as realizações feitas no "Ano do Bombeiro Voluntário" são o fruto de uma ideia arrojada que se tornou realidade. Foi o esforço conjugado de uma equipe dedicada e de um período de vários meses de trabalho que resultou no que agora estamos apresentando. Os problemas já começaram a surgir quando a ideia do "Ano do Bombeiro Voluntário" nasceu face à perspectiva do 75º aniversário da corporação. Mas logo surgiram os incentivos e os apoios tão necessários para que eles pudessem pouco a pouco, ser superados. Estamos satisfeitos, portanto com o que alcançamos. E o sucesso do empreendimento, entregamo-lo ao povo de Joinville e de Santa Catarina que nos ensejou essa satisfação (AT.CBVJ., 1967, p. 136-137).

O texto do documento prossegue com agradecimentos à equipe da diretoria, mencionando sua dedicação, em especial os trabalhos da secretaria e da tesouraria, que "... também muito colaboraram para o sucesso do ano do Bombeiro Voluntário" (AT.CBVJ., 1967, p. 136-137). Mesmo não tendo informações mais detalhadas, pode-se cogitar que poderiam estar entre os objetivos da campanha, reforçar e incentivar o trabalho do bombeiro voluntário, talvez decorrente do decréscimo das atividades voluntárias e associativas, ou talvez tentar alcançar e informar uma população que recém chegara à

cidade, decorrente de recentes correntes migratórias. Neste sentido, a banda que pouco antes fora arregimentada se enquadraria dentro do grupo de novos voluntários, ainda não familiarizados com o cotidiano da corporação e de suas atividades.

A ata segue tratando do balanço financeiro, das doações e da colaboração da Prefeitura Municipal para a pavimentação do pátio da corporação e para a vinda da Banda da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina nas comemorações do 75º aniversário da corporação. Ainda tratou-se das subvenções com o Estado de Santa Catarina, de outras questões ligadas à manutenção e aquisição de equipamentos e do contato com o Governador Ivo Silveira, que segundo o jornal *A Notícia* de 15 de julho de 1967, veio participar pessoalmente das festividades (AT.CBVJ., 1967, p. 136).

2.1.3 Reatando uma antiga tradição

O assunto banda de música é deixada para parte final do texto da ata, exposto da seguinte maneira:

> Reatando uma antiga tradição dos Bombeiros, o Conselho de Administração acolheu com simpatia um movimento que visava a criação da Banda dos Bombeiros. Hoje com satisfação podemos incluir no relatório a existência (sic) da citada Banda, composta de 14 Bombeiros – músicos. Para concretização desse desiderato, foi facilitada a aquisição de instrumentos musicais, havendo a corporação cedido os uniformes de parada (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142).

O verbo "reatar", que introduziu o relato sobre a incorporação deste novo grupamento, intenciona conectar a Banda de Música diretamente com o passado, fazendo referência não somente à presença de uma banda de música em outros tempos da instituição, mas colocando-a e justificando-a no presente com o peso de uma "antiga tradição", que viria a

somar-se ao universo das comemorações. O secretário geral e relator deste texto possivelmente apontou para o passado em pelo menos três décadas, em algum momento anterior a 8 de junho de 1938, data em que a corporação sofreu a intervenção da Campanha de Nacionalização, e impossibilitou-a oficialmente de realizar manifestações ou eventos públicos (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142).

O texto da ata deixa transparecer que havia um movimento interno que almejava a criação do grupo, informação esta que entra em concordância com o depoimento de um ex-músico do grupamento, que afirmou que a atuação do bombeiro voluntário Ervin Birckholz foi decisiva na arregimentação dos músicos, indo visitar e convidar a liderança e componentes de uma banda de entretenimento chamada Bandinha União. Esta banda veio a tornar-se o grupo base da futura Banda dos Bombeiros Voluntários, confirmando que os músicos possuíam previamente alguma identidade entre si (SCHUWARZ JUNIOR, 2014).

2.1.4 Dos salões para a avenida

A Bandinha União, iniciada pouco antes da Banda dos Bombeiros Voluntários, era composta em sua maior parte por membros da família Rüdiger, e tinha por finalidade entreter musicalmente bailes, festas e comemorações diversas (fig. 20).

Provavelmente Birkholz também tenha sido o interlocutor na corporação para a rearticulação da banda, e quem fez os primeiros contatos entre os bombeiros voluntários e os músicos. Ele foi registrado fotograficamente em dois momentos, a primeira em frente à Bandinha União de Joinville em um baile na Sociedade Operário (fig. 31), confirmando que tinha contato mais próximo com o grupo, e a segunda carregando literalmente a bandeira do grupo no desfile realizado pelo grupamento em Timbó (fig. 34).

Figura 20 – Bandinha União de Joinville

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

A ata não chegou a informar quem seriam os 14 novos bombeiros músicos que compuseram o primeiro grupamento, tampouco foram localizados nos registros ou listagens oficiais da corporação, porém pela triangulação do conjunto de relatos com a comparação dos registros fotográficos do primeiro desfile de 7 de setembro (fig. 25) e da Bandinha União (fig. 20), pode-se elencar parte dos mesmos. Seriam eles: Eduardo Rüdiger (clarinete), Carlos Otto Oscar Rüdiger (trompete), Elfonso Rüdiger (trombone), Afonso Rüdiger (trompete), Edelberte Rüdiger (saxofone alto), Adolfo Germano Schuwarz (saxofone tenor), Ernesto Correia (eufônio), Hans Rüdiger (souzafone), Adolfo Germano Schuwarz Jr. (prato), Hermes Catafesta (caixa) e Sergio Catafesta (bumbo), entre outros.

Músicos como o trombonista Rolf Benno Müller, um dos depoentes, e o baterista Etwin Fischer entraram oficialmente no ano seguinte; ambos pertenciam a outro grupo musical também de entretenimento chamado Orquestra Fiação (fig. 21).

Figura 21 – Orquestra Fiação

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

A oficialização do grupo como Banda dos Bombeiros Voluntários pode ser sugerida, entre o período não identificado da realização da proposta e seu aceite oficial, possivelmente até final do ano de 1967, ratificando-se o ato na elaboração do texto final da ata. As apresentações registradas no ano de 1967 que se sucederam entre a proposta de criação e a aceitação do grupamento pela diretoria aconteceram no desfile de abertura da semana de comemorações de aniversário dos bombeiros no dia 9 de julho, e no desfile de 7 de setembro. Esta aceitação oficial permitiu que os ensaios, que antes aconteciam na casa de um dos componentes, localizada na zona norte da cidade, começassem a ocorrer na sede da corporação localizada na Rua Jaguaruna, no centro da cidade (SCHUWARZ JUNIOR, 2014). Os ensaios da Banda dos Bombeiros que se seguiram na corporação, aconteciam sempre no turno da noite, na quarta-feira, no mesmo dia da semana em que ocorriam os treinamentos dos bombeiros voluntários (RÜDIGER, C., 2014). O relato de um dos entrevistados descreve os momentos de confraternização que se sucediam entre os bombeiros

voluntários após o final de cada treinamento, ensaio ou apresentação (MÜLLER, R., 2013, 2014).

Os sentimentos de acolhimento e simpatia do relator da ata também devem sintetizar o pensamento do conselho administrativo da corporação, revelando nisto, a percepção de oportunidade de reativação do símbolo sonoro que poderia conferir um novo status à representatividade da corporação. A ata finalizou o assunto colocando as decisões finais tomadas pela diretoria, como a cessão de uniformes para os desfiles e a aquisição dos instrumentos musicais da nova banda de música (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142). Ainda explanando sobre ambiente comemorativo dos bombeiros voluntários, vale ressaltar que a Banda de Música estaria em atividade ainda nos festejos de aniversário de 80 anos da entidade que aconteceram em 1972 (JORNAL DE JOINVILLE, 8 set. 1972, p. 4).

Pressupõe-se que o incremento comemorativo dentro de um contexto nacional e dentro do movimento associativo dos bombeiros voluntários foi propício para criação da atmosfera e da situação que possibilitou a reorganização e incorporação da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários, ampliando as possibilidades e os espaços que permitiram a produção de sonoridades que atuavam diretamente no ambiente da corporação e da cidade. Nas palavras de Helenice Rodrigues da Silva, “as comemorações buscam, pois, nessa reapropriação do acontecimento passado um novo regime de historicidade, projetando-o em direção ao futuro” (SILVA. H. R., s.d., p. 436); neste conjunto de ações percebeu-se que a banda de música foi reconduzida ao presente, foi retirada dos acontecimentos do passado e contemporizada, eliminando a distância temporal.

2.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

2.2.1 Voluntários da música

Quanto ao registro dos componentes participantes, não foram encontrados relatórios ou registros oficiais contendo o número, nome dos músicos da banda e tempo de serviço dos mesmos na documentação do Corpo de Bombeiros Voluntários no período de 1967 a 1974. Segundo Rolf B. Müller, ele próprio encarregou-se de elaborar esta listagem, mas deve ter se extraviado com o passar dos anos (MÜLLER, R., 2013). Isto contribui para evidenciar certa desconexão administrativa do grupo em relação à entidade mantenedora. No entanto, a primeira informação oficial indica um número de 14 componentes (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142); outras chegam a mencionar um total de 17 participantes no ano de 1969, como a carta dirigida à população no *Jornal de Joinville* de 13 de julho de 1969, por ocasião do aniversário da corporação, na qual a diretoria relata à população alguns números da corporação. O abreviado relatório foi declarado em discurso do bombeiro Henry Schmalz em uma cerimônia de homenagem promovida pelo Lions Club Joinville-Centro:

> Lions Centro Homenageia Bombeiros
> Meus caríssimos Senhores: [...]
> Hoje o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, conta com cerca de 1600 sócios contribuintes, fazendo parte ainda do nosso quadro social, 200 indústrias e casas comerciais desta comuna.
> Contamos com um quadro de bombeiros bem treinados, composto de 67 homens, além de uma banda de música com 17 elementos (JORNAL DE JOINVILLE, 13 jul. 1969, p. 1, 6).

Levando-se em conta que não houve uma alteração substancial nos quadros da corporação de 1967 a 1969, o volume de novos ingressos que integraram a corporação era de

cerca de ¼ de seu contingente; relevante, considerando-se a quantidade de bombeiros operacionais existentes. Apesar da coexistência pacífica debaixo do mesmo "teto" associativo, a falta de informações oficiais que se seguiria parece apontar um distanciamento administrativo entre as partes. Percebeu-se que a cultura formativa de cada grupamento, forjada de forma diferenciada, contribuiu decisivamente para isso; neste sentido, a música atuou como elemento agregador.

Chegou-se também a cogitar a possibilidade de determinar o período que cada músico voluntário permaneceu no grupo, mas isto tornaria a pesquisa detalhada demais pela condição de recordação dos participantes, pouco produtiva e sujeita a imprecisões. No entanto, o que se pode perceber é que, apesar de manter-se um núcleo básico de componentes ao longo dos anos de 1967 a 1974, a partir dos registros fotográficos, verificamos mudanças mais substanciais no quadro de componentes entre 1969 e 1970 e entre 1971 e 1972. Um dos registros marca o retorno de alguns participantes do grupo da formação inicial a partir de 1972. No mais, as mudanças ocasionais de quantidade de instrumentos por naipe possivelmente foram decorrentes da própria dinâmica de rotatividade e disponibilidade dos membros participantes que caracteriza um grupo de atuação voluntária.

Os registros fotográficos apontam para números que variam entre 13 e 16 participantes por apresentação, como por exemplo, o desfile de 7 de setembro de 1972, ocasião em que a banda se encontrava com maior instrumentação ou número de componentes (16). O grupo estava composto por músicos que executavam clarinete (2), saxofone alto (1), saxofone tenor (1), trompete (2), trombone de pisto (2), eufônio (1) ou saxhorn (1), e souzafone (1). Na ocasião em questão, o naipe de percussão era reforçado por componentes que dobravam os instrumentos caixa-clara (2), surdo (2), bumbo (1) e par de pratos (1) (fig. 22).

Entretanto, foram as entrevistas que possibilitaram chegar ao conhecimento da quase totalidade dos participantes, contribuindo para elencar um total de 30 bombeiros músicos no período de 7 anos de atuação do grupamento entre 1967 e 1974.

As diversas entrevistas realizadas com alguns dos membros do grupamento criaram condições de rememoração, durante a qual cada nome de um ex-componente lembrado propiciava uma nova recordação que poderia levar a sucessivas lembranças e novos relacionamentos de situações vivenciadas entre os entrevistados. Os registros fotográficos também foram utilizados para ativação da memória e, quanto possível identificar, confirmar os dados levantados.

Figura 22 – Banda dos Bombeiros Voluntários, 7 de setembro de 1972

Fonte: Acervo de Rudolf Martin Filho

Estas conexões, construídas ao longo das entrevistas, consolidaram a seguinte listagem de bombeiros músicos e seus respectivos instrumentos executados:

Quadro 2 – Componentes da Banda do CBVJ, 1967 a 1974

Nº	Nome	Instrumento
01	Ademir Rolof	Bateria e percussão
02	Adolar Fidler	Trompete
03	Adolfo Germano Schuwarz	Saxofone tenor
04	Adolfo Germano Schuwarz Jr.	Clarinete
05	Afonso Rüdiger	Trompete
06	Alfonso Albrecht	Acordeon e percussão – prato
07	Alidor Krüger	Acordeon e percussão – bumbo
08	Alvaro Demóstenes	Saxofone tenor - clarinete
09	Alvino Rüdiger	Eufônio
10	Antonio	Saxofone tenor
11	Arno Zucke	Souzafone
12	Ati Aland	Saxofone alto
13	Carlos Otto Oscar Rüdiger	Trompete
14	Edelberte Rüdiger	Saxofone alto
15	Eduardo Rüdiger	Clarinete
16	Elfonso Rüdiger	Trombone
17	Ernesto Correia	Eufônio
18	Etwin Fischer	Bateria e percussão
19	Rubens Fischer	Percussão – surdo
20	Geraldo Zilsdorf	Trombone
21	Hans Rüdiger	Souzafone
22	Hermes Catasfesta	Percussão – caixa
23	Sergio Catafesta	Percussão – bumbo
24	José Domingos Moreira	Percussão – bumbo
25	Lauro Pasold	Trompete
26	Mario Cruz / Querino	Eufônio
27	Maurício	Trompete
28	Mequias C. Veloso	Percussão – caixa clara
29	Rolf Benno Müller	Trombone
30	Rudolfo Martin	Clarinete

Não se tem informação mais precisa para levantar os números de rotatividade e de permanência do grupo, mas é possível conjecturar, com base nos registros fotográficos, que aproximadamente 1/3 deste contingente de voluntários

relacionados permaneceu lastreando as ações do grupo na sua maior parte do período de atuação.

Marcos Aurélio de Lima, em sua dissertação de mestrado, chegou a traçar três perfis de atuação do voluntário. Apesar de o estudo focalizar os voluntários que dão suporte às ações de uma banda de música, como parentes e amigos da banda, pode-se aproveitá-lo convergindo-o às ações realizadas pelos músicos voluntários, com a finalidade de compreender parte deste universo. São eles: a) o voluntário ocasional – que participa em ocasiões mais específicas, como viagens, apresentações e concursos; b) o voluntário em caráter provisório – geralmente são profissionais que tem promessas de remuneração ou também aqueles que participam algumas vezes e depois se distanciam da atividade, por algum motivo qualquer ou falta de enquadramento; e c) o voluntário permanente, que acompanha todo o processo de formação da banda e está sempre pronto para servir dos ensaios às apresentações, viagens, concursos e organização (LIMA, 2000, p. 69).

Na observação dos perfis traçados e a realidade do grupamento, puderam-se identificar voluntários distribuídos nas três categorias: confirmou-se a existência de componentes ocasionais em virtude de situações e eventos específicos que levaram a mudanças de configuração instrumental; no perfil voluntário provisório, houve relatos como, por exemplo, "... isto não vai dar em nada" (SCHUWARZ, 2014), como se alguns integrantes esperassem algum benefício, principalmente financeiro; e por fim, no perfil voluntário permanente, cujos entrevistados enfatizaram sua consciente posição de voluntariado (MARTIN FILHO, 2014). Entretanto, mesmo estes tendo enquadrando-se como voluntários permanentes, têm sua participação condicionada a outras prioridades, com contingências, porém com responsabilidade e comprometimento.

2.2.2 Configuração instrumental

Comparativamente, em relação aos grupos musicais formados anteriormente, com configuração baseada em instrumentos de metal e percussão, nota-se na listagem dos músicos que a Banda dos Bombeiros Voluntários formada em 1967 passou a contar com instrumentos dos naipes das madeiras, como o clarinete, o saxofone contralto e o saxofone tenor. Esta modificação aconteceu possivelmente em decorrência da substituição do antigo sistema de alarme de incêndios por cornetas em 1938 pela sirene, que anteriormente criava uma demanda por instrumentistas que dominassem instrumentos de metal:

> Desde o século XIX, até por volta de meados do século passado, os bombeiros eram convocados por um sistema de cornetas. Em casas previamente escolhidas, as cornetas eram usadas nos casos de incêndio, avisando os voluntários da ocorrência de sinistro. Mais tarde, na década de 40, foi adotado o sistema de sirene central, que funcionaria até a década de 1970,... (TERNES, 2007, p. 23).

Esta modificação também fez com que os músicos da banda que, participando do sistema de alerta e assim da área operacional, pudessem se dedicar unicamente às funções cerimoniais e de entretenimento. Da mesma forma, baseado nas listagens de bombeiros voluntários operacionais que não acusaram a presença de músicos bombeiros, pode-se afirmar que nenhum músico da Banda de Música atuou ou teve envolvimento com as atividades ou ocorrências de emergência, nem obteve alguma formação de treinamento específico no período para este tipo de atuação.

Fundamentado no levantamento dos registros fotográficos, notou-se que a Banda dos Bombeiros Voluntários formada em 1967 atuava com uma base regular de

configuração instrumental, com modificações em decorrência dos tipos de atuação, em ocasiões diferenciadas como desfiles, paradas ou apresentações musicais como as retretas ou bailes. Na apresentação na TV Coligadas em 29 de novembro de 1969, por exemplo, o grupo compareceu com 13 componentes distribuídos da seguinte forma: clarinete (1), trompete (2), saxofone contralto (1), saxofone tenor (2), saxhorn (1), trombone (1), souzafone (1), acordeom (2), bateria (1) e percussão (1). Notou-se aqui que a mudança se deu na inserção de acordeons (2) e na redução do naipe da percussão (1) com a introdução da bateria (1). Apesar de apresentar-se nesta ocasião como Bandinha União, o exemplo pode retratar a mesma formação utilizada quando a Banda dos Bombeiros Voluntários executava repertório semelhante (fig. 23).

Figura 23 – Bandinha União na TV Coligadas de Blumenau em 1969

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

A adaptação instrumental e a mobilidade do grupo podem ser observados na comparação das figuras 23 e 24, esta última registrada no desfile de 7 de setembro de 1970. Nesta

ocasião o músico Alfonso Albrecht que atuava no acordeom (1º da direita) passava a tocar pratos e Alidor Krueger (1º da esquerda) a tocar bumbo, o baterista Rubens Fischer alternava para a caixa-clara e seu filho passava do apoio na percussão para o surdo. Segundo Rolf B. Müller, alguns músicos também atuavam alternadamente conforme a necessidade, entre o clarinete e o saxofone, entre o trompete e o trombone, entre outros (MÜLLER. R., 2013).

Figura 24 – Banda do CBVJ em 1970

Fonte: Acervo Adolfo Germano Schuwarz Jr.

Outro detalhe quanto ao posicionamento dos instrumentos em desfile denunciou a possível desinformação inicial ou mesmo inexperiência do grupamento. Na participação da banda no desfile de 7 de setembro de 1967 observa-se que os instrumentos souzafone (1) e o saxhorn (1) posicionaram-se atrás do naipe de percussão (fig. 25). O distanciamento dos naipes de instrumentos graves, acentuado pela intercalação dos instrumentos de percussão, provavelmente deve ter causado desconforto acústico, para não se falar em desencontro entre as partes.

Figura 25 – Banda dos Bombeiros em 1967

Fonte: Acervo de Carlos O. Rüdiger

Comparando-se os próximos registros fotográficos, demonstra-se que se alteraram as posições, seguindo o padrão empregado pelas bandas militares que dispõem os instrumentos de metais graves, especialmente o souzafone, na vanguarda do grupamento. Manuela Areias Costa, discorrendo sobre a capacidade das bandas civis em apropriarem-se de padrões militares, esclarece:

> Sobre a instrumentação, as bandas são conjuntos que se caracterizam pelo emprego de sopro e percussão. Ao longo do século XIX e XX, os instrumentos foram adaptados na medida em que foram se tornando cada vez mais modernos e performáticos. Buscamos observar que as bandas civis se apropriaram, até mesmo, de instrumentos de bandas de corporações militares. Fato que se comprova pela utilização de instrumentos que possuem a capacidade de projeção em ambientes abertos e que podem ser tocados por músicos em movimento (COSTA, M., 2011, p. 255).

As configurações da banda dos bombeiros nos eventos posteriores apontam que podem ter ocorrido apropriações de informações de práticas de bandas militares também quanto ao posicionamento em desfile, já que esta se constituía da única referência à disposição para a recém-criada Banda dos Bombeiros Voluntários.

2.2.3 Uniforme

Se compararmos o procedimento em relação ao uniforme, tradicionalmente adotado e praticado pela corporação no passado com o período de 1967-1974, notamos que este pode abalizar o assunto quanto à sua utilização pela Banda de Música dos Bombeiros Voluntários.

Independentemente de ser uma força de ação civil, os bombeiros voluntários priorizaram o uso do uniforme desde sua fundação. Isto foi relatado em uma das primeiras reuniões que aconteceram logo após sua fundação em 13 de julho de 1852:

> Na seguinte reunião, a 1.º de agôsto, o Sr. Abdon Batista, em nome da Intendência Municipal, apresentou a quantia de 2:100$000 para aquisição de uma bomba e o material necessário, ficando, porém, o equipamento pessoal e uniforme por conta particular de cada bombeiro (FICKER, 1965, p. 339).

O uso do uniforme foi também destacado nos acontecimentos da Revolução Federalista, em 1893. O narrador era Alexandre Doehler, sócio ativo do Corpo de Bombeiros:

> Nosso Comandante de Bombeiros, Sr. Felix Heinzelmann, dispôs imediatamente sobre guardas e patrulhas. Juntamo-nos em menos de 10 minutos, cêrca de 40 homens uniformizados,

em frente ao prédio da Diretoria da Sociedade Colonizadora (FICKER, 1965, p. 342).

Figura 26 – Banda do CBVJ no início do século XX

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville

Na listagem de membros ativos, que iniciou em 1905, a Banda de Música também mantinha o mesmo procedimento de controle de equipamentos e uniformes adotado para outros grupamentos dentro da corporação (fig. 15). Nota-se no quadro 3 que os membros do *Musik-Corps* prestavam controle de equipamentos como capacete (*Helm*), cinto de serviço (*Dienstgurt*), cinto de desfile (*Paradegurt*), machado (*Beil*), apito (*Pfeife*), corda de serviço (*Dienst Schnur*), corda de desfile (*Parade Schnur*), dragonas ou ombreiras (*Achselstücke*).

Uma comparação bastante significativa que se verifica através desta mesma planilha é a atuação do grupamento musical como bombeiros operacionais. Pela descrição dos equipamentos, como cordas de serviço, cintos de serviço e machadinhas, nota-se que os bombeiros músicos estavam equipados para participar de ações operacionais de incêndio, o que não ocorreu com o grupamento formado em 1967.

Ao que parece, estes utensílios deveriam compor-se ao uniforme que era de responsabilidade do próprio bombeiro ou músico, como verificado na decisão da reunião de 13 de julho de 1892 (GUEDES, OLIVEIRA, OLSKA, 2008, p. 41).

Quadro 3 – Controle de bombeiros e materiais iniciado em 1905[7]

Banda de Música													
N.	Nome	Capacete	Cinto de serviço	Cinto de desfile	Machado	Apito	Corda de serviço	Corda de desfile	Dragonas	Serviço	Desfile	Data de entrega	Data de devolução
1	Adolf Trinks	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	15-6-1906	
2	E. Emmerlich	1	1	1	1	1	2	1	2			15-5-1906	
3	Otto Wiese	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	15-5-1906	
4	O. Schroeppe	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	18-9-1907	
5	J. Ruzanowsky	1	1	1	1	1	2	1	2		1	11-8-1908	
6	Henrique Collin	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	10-6-1908	
7	J. Kösemodel	1	1	1	1	1		1	2		1	21-9-1908	
8	Friedrich Reu	1		1	1	1		1	2		1	07-7-1909	
9	Albin Kolbach	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	07-2-1906	
10	Johann Paul	1	1	1	1	1	2	1	2	1	1	21-9-1908	

A utilização destes equipamentos em conjunto com o uniforme e a padronização do grupamento da Banda de Música com outros grupamentos dos bombeiros é notada em alguns registros fotográficos (fig. 26). Entretanto pode-se observar que a banda de música desfilava com uniforme diferente do grupamento de bombeiros voluntários no registro fotográfico de um desfile ocorrido em 1910 (fig. 16). Como não se tem maiores informações sobre o desfile em questão, pode-se deduzir ser um acontecimento diferenciado, em que até a banda de música não seja oficialmente a dos bombeiros, já que os próprios músicos transitavam entre diversos grupos. O detalhe da foto está na utilização de armas (*Gewehr)* por parte dos bombeiros voluntários, material também relacionado na listagem de controle de equipamentos (fig. 15).

[7] Original em alemão. Documento traduzido pelo autor da pesquisa.

O assunto “uniforme” da banda de música ocupou a pauta da reunião da diretoria do Corpo de Bombeiros Voluntários de 03 de agosto de 1927. Além de enfatizar a responsabilidade sobre o uso do mesmo sem autorização, ficou resolvido que seriam destinados 16 uniformes para uso do grupamento (AT.CBVJ., 1927, p. 52). A resolução entrava em conformidade com o regulamento disciplinar da sociedade, que se apresenta em versão traduzida em 1939:

> Leis de Disciplina do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Art. 3º - Os Sócios devem comparecer a qualquer serviço com o fardamento completo. Art. 19º - O uniforme indicado só poderá ser usado durante o serviço, nas Assembleias Gerais e em ocasiões de festas (REG.CBVJ., 1939, p. 16, 19).

Desta forma verificou-se que as poucas deliberações sobre o assunto “uniforme” no Corpo de Bombeiros anteriores a 1967 deixam transparecer que a utilização do mesmo deveria ser obrigatória nas atividades da corporação.

A segunda atuação registrada da Banda de Música formada em 1967 aconteceu no dia 7 de setembro do mesmo ano. Nesta apresentação, o uniforme utilizado era composto de calça azul marinho, sapatos pretos, camisa branca e quepe preto. Com exceção do quepe, percebe-se que este uniforme era idêntico, ou até o mesmo utilizado pelo grupo de músicos arregimentados em suas apresentações como Banda União (fig. 26). Como se pode observar o uniforme da banda de música não estava padronizado com o uniforme da corporação, que se posiciona logo atrás no desfile. Possivelmente esta foi a forma encontrada para que o grupo, ao acrescentar um quepe ao tradicional uniforme de Bandinha União, pudesse participar uniformizado no desfile. A falta de padronização com a corporação pode dar indícios do caráter cauteloso, experimental ou até simplificado com que a corporação permitiu que estas primeiras interações acontecessem. Vale

notar que o uniforme utilizado pela corporação em eventos sociais era o novo uniforme de gala, que tinha recém sido estreado no baile de comemoração de 75 anos como fora informado no Jornal *A Notícia* de 15 de julho do corrente ano:

> A Notícia na Sociedade
> Toda a população está em festa com as comemorações que se realizam pela passagem do 75º aniversário de fundação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Tratando de uma entidade que honra sobremaneira a nossa terra e nossa gente é justo que deixemos aqui registrado os nossos cumprimentos aos componentes do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, por esta tão significativa efeméride. Podem os mesmos ficar certos que toda a Joinville se orgulha de tão dignos filhos. O baile de hoje à noite, que culminará com os festejos da referida entidade, realizar-se-á nos salões da Liga de Sociedades. Na ocasião a corporação estreará o novo uniforme de gala (A NOTÍCIA, 15 jul. 1967, p. 4).

Essa situação não é de todo esclarecida, já que a ata que relata os principais acontecimentos do ano de 1967 apresenta o seguinte conteúdo: "Para concretização desse desiderato, foi facilitada a aquisição de instrumentos musicais, havendo a corporação cedido os uniformes de parada" (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142). Caso a corporação tenha realmente cedido uniformes, estes não correspondiam ao padronizado nos desfiles, solenidades e ocasiões oficiais.

De acordo com as apresentações registradas fotograficamente, o uniforme denominado de parada ou de gala consistia de sapato preto, calça cinza, cinto, camisa branca, gravata, jaquetão azul escuro e quepe branco. Estes mesmos registros também confirmaram que este modelo de uniforme

foi utilizado pela Banda de Música de 1969 até o ano de sua dissolução em 1974 (fig. 24).

Segundo relato de um dos ex-motoristas da corporação, que por vezes era encarregado de transportar a Banda de Música, o uso do nome e do uniforme da corporação, símbolos de prestígio e de destaque junto à comunidade, "abria portas" para contratação de serviços musicais externos e atividades musicais particulares do grupo de músicos, o que chegou a causar desgaste entre a direção dos Bombeiros Voluntários e a Banda de Música, levando a uma rigidez maior do comando da corporação sobre esta questão (STUEWE, M., 2014).

Alguns componentes da banda, ao serem interrogados a respeito, não demonstraram o mesmo entendimento da situação, pelo menos a ponto em que a situação levasse a causar maior constrangimento (SCHUWARZ JUNIOR, A., 2014). Pelo contrário, os componentes entrevistados da banda de música lembram e reiteram sobre as instruções passadas ao grupamento pelo chefe Rolf B. Müller, como o respeito, uso adequado e tratamento do uniforme (MARTIN FILHO, R., 2014). Neste sentido o uniforme era um potente aliado na moldagem de comportamentos de um grupo de músicos não familiarizados com os procedimentos internos da corporação.

A questão, longe de ficar esclarecida, que talvez não tenha envolvido todo o grupamento, pode sinalizar os conflitos internos existentes entre os grupamentos de bombeiros voluntários operacionais e bombeiros voluntários músicos. De um ponto de vista muito simples e parcial, via-se um grupamento de voluntários comprometidos com a causa, que vestiam o fardamento incorporando a figura do bombeiro "herói" que salvaguarda a comunidade, e um grupamento de voluntários músicos que vestiam o fardamento para atuar em momentos sociais de maior prestígio. É provável que o irregular uso do uniforme por parte de alguns componentes do corpo musical possam ter provocado e agravado certos antagonismos.

No mais, ficou assinalado nos depoimentos que os membros da Banda de Música estavam submetidos às mesmas regras quanto ao uso do uniforme que os bombeiros voluntários operacionais, por exemplo, entregavam seus uniformes assim que se desligassem do grupo ou após a dissolução do grupamento (RÜDIGER, C., 2014), conforme o regulamento disciplinar da sociedade, que dizia o seguinte:

> Regulamento Disciplinar da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville
> Art. 3º - Os Sócios Ativos devem comparecer a qualquer serviço da Sociedade com fardamento completo sempre que possível.
> O comparecimento devidamente uniformizado a festas e formaturas da Corporação é obrigatório.
> Art. 14º - O respectivo Chefe de Seção é responsável pelo estado perfeito das peças do uniforme entregues aos Sócios Ativos. O fardamento recebido deve ser certificado pelo Sócio Ativo, e em caso de demissão, depois de uma revisão pelo chefe de seção, entregue em boas condições ao zelador dos apetrechos (REG.CBVJ., 1966, p. 23, 25).

Da mesma forma ao rememorar acontecimentos dos componentes ligados ao grupamento musical foi possível detectar a intensa vida social proporcionada pelo status conferido ao uniforme dos bombeiros voluntários. Demonstrando o quanto o uniforme é depositário de valores e expectativas, o depoimento de um ex-integrante da banda, e ainda bombeiro voluntário, descreveu com emoção e pesar o momento que entregou o uniforme após a dissolução da Banda de Música. Percebeu-se em suas palavras que este ato marcou simbolicamente o encerramento do sonho e também a tristeza por não ter mais condições de continuar a exercer esta função musical dentro da corporação. O mesmo relatou que na ocasião alguns bombeiros voluntários mais próximos não permitiram

que o músico entregasse o uniforme, incentivando-o a continuar como bombeiro voluntário. O uniforme da banda de música ficou cuidadosamente guardado em seu armário (MÜLLER, R., 2013).

A recuperação de informações sobre o percurso histórico do uso do uniforme dentro da corporação dos Bombeiros Voluntários de Joinville faz notar a valorização dada por esta organização ao uso do mesmo desde o início de sua fundação. A regularidade do seu uso é proveniente dos movimentos associativos germânicos de origem paramilitar independente iniciados no século XIX, como as associações de tiro e de ginástica (SEYFERTH, 1982, p. 24-25).

Assim alinhando-se à ideologia militar, o mesmo uniforme, símbolo de prestígio e distinção social, carregava sobre si os signos de submissão, assimilação de comprometimento e deveres corporativos. Desta forma, é provável que o uniforme com toda sua carga de comprometimento tenha favorecido a disciplina, a ordem e o controle, por conseguinte facilitado a rápida incorporação e assimilação dos músicos que constituíram a Banda dos Bombeiros Voluntários no período de 1967 a 1974 (FARIAS, 2010, p. 263).

2.2.4 Repertório

Para pesquisa e levantamento do repertório da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários, teve-se como referência o material encontrado em posse do clarinetista Adolfo Germano Schuwarz Junior, músico cuja trajetória foi iniciada ao lado do pai na Banda dos Bombeiros Voluntários e na Bandinha União de Joinville. Também foram encontrados repertórios em posse dos músicos Rolf B. Müller e Carlos O. Rüdiger, mas como se encontravam de forma fragmentada optou-se por aprofundar o estudo do material pertencente a Germano Schuwarz Junior. Desta forma a opção foi justificada então pelo próprio conjunto

dos dados e também pelo recorte temporal. Este recorte corresponde ao período de 1967, quando o músico iniciou sua atividade na Bandinha União e na Banda dos Bombeiros Voluntários, com 13 ou 14 anos de idade, e termina entre 1972 e 1973, quando se afastou do grupamento para alistar-se e posteriormente engajar-se como músico da banda do exército aos 18 anos.

2.2.4.1 O acervo de Adolar Germano Schuwarz Junior

O acervo é composto por cinco cadernos pautados de 40 folhas cada. Como não existe alguma ordem ou classificação determinada, os cadernos foram nomeados e numerados na ordem de 1 a 5 com a finalidade de melhor localizá-los na pesquisa.

Do conjunto de cinco cadernos, confirmou-se que dois eram usados por Adolfo Germano Schuwarz Junior, que tocava clarinete, e dois eram utilizados por seu pai, o saxofonista Adolfo Germano Schuwarz. Nenhum dos cadernos continha partituras (grade) dos títulos, somente partes individuais, fato que inibe o entendimento e a execução das obras, reiterada pela dificuldade de encontrar-se o conjunto integral de partes.

Estavam assim distribuídos: o caderno nº 1, contendo 50 partes manuscritas com a mesma caligrafia, que pelo nome constado na capa de frente pertencia a Adolfo Germano Schuwarz. Observou-se que 21 partes deste caderno encontravam-se modificadas apenas para uma tonalidade. As modificações ou padronização de tonalidade, segundo informação de Adolfo Germano Schuwarz Junior, tinham por finalidade facilitar a execução de alguns componentes do grupo (SCHUWARZ JUNIOR, 2014). Este caderno apresenta apenas uma parte com datada de 31 de janeiro de 1970 e outra incompleta.

Pela capa verificou-se que o caderno nº 2 pertencia a Adolfo Germano Schuwarz Junior, tendo logo abaixo de seu

nome a notação “Bandinha União de Joinville SC”. Este caderno continha 40 partes manuscritas com caligrafia diversificada, das quais 28 apresentaram datação entre os anos 1970 e 1972, e 24 indicações de 1º e 2º clarinete ou simplesmente clarinete em si bemol, confirmando o instrumento que o músico executava.

O caderno nº 3 também pertencia a Adolfo Germano Schuwarz Junior e continha um total de 50 partes manuscritas com várias caligrafias, das quais 15 constavam datação entre 1969 e 1971 e 11 com indicação variada de 1º, 2º ou clarinete em si bemol.

O caderno nº 4 não possuía a primeira capa, não assinalando diretamente a quem pertencia, mas 22 das 28 partes incluíam indicação para saxofone tenor em si bemol, instrumento executado pelo pai de Adolfo Germano Schuwarz Junior, que possuía o mesmo nome. O caderno apresentava caligrafia variada e 23 partes datadas entre 1970 e 1971.

O quinto caderno possuía poucas e diversificadas anotações, sem algum registro musical consistente.

O total de registros de partes encontrados nos 04 primeiros cadernos é de 168; levando-se em conta os 25 títulos coincidentes entre os cadernos de clarinete e saxofone, chegou-se a apurar 141 títulos.

Nos casos em que se apresentaram a data nas partes, notou-se que esta correspondia à data da cópia realizada. Comparando-se as cópias ou transcrições realizadas entre os cadernos de saxofone e de clarinete, verificamos, por exemplo, que a marcha "*Eu te amo meu Brasil*, foi copiada em 25 de janeiro de 1970 para o clarinete e em 27 do mesmo mês para o saxofone tenor.

Pelo acervo observou-se que o hábito de anotar a data da realização da cópia das partes nestes cadernos iniciou-se em 1969 e seguiu-se até 1972, chegando-se a um total de sessenta e oito partes datadas, ratificando o tempo que os músicos participaram das atividades do grupamento, e parcialmente

correspondente ao tempo de atuação do grupo entre os anos de 1967 e 1974. Destas partes musicais datadas, 02 foram copiadas em 1969, 34 em 1970, 30 em 1971 e 1 em 1972; levando-se em conta a execução mais imediata do repertório decorrente do próprio pragmatismo do grupo, isto pode distinguir os anos de 1970 a 1971 nas questões de introdução e inovação de repertório.

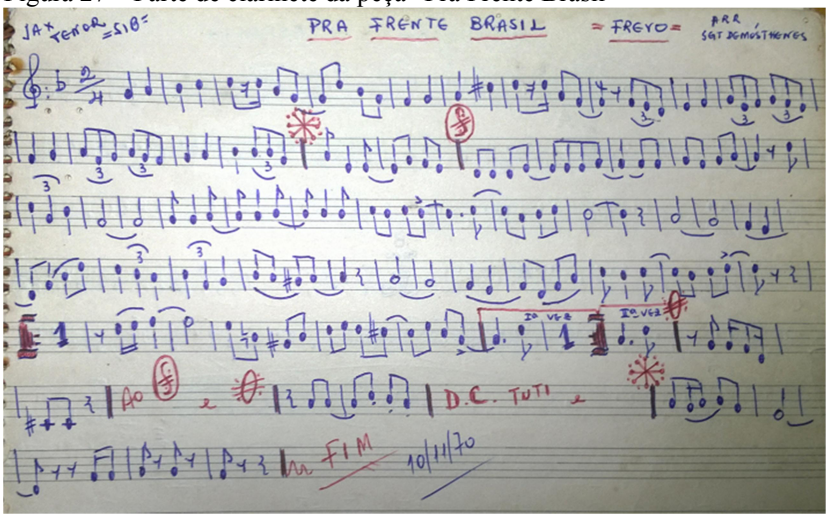
Quadro 4 – Quadro de classificação dos cadernos do acervo

Caderno	Instrumento	Partes	Tipo de registro e data	Acervo	Obs.
01	Saxofone Tenor	50	Manuscrito único 1970	AGS	21 peças em Si Maior
02	Clarinete	40	Manuscrito diverso 1970 a 1972	AGSJ/ B. União	1º e 2º clarinete, e clarinete em Si bemol
03	Saxofone tenor	50	Manuscrito diverso 1969 a 1971	AGSJ	1º e 2º clarinete, e clarinete em Si bemol
04	Saxofone tenor	28	Manuscrito diverso 1970 a 1971	AGS	Saxofone tenor em Si bemol
05	Não identificado	00	Manuscrito diverso	AGSJ	Anotações diversas
Total de partes		168			
Títulos coincidentes		25			
Total de obras		143			
Total de partes com datação		68	1969 a 1972		

O único registro que apresenta um arranjador atuando no próprio grupo é verificado no manuscrito de *Pra frente Brasil;* neste caso, o saxofonista e clarinetista Demóstenes, tenente do exército, que segundo Germano Schuwarz Jr.,

também contribuía com repertório da banda do exército para o grupamento (CAD.PART. 4, p. 7; fig. 27).

Figura 27 – Parte de clarinete da peça “Pra Frente Brasil”



Fonte: Acervo Adolfo Germano Schuwarz Jr. 4

Dos 143 títulos que compõem o acervo, 109 títulos possuem alguma espécie de classificação por gênero musical anotado ou identificado no próprio título. Em relação ao número de classificações, variações e sobre o correto emprego de suas delimitações, a autora Marília Giller, em seu trabalho sobre a *jazz-band* no Paraná, comenta que “a quantidade de classificações encontradas são típicas da efervescência do momento, são inúmeras combinações que confundem qualquer pesquisador, desafiando até, quais seriam os limites entre um gênero e outro” (GILLER, 2013, p. 121-122). Da mesma forma, Alexandre Schneider quando se utilizou dos gêneros musicais para reconstrução do repertório da Banda de Música da Sociedade de Amor à Arte, procura esclarecer “que as fronteiras entre tais gêneros são bastante nebulosas” (2011, p. 55), podendo também ser chamados de gêneros híbridos,

resultantes do cruzamento de ritmos e de temperamentos. Os demais 34 títulos do acervo não possuem nenhuma indicação de gênero.

Assim, para elaboração do quadro que se segue, foram utilizados, em ordem decrescente de quantidade, os 22 gêneros e 11 variações de classificação adotadas pelo próprio grupo ou músicos responsáveis pelo repertório, como foram encontrados no acervo:

Quadro 5 – Quadro de classificação de partituras

Gênero	Variação	Quantidade
Não classificadas		34
Valsas	01 valsa choro 01 valsa lenta	23
Marcha	01 marcha de carnaval 01 marcha rancho	18
Samba	01 samba lento	10
Bolero	01 bolero mambo	08
Twist	01 twist lento	08
Baião		06
Foxtrot	01 fox polka	06
Polka		05
Ländler	01 Ländler Polka 01 Reinländler	05
Dobrado		03
Schottisch	01 Xote	03
Chopp		02
Mambo		02
Rancheira		02
Maxixe		01
Choro		01
Balada		01
Rumba		01
Habanera		01
Swing		01
Frevo		01
Yeyeye		01
Total de títulos		143

2.2.4.2 O repertório cerimonial

Ao analisar o acervo, um dos objetivos foi localizar as obras que estavam relacionadas aos atos cerimoniais e desfiles comemorativos, atuando como demarcador sonoro da instituição Bombeiros Voluntários de Joinville. Muito embora estes universos de ação não sejam tão estanques entre si, pois a própria Banda dos Bombeiros Voluntários atuava, entre outros lugares, nos bailes da própria corporação, houve necessidade de assimilação de repertório adicional que demarcasse a sua presença no mundo dos eventos comemorativos oficiais.

Como se verificou, o acervo Adolfo G. S. Junior não deixa claro quais seriam as delimitações entre o repertório executado pela Banda dos Bombeiros e pela Bandinha União. Confirmando a informação, o próprio músico também relata que não existia um conjunto de peças especialmente separado para os Bombeiros Voluntários; o material musical era compartilhado pelos dois grupamentos, provavelmente acrescido quando necessário, de marchas, dobrados e hinos na atividade da Banda dos Bombeiros Voluntários (ENTR.AGSJ., 2014).

Assim verificando os gêneros musicais relacionados, o quadro anterior elege o entretenimento como situação e espaço social que demandava maior volume de repertório executado. Os espaços de atuação como bailes e domingueiras aconteciam em maior quantidade, e como evento em si tinha duração de algumas horas, necessitavam de um tempo muito maior de execução musical comparado a outras atividades do grupamento.

Como repertório, a valsa encabeça a lista de gêneros contendo cerca de 25 títulos, seguida de outros 20 gêneros ligados à dança que somados chegam a um total de 68 títulos. As informações coletadas sobre o repertório coincidem com os relatos sobre a utilização deste tipo de repertório como referência também na formação da maioria dos músicos.

Dos gêneros elencados, dois podem enquadrar-se dentro da atuação oficial da Banda dos Bombeiros, são eles, a marcha que detém 18 títulos, excluindo 3 marchas não relacionadas como as marchinhas de carnaval seriam 15, e os dobrados com 3 títulos, totalizando 18 obras. Não consta no acervo, mas foi citado em entrevista o ensaio e a execução do *Hino Nacional Brasileiro*, comentado como obra de complexidade técnica para um grupo de músicos da banda (STUEWE. A., 2014).

Segue-se o quadro de obras, elaborado juntamente com possuidor do acervo, no qual possibilita a noção do repertório de marchas, dobrados e hinos executados pela Banda dos Bombeiros Voluntários:

Quadro 6 – Listagem do repertório da Banda do CBVJ

Nº	Título	Compositor/ Arranjador/Obs.	Gênero	Data
01	*São Paulo Quatrocentão*		Dobrado	28/05/1970
02	*Jovens em marcha*		Marcha	01/06/1970
03	*Dobrado Maratá*		Dobrado	
04	*Pot pourri de marchas*		Marcha	27/10/1970
05	*Eu te amo meu Brasil*		Marcha	25/01/1971
06	*Deutschmeister*	*The Favorite Regiment*	Marcha	08/07/1971
07	*Independência*		Dobrado	
08	*A Banda*		Marcha	
09	*Cidade dos Príncipes*		Marcha	
10	*Tenente Paranhos*		Marcha	
11	*Música e mais música*		Marcha	
12	*Gavião*		Marcha	
13	*Anersberger*		Marcha	
14	*Russel Pussel*		Marcha	
15	*Lembrança de Florianópolis*		Marcha	
16	*Hoch Heidecksburg*		Marcha	08/07/1971
17	*Velhos camaradas*		Marcha	
18	*Duas Águias*	J. F. Wagner	Marcha	
19	*Hino Nacional Brasileiro*	Não pertence ao acervo de A.G.S.J. (citado em entrevistas)		

Confrontados com os demais depoimentos das entrevistas realizadas, alguns dos títulos elencados vieram à tona e desta forma puderam ser confirmados, entre eles listam-se *Velhos Camaradas*, *Duas Águias*, *Lembrança de Florianópolis*, *Tenente Paranhos* e *Independência*.

O contato com a música composta na região é marcada pela presença da marcha intitulada *Cidade dos Príncipes* (1961), copiada sem indicação do compositor (CAD.PART. 1, p, 31). Mais tarde verificou-se que a peça era de autoria do compositor e bandeonista joinvilense Arinor Volgelsanger (1936-2005). Gravada e divulgada com sucesso nas rádios em meados dos anos 60, a peça também é um dos exemplos do repertório atualizado do grupamento. O título *Cidade dos Príncipes*, ligado à cidade de Joinville, é um exemplo de narrativas (re)construídas da memória da imigração (NOTÍCIAS DO DIA, 25 jun. 2014[8]).

Nota-se que a presença de repertório com temas patrióticos se alinhava com o movimento do verdeamarelismo, reforçado e revigorado nos anos da ditadura do golpe de 1964. São exemplos destas composições em voga o dobrado *São Paulo Quatrocentão*, que exaltava a exibição das grandes cidades e dos arranha-céus do país (CHAUI, 2007, p. 40-41), *Brasil Tropical*, *Jovens em marcha*, *Pra frente Brasil* e *Eu te amo meu Brasil*. Somou-se a este repertório a composição *Lembranças da Pátria* e *Aquarela do Brasil* que, segundo Furtado Filho, "ajudou a definir o formato e o nicho do samba exaltação" (2010, p. 274). Estes títulos, com exceção de *País Tropical* no qual não consta data de inserção, foram incorporados ao repertório da Banda entre maio de 1970 e janeiro de 1971 (CAD.PART. 2, p. 12-13; 3, p, 43-48).

A identidade do grupo vinculada à sociedade germânica é também identificada no repertório, no qual se encontram

---

[8]http://ndonline.com.br/joinville/plural/177951-relembrando-kruger-e-vogelsanger.html. Acesso em 14 fev 2015.

aproximadamente 20 títulos ligados à língua ou a esta tradição. No entanto, ao confrontarmos este número com o montante do repertório, percebeu-se que a grande quantidade e diversidade de gêneros encontrados refletem o caráter prático do grupo na adaptação ao gosto do público e às diversas situações. Estas negociações culturais, segundo Lutero Rodrigues, acabam sendo o "resultado do esforço das bandas para atrair um novo público, muito mais acostumado com as músicas veiculadas pelos grandes meios de comunicação de massas" (2008, p. 87).

2.2.5 Aspectos da formação musical

Salientando as diferenças entre bandas civis e bandas militares, Marco Aurélio de Lima destaca que nas bandas militares "os músicos já ingressam com conhecimento musical" (LIMA, p. 88), cujos parâmetros são estabelecidos nos exames de ingresso da corporação. Por sua vez, na maior parte das bandas civis, os componentes chegam com os mais variados níveis de conhecimento musical ligado à execução instrumental ou à leitura da notação musical, habilidades estas não necessariamente interligadas. Lilia Neves Gonçalves comenta que uma banda de adultos normalmente é formada por componentes que tocavam anteriormente em outros grupos, e que tiveram sua formação musical e instrumental com professores de música, com membros da família ou ainda com amigos, colegas e vizinhos (GONÇALVES, 2007, p. 101).

O conjunto de entrevistas revelou uma série de informações que, se não sistemático e não formal, permitem traçar o cenário de formação musical de boa parte dos componentes da Banda dos Bombeiros Voluntários. Dentro do conjunto de informações e acontecimentos que vieram à tona e que tiveram maior abrangência nos relatos podem-se citar a formação familiar; o relato de formação de dois componentes da banda de música; as localidades onde aconteceu o processo

de formação musical e o consequente deslocamento e migração e a banda de música atuando como elemento formador.

2.2.5.1 Família

O grupo de músicos que formaram a Banda dos Bombeiros Voluntários de 1967 era constituído por instrumentistas amadores que tinham, em sua maioria, no convívio com a família e círculos sociais compostos pelos amigos, vizinhos e comunidade a base de sua formação musical e também sua complementação. É interessante notar que a figura do professor de música e do mestre de banda, marcante no desenvolvimento musical de banda de instrumentos por toda a abrangente complexidade deste "serviço" como regente, ensaiador, compositor e arranjador, foi citada somente em algumas situações pontuais pelos entrevistados, em nenhum momento como processo de formação. As entrevistas pontuaram alguns casos apenas que possivelmente houve atuação regular de professores de música ou mestres de banda, como é o caso do músico Adolar Fidler que teve aulas em São Bento do Sul e de Álvaro Demóstenes e Mario Cruz com formação no exército (MÜLLER, 2014).

Como o número de professores deveria ser reduzido, percebe-se que "a formação musical dos integrantes da banda tenha ocorrido devido à estrutura de aprendizado que predominava a região" (SILVA, C. F., 2009, p. 104), neste caso a família e as redes de amizades.

Não é possível determinar com precisão a formação musical de cada componente que participou da Banda dos Bombeiros Voluntários, mas as entrevistas apontam para o envolvimento familiar em boa parte do grupo que iniciou os trabalhos.

2.2.5.2 Trajetórias de formação

Como um exemplo deste deslocamento verifica-se a trajetória de Rudolfo Martin Filho. Em seu depoimento ele conta que pertencia a uma família de agricultores ligados ao cultivo de arroz e passou mais tarde a atuar como operário de uma fábrica de carrocerias de ônibus em Joinville. Neste intervalo de tempo, entre seus 22 e 28 anos, participou da Banda dos Bombeiros. Conta como se deslocava da localidade de Brüderthal, no interior de Guaramirim, para participar dos ensaios e das apresentações do grupamento entre 1967 e 1974. Seu depoimento relata o ambiente de aprendizagem musical em família e em sua comunidade rural:

> Aquela época era assim: de noite não tinha luz elétrica, não tinha geladeira, então se tratava o gado fora, de noite se fazia o jantar, depois não tinha nada pra fazer, não tinha como ir dormir cedo, não podia ir já pra cama quando escurecia. A gente fazia alguma coisa, tinha que ter um pouco de tempo. Meu pai tocava bandoneon, nós sentávamos junto com o pai, e ele ficava escrevendo notas e explicando. Eu tentava pegar o instrumento um pouquinho, mas era sem stress, hoje em dia é aquela pressão. Aquela época não era assim, se tirava um domingo de manhã, um domingo à tarde, um sábado à tarde, um sábado de manhã, se ensaiava. Não tinha outros compromissos, só trabalhava na lavoura e domingo a tarde não tinha nada que fazer. Depois que toquei bandoneon, meu pai comprou uma gaita, então comecei a tocar gaita. A juventude era pouca, tinha umas cinco ou seis meninas e uns rapazes, então a turma se reunia pra fazer uma domingueira, dai o “bobo” do Rudolfo tocava e os outros dançavam. Ah, mas eu arrumava namorada. De vez em quando tinha uma sentada ao meu lado, sentada na caixa da gaita (MARTIN FILHO, R., 2014).

A aprendizagem e a atividade musical saem do âmbito familiar e complementam-se com a participação em pequenos grupos instrumentais chamados de "bandinhas de música" que animavam as domingueiras da localidade:

> Nesta época que era assim: Os Montanari[9] lançavam sempre músicas novas, e essas músicas tocavam na rádio, e se a música saía hoje, no outro sábado, o salão que nós íamos tocar já queria as músicas. O que a gente fazia: a gente comprava o long-play, botava em cima daquele toca disco e rodava na velocidade pra tirar no tom do bandoneon. O seu Edmundo (líder do grupo), depois que ele tirava bem as músicas, ele pegava o Cali (Carlos Rüdiguer – também componente da Banda dos Bombeiros), porque o Cali escrevia as músicas pelo tom do bandoneon. Daí levava pra frente da bandinha, era bastante trabalhoso. Eu andava 9,0 km de estrada de chão batido, com a gaita pendurada nas costas com a bicicleta com farol. Eu ia pra aprender música. Quando nós tocávamos o pessoal dizia que a banda dessa região é boa pra caramba, só que ele (Sr. Edmundo) era exigente, não podia falhar uma oitava nada né? (MARTIN FILHO, R., 2013, 2014).

Rudolfo Martin Filho dá ideia da estratégia ou criatividade tecnológica empregada para se aprender uma nova música de sucesso. A alteração da velocidade implicava na substituição da correia do toca disco com a finalidade de baixar

---

[9] Com repertório típico de tradições alemãs variando conforme o baile ou a festa típica de cada região, a estreia da Banda Os Montanari ocorreu no dia três de setembro de 1958, na Rádio Rural de Concórdia SC, no programa "Brasil de Canto a Canto". Com o passar do tempo a Orquestra Os Montanari logrou êxito na difícil empreitada das gravações em disco. Consulta: http://www.montanari.com.br/banda.php -site . Acesso em 24 dez 2014.

a rotação e facilitar a aprendizagem da música; fica claro que isto também interferiria na tonalidade da música. Note-se também que a velocidade imposta pelo apelo do público fazia com que acelerassem o processo de assimilação de uma nova música.

Niehues baseou-se no sociólogo J. S. Martins para justificar as semelhanças das características de comunidades agrícolas. Mesmo não deixando de lado a singularidade de cada ação, o fato também pode identificar a pressuposição de um comportamento similar na essência das atividades de aprendizado musical entre localidades do interior:

> Pelos relatos dos trabalhadores rurais, independentemente do local onde moravam, percebe-se que até o início dos anos 70 a vida rural possuía um estilo muito semelhante. O sociólogo José de Souza Martins desenvolveu intensas pesquisas sobre a questão agrária no Brasil. Para ele, as comunidades rurais possuem características homogêneas. A explicação dessa homogeneidade estaria no fato de a comunidade agricultora apresentar-se praticamente isenta de outras infiltrações ocupacionais além das atividades relacionadas ao campo. Entre os membros da comunidade rural, há uma "similaridade de características psicossociais adquiridas, tais como linguagem, crenças, opiniões, tradições, padrão de comportamento" (NIEHUES, 2000, p. 15).

Outro exemplo de formação a partir da orientação e prática familiar é a do funileiro e músico Rolf B. Müller que participou do grupamento de 1968 a 1974. Rolf contou que seu pai, Jorge Müller, aprendeu música com um mestre de banda e mais tarde participou como funcionário e trompetista da banda de música da fábrica J. Zipperer & Cia, conhecida como Móveis Cimo em Rio Negrinho. Também o identificou no registro fotográfico quando vieram com a mesma banda para o

desfile de reinauguração do Teatro da Liga de Sociedades de Joinville, destruído pelo fogo em 1936, que aconteceu nos dias 13, 14, e 15 de novembro de 1937 (fig. 28).

Já residindo com a família em Joinville, seu pai integrou a banda de música da Usina Metalúrgica Joinville (antiga Metalúrgica Bennack) e ainda como trombonista atuou na Orquestra da Fiação, representando a Fiação Joinvillense, onde o próprio Rolf foi iniciado musicalmente (MÜLLER, R., 2014).

Figura 28 – Desfile de reinauguração da Liga de Sociedades

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

O depoimento, além de referir-se à sua formação musical, traz à luz a prática de bandas de música como forma da empresa oferecer entretenimento e atividade de lazer aos funcionários. A atividade já foi identificada, entre outros trabalhos, na biografia do próprio maestro Anacleto Augusto de Medeiros, maestro fundador da Banda dos Bombeiros do Rio de Janeiro e considerado o “Maestro de Bandas do Rio de Janeiro”, quando esteve à frente da Banda da Fábrica Bangu e da Companhia de Tecidos e Fiação Confiança Industrial. Estas

bandas eram formadas por funcionários da própria empresa e músicos convidados pelo maestro vindos de outras corporações entre elas a Banda dos Bombeiros (DINIZ, 1975, p. 66-69).

Figura 29 – Orquestra da Fiação

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

Foi neste ambiente que Rolf Müller começou a dar seus passos como músico, primeiramente tocando souzafone e, após a morte de seu pai, assumindo o instrumento dele, o trombone. Interessante notar a valorização que o músico dá à formação musical de seu irmão mais velho Horst Müller, comentando que este "sabia música", justificando que ele teve aulas de música e clarinete com o mestre da banda do exército em Joinville. Sobre suas atividades como músico da Orquestra da Fiação, relatou que participava de bailes, como um dos bailes de aniversário do Corpo de Bombeiros que se realizavam tradicionalmente na Liga de Sociedades e de domingueiras, carreatas e festas promovidas por políticos em época de eleição (MÜLLER, R., 2014).

Para alguns músicos, mesmo com leitura musical como Rolf B. Müller, o “tocar de ouvido” não era somente consequência da falta de conhecimento da notação musical, mas da prática desenvolvida a partir da necessidade de se preparar um novo tema rapidamente coincidente com a carência ou falta de acesso a partituras (MÜLLER, R., 2013). Na figura 29 pode-se identificar Rolf B. Müller ao souzafone ao lado de seu pai no trombone.

2.2.5.3 Localidades e processo de migração

Nas entrevistas também foi possível identificar as regiões próximas à cidade de Joinville, onde aconteceu a formação musical de um número expressivo de componentes. Nestas regiões, cerca de 2/3 dos músicos se encontravam em localidades com economia voltadas à agricultura, onde por certo, a vida rural possibilitou a formação musical familiar e a conservação de tradições musicais. O quadro abaixo identifica as localidades, o número de músicos que viviam em cada uma, e a distância em relação à cidade de Joinville.

Quadro 7 – Relação de localidades e suas distâncias

Localidade	Nº de músicos	Distância km
Joinville	12	marco inicial
Corupá	02	82,0
Guaramirim	05	40,5
Schroeder	04	51,6
Massaranduba	05	56,2
Pirabeiraba (Joinville)	01	16,2
São Bento do Sul	01	78,0

Estes músicos fizeram parte de um grande número de pessoas que estavam em processo de migração ou instalados há pouco tempo na cidade de Joinville, atraídos pela crescente demanda por mão de obra impulsionada pelas indústrias locais. Segundo a autora Vaudete D. Niehues o desenvolvimento

industrial foi responsável pelo surto migratório das décadas de 1970 e 1980. Baseada em números oficiais, indica que em 1970 Joinville chegou a um total de 42.937 migrantes, vindos de municípios de Santa Catarina. Este número chegaria a 113.091 na próxima década, também "atraídos pelas promessas de bem-estar que a cidade podia lhes proporcionar ou, então, porque o trabalho na fábrica era uma alternativa de sobrevivência econômica" (NIEHUES, 2000, p. 01).

Neste deslocamento, entende-se que esta população que migrou do interior para o espaço urbano industrial trouxe consigo também o conteúdo musical de sua formação, conservado em parte, pois já estavam parcialmente tocados pelo cotidiano musical dos grandes centros no contato com as mídias radiofônica, discográfica, e pelas trocas e locomoções urbanas.

2.2.5.4 Banda dos Bombeiros como instrumento de formação

Constatou-se que mesmo não tendo nenhuma intenção oficial de formar musicalmente seus componentes ingressados, a partir de 1967 a Banda dos Bombeiros Voluntários apresentou-se como ambiente favorável ao desenvolvimento musical dos mesmos. Nos registros fotográficos pode-se notao o número de jovens, especialmente participando nos desfiles. Entre eles encontramos o filho do baterista Etwin Fischer, Rubens Fischer, e o filho do saxofonista Adolfo Germano Schuwarz.

Adolfo Germano Schuwarz Junior conta que entre seus 13 e 14 anos de idade, era levado por seu pai para tocar prato, e que após algumas aulas particulares de clarinete, passou a atuar nesta função dentro da Banda de Música. Mais tarde a atividade musical levou-o a deixar seu emprego em uma ferramentaria, para servir ao exército em Blumenau incentivado pelo Tenente Mario Cruz, também participante da

Banda dos Bombeiros. Por indicação do mestre da banda de Blumenau, que tinha sido recém-transferido para Campinas/SP, prestou concurso nesta cidade para cabo músico. Após temporada na Banda do Exército sediada em Campinas, retornou a Joinville em 1985 como sargento, onde seguiu carreira como musico do exército até sua aposentadoria (SCHUWARZ JUNIOR, 2014).

O caminho trilhado pelo instrumentista não foi diferente de boa parte de instrumentistas de sopro e de percussão que atuaram ou ainda atuam no país, conferindo às bandas de música a condição de escolas não oficiais de música:

> A maioria dos instrumentistas brasileiros de sopro que trabalham profissionalmente em bandas militares, civis, ou orquestras recebeu sua formação elementar em bandas. As bandas de música têm sido um dos meios mais utilizados no ensino elementar da música instrumental, de sopro e de percussão, no nosso País. O número dessas instituições supera o número de escolas de música. Além disso, a maioria das escolas de música não ensinam instrumentos de sopro e das que ensinam apenas alguns desses instrumentos são oferecidos. Enquanto, as bandas têm ministrado aulas de todos os instrumentos que compreendem seu quadro. (JOEL BARBOSA, 1996, p. 41).

2.2.5.5 Ordem dos Músicos do Brasil

Um dos fatos que provocou, pelo menos aparentemente, preocupação com o nível de instrução e qualificação musical e parece também que foi tratada de forma prática (FAGUNDES, 2010, p. 69), foi a instalação da Delegacia da Ordem dos Músicos do Brasil em Joinville. A edição de 09 de setembro de

1967 do jornal *A Notícia* trouxe a seguinte informação dirigida aos músicos da região:

> Os Músicos já têm Delegacia em Joinville
> foi instalada nesta cidade uma Delegacia Regional da ordem dos músicos do Brasil. Sr. Edgar Osmar Kessler, interventor do Conselho Regional de Santa Catarina, nomeou e deu posse, ao cargo de presidente da Delegacia, ao Sr. Herbert Carlos Kursawe e no de Secretário ao Sr. Kurt Fritz. Fazem parte desta Delegacia os seguintes municípios: São Bento do Sul, São Francisco do Sul, Guaramirim, Massaranduba, Estrada Schroeder, Pirabeiraba, Araquari, Campo Alegre e Corupá. Os músicos já inscritos terão prazo de 30 dias para o pagamento da anuidade de 1.967, que é de NCR$ 9,00 sem multa. Igualmente foi aberto inscrição para os músicos que não registrados e que se acham no exercício da profissão. A Ordem dos Músicos chama atenção dos profissionais para o cumprimento à lei, pois será iniciada uma severa fiscalização em todo o Estado. A Delegacia de Joinville atenderá aos músicos pela parte da manhã, na Rua Princesa Isabel, nº 281 – sala 8 – anexo à Academia de Acordeon "Príncipe" (junto à estação Rodoviária) (A NOTÍCIA, 9 set. 1967, p. 8).

As expressões "cumprimento à lei" e "severa fiscalização" utilizadas no comunicado teriam a intenção de causar apreensão e intimidação na maioria dos músicos que atuavam profissionalmente, especialmente se tratando de um período de ditadura militar. Não foi diferente com os músicos que participavam da Banda dos Bombeiros, pois mesmo não sendo a música seu principal meio de sustento, se havia atuação profissional, obrigatoriamente deveriam prestar os exames da Ordem dos Músicos. Como parte destes músicos tinha uma formação musical elementar, o acontecimento gerou certa necessidade por conhecimento teórico-musical. Os

depoimentos dão ideia do trabalho duro na indústria e da necessidade por buscar formação.

O músico Carlos O. Rüdiguer recorda que ele e seus parentes chegaram a um total de 13 aulas particulares de teoria musical a professora Gertrudes Humler, e pelo fato de ter que se deslocar de Schroeder para Joinville, prestou o teste num momento separado dos demais (RÜDIGER, C., 2013, 2014). Rolf B. Müller, que já tinha a carteira da Ordem dos Músicos desde 1962, tem uma lembrança diferenciada do acontecimento e conta que por intermediação do músico Adolar Germano Schuwarz, a maioria dos que compunham a Banda União, receberam a carteira da Ordem dos Músicos sem a necessidade de qualquer teste ou pagamento de alguma taxa inicial. Segundo ele, boa parte dos componentes da banda não teriam condições de fazer o teste, "se fizessem um teste sério, ninguém iria passar, todos ganharam a carteira" (MÜLLER, R., 2014). Já o músico Germano Schuwarz Junior, lembra que prestou o exame da ordem dos músicos com 13 ou 14 anos idade (SCHUWARZ JUNIOR, 2014).

2.2.6 Práticas de banda

Para poder delinear um panorama da prática musical e execução musical do grupamento neste período, Germano Schuwarz Junior, sem poder dar maiores detalhes, lembra da Banda dos Bombeiros com dois grupos, ou dois momentos distintos de prática e execução musical. O grupo inicial de maneira geral possuía leitura musical e técnica instrumental mais elementar, já o segundo grupo contava com leitura mais apurada, com maior facilidade de execução das peças, justificado até pela presença e referência de alguns militares, como o Sargento Álvaro Demóstenes, o Tenente Mário Cruz e o soldado Maurício (SCHUWARZ JUNIOR, 2014). Apesar de um núcleo básico de componentes ter-se mantido ao longo dos anos de 1967 e 1974, a partir dos registros fotográficos,

verificam-se mudanças no quadro de componentes entre 1969 e 1970 e entre 1971 e 1972. Alguns registros fotográficos marcam o retorno de alguns participantes do primeiro grupo a partir de 1972.

2.2.6.1 Ensaios

Os ensaios do grupamento eram regulares e aconteciam na sede da corporação, sempre às quartas-feiras à noite, no mesmo período em que ocorriam os treinamentos dos bombeiros voluntários. Para os músicos que também faziam parte da Bandinha União, os entrevistados lembram que estes ocorriam às terças e quintas-feiras na casa do músico A. Germano Schuwarz. Cada músico trazia seu próprio instrumento, com exceção da tuba e bateria e dos instrumentos de percussão que mais tarde foram adquiridos pela corporação, segundo informado na ata de criação da Banda dos Bombeiros (AT.CBVJ., 1967, p. 141-142). Apesar de não haver documentação específica e ainda ocorrerem outros relatos fragmentados de aquisição de instrumentos, Rolf B. Müller relata que ele e o músico Germano Schuwarz foram a Curitiba para adquirir a bateria e os instrumentos de percussão para uso da Banda dos Bombeiros Voluntários (MÜLLER, R., 2014).

O conjunto de depoimentos é unânime em afirmar que as tarefas de liderança musical, treinamento de marcha eram conduzidas pelo chefe Rolf B. Müller e pelo subchefe Carlos Rüdiger, com apoio nas questões de escrita e leitura de Edelberte Rudiguer. Por sua vez, A. Germano Schuwarz cumpria o papel de contato para atividades externas. Seu filho, A. Germano Schuwarz Junior, como mais tarde participou de bandas do exército, que necessariamente contavam com a presença de mestres e maestros, recorda que os ensaios eram realizados de forma elementar e com pouca orientação musical específica, com um simples 1.. 2.. 3.. dava-se a entrada da peça a ser executada (SCHUWARZ JUNIOR, 2014).

Rolf B. Müller recordou com remorso como se sentiu responsável pela saída de um músico, devido à sua intransigência quanto a um trecho musical (MÜLLER, R., 2014). Neste ponto uma banda civil baseada no serviço voluntário detém certas dificuldades que necessitam constante negociação das diferenciações internas. Diferenças marcadas pelos que tocam por ou sem partitura, das hierarquias instrumentais, das alterações na escolha do repertório, e dos pequemos conflitos pessoais do cotidiano, não necessariamente musicais. São questões que não remetem somente à qualidade musical do grupamento, mas à manutenção e existência do mesmo.

O bombeiro voluntário Ademar Max Stuewe, que na época servia como motorista da corporação, recorda que no momento que se constataram dificuldades no aprendizado e execução do *Hino Nacional Brasileiro*, foi encarregado de trazer dois músicos da banda do exército para ajudar nos ensaios (STUEWES, A., 2014). Ao que parece, a dificuldade era pontual para os instrumentistas responsáveis pela parte melódica do hino, e pode ter ocorrido entre os anos de 1967 e 1969. Mesmo assim o fato reiterou a forma como as bandas procedem funcionalmente no tratamento de suas necessidades, aplicando-se a cumpri-las independente do nível de capacitação de seus elementos:

> No caso das bandas, a técnica instrumental não é um fator de extrema relevância, pois a forma de tocar na maioria das bandas está voltada para a execução de um repertório prático e usual, não buscando aprofundamento técnico no instrumento. As bandas desenvolvem nos músicos somente o necessário para tocar o repertório, uma vez que interessa cumprir e suprir as necessidades funcionais da banda. Para Nettl (2006, p. 27), esse desenvolvimento técnico musical do músico se realiza para atender uma demanda musical em que o importante é o cumprimento da função social.

> Não há uma preocupação com o desenvolvimento instrumental (pessoal) ou estético da banda civil e sim com o cumprimento de atividades (FAGUNDES, 2010, p. 69).

2.2.6.2 Práticas de marcha

Vários depoentes relataram com orgulho o movimento preciso das marchas executadas pelos componentes da Banda dos Bombeiros Voluntários, salientando que eram resultado de treinos exaustivos. A. Germano Schuwarz Junior contou que os ensaios eram realizados à noite, primeiramente aconteciam na rua Piratuba, local onde morava um dos componentes, e depois na rua Jaguaruna, onde localizava-se a unidade central da corporação. Os registros fotográficos comprovam a disposição equilibrada e movimento sincronizado do grupamento (SCHUWARZ JUNIOR, 2014).

Figura 30 – Banda Os Catarinenses em desfile do Rei do Tiro

Fonte: Acervo de Rudolf Martin Filho

Com o desenvolvimento das entrevistas e o acréscimo de novas fotografias percebeu-se que a prática de desfile já era comum entre alguns componentes que ingressaram na Banda dos Bombeiros Voluntários. Situações registradas fotograficamente, como a figura 30, revelam a Banda Os Catarinenses incrementando e musicalizando os tradicionais desfiles do Rei do Tiro. A prática também pode ajudar a conjecturar sobre o desfile dos bombeiros voluntários de 1910 portando suas armas (fig. 17), como participantes de sociedades de tiro, e realçar a conexão, rearticulada entre 1967 e 1974 entre bombeiros voluntários e sociedades de tiro ao alvo.

2.2.7 Apresentações e espaços de atuação

Primeiramente vale destacar o contratempo de reconhecer por vezes a atividade musical dentro da atividade geral dos bombeiros nas fontes documentais. A denominação global "bombeiros voluntários" utilizada nos relatórios e na imprensa local, para um acontecimento, solenidade ou evento, pode ter ocultado, por vezes, as atividades do grupamento musical e impossibilitando um levantamento mais preciso do quadro geral de apresentações. Entretanto, as apresentações registradas, ora pela imprensa, por registros fotográficos, ora identificadas nos relatos de seus ex-componentes, são suficientes para dar ideia do universo e abrangência das apresentações do grupo, sua trajetória, mobilidade, funções exercidas e os espaços de atuação. Um estudo mais detalhado destes registros possibilitou a construção de um panorama interpretativo mais completo e o mapeamento comparativo às diversas atuações e aos espaços em que se inseriu.

Figura 31 – Bandinha União no Salão Operário em 1967

Fonte: Acervo de Carlos O. Rüdiger

A informação relatada de que os músicos arregimentados para formar a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários atuavam na atividade do entretenimento musical, reunidos em um grupo denominado de Banda União (SCHUWARZ, A., 2014), é revelada na foto de 25 de dezembro de 1966, e possivelmente marca uma de suas primeiras apresentações nesta função, neste caso ocorrida no Salão Operário, localizado na zona norte de Joinville. Este registro do grupo, além de demarcar um dos espaços de atuação - os salões de baile e festas da comunidade - aponta para o trânsito que o grupo assumiria nos anos seguintes entre os espaços oficiais da corporação e de entretenimento (fig. 31).

É provável que a primeira apresentação oficial da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários tenha acontecido na abertura da semana comemorativa dos 75 anos dos Bombeiros Voluntários de Joinville que aconteceu de 9 a 15 de julho de 1967 (CORREIO DA TUPY, set. 1967, p. 4). Para esta mesma comemoração a reportagem no *Jornal de Joinville* do dia 13 de julho anunciou a realização de uma apresentação da Banda da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina às 21h

no Palácio dos Esportes. A próxima apresentação da Banda dos Bombeiros Voluntários aconteceria no desfile em comemoração ao dia da Independência, na Avenida Getúlio Vargas, no dia 7 de setembro de 1967 (fig. 25): "Desfilaram os Soldados do Fogo: precedido de sua banda de música e conduzindo todo seu equipamento, o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville desfilou com brilhantismo na parada de 7 de Setembro" (JORNAL DE JOINVILLE, 09 set. 1967, p. 1).

O livro de ocorrências da própria corporação também registra a participação do grupamento musical neste desfile: "7 – 9 – 67 – Desfile em homenagem à Independência do Brasil. Constou o desfile da banda, bombeiros ativos, viaturas" (REL.CBVJ. 3, 1967, p. 44).

Figura 32 – Hospital e Maternidade Bethesda em Pirabeiraba

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

No início do ano de 1968, a Banda participou da festa em prol da construção do Hospital Bethesda (fig. 32). Este evento, além de relatado por um dos integrantes da banda, também foi registrado na fotografia pertencente ao componente

da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários e no Jornal de Joinville:

> Dois dias de festa em Pirabeiraba em prol da construção do Hospital Bethesda – [...] Demais, lá estará a Banda do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, além da Bandinha União, para maior vibração e entusiasmo dos presentes. Um tablado gigante estará armado ao ar livre, para que os dançarinos se divirtam a valer (JORNAL DE JOINVILLE, 11 fev. 1968, p. 8).

A mobilidade do grupo foi posta em ação no mesmo acontecimento. Pela descrição jornalística, podemos supor que o grupo que assumiu a função cerimonial na primeira parte da solenidade como Banda dos Bombeiros Voluntários, em seguida atuou como grupo de entretenimento, a Banda União, no baile que se seguiu.

A próxima apresentação aconteceu no dia 8 de março de 1968, e refere-se à tradição da Marcha das Tochas, ou Marcha dos Fachos, como foi chamada no *Relatório de ocorrências dos Bombeiros Voluntários*:

> Marcha dos Fachos – Participação do corpo ativo, com participação da Banda do Corpo de Bombeiros, às 24 horas do dia 8. Deslocou-se a Corporação até a Praça da Bandeira, onde Monsenhor Scarzello fez uma alocução em homenagem ao 117º Aniversário da Fundação de Joinville (REL.CBVJ. 1, 1968, p. 37).

A descrição jornalística do mesmo tipo de evento, ocorrida em 1966, permite-nos entender este acontecimento e verificar como este ato cerimonial municipal também estava ligado aos Bombeiros Voluntários, a começar pelo endereço de partida, a Rua Jaguaruna, endereço da sede da corporação,

como pelas ações neste desenvolvidas. O texto do *Jornal de Joinville* diz o seguinte:

> A data de 9 de Março, comemorativo ao 115º aniversário de fundação de Joinville, foi assinalada com festivas solenidades, das quais a população participou e rememorou a memória de seus fundadores. O programa comemorativo teve início às 23 horas na terça-feira, com a marcha luminosa, que partiu da Rua Jaguaruna, até a Praça da Bandeira, dela participando o Corpo de Bombeiros Voluntários, associações esportivas, e entidades de classe precedida da Banda de Música do 13º BC [...] enquanto as sirenes do Corpo de Bombeiros e das fábricas saudavam festivamente a histórica data de fundação da cidade (JORNAL DE JOINVILLE, 11 mar. 1966, p.1).

Nesta solenidade de 1968, percebe-se que a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários ocupou o espaço antes de responsabilidade da Banda do 13º Batalhão de Caçadores na condução da "marcha luminosa". Reassumiu e rememorou personagens e cerimônias coincidentes no passado, como verificamos, por exemplo, no ocorrido após o jantar oferecido ao Presidente Affonso Pena, quando da sua visita a Joinville em 6 de agosto de 1906 (SCHNEIDER A. B., p. 47).

A próxima participação relatada ocorreu no desfile de 7 de Setembro de 1968, participação esta registrada sucintamente no livro de ocorrências da corporação: "Desfile de 7 de Setembro. Participação de oito viaturas, ativos e banda" (REL.CBVJ. 2, 1968, p. 56).

Em decorrência do contato dos Bombeiros Voluntários com outras corporações, em 26 de outubro de 1968 a Banda dos Bombeiros abrilhantou a solenidade de inauguração da sede dos Bombeiros Voluntários de Jaraguá do Sul. O depoimento de um ex-integrante da banda destaca sua participação em viagens para apresentações em espaços fora da

cidade de Joinville (SCHUWARZ JUNIOR, 2014; MARTIN FILHO, R., 2014).

O jornal *Correio do Povo* relata o acontecimento da seguinte forma:

> Festiva Inauguração da Sede dos Bombeiros
> Sábado passado verificaram-se os atos inaugurais da sede do Corpo de Bombeiros Voluntários de Jaraguá do Sul. Desde as primeiras horas da tarde viam-se vistosos uniformes, multicoloridos, dos bombeiros das cidades de Joinville e das firmas Augusto Klimmke S.A. de São Bento do Sul e Fiação São Bento do Sul S.A., de Serra Alta. Sob sonóros acordes, em festiva marcha pelas principais da cidade, rumaram para a Rua Pres. Epitácio Pessoa, onde se verificou a inauguração [...] (CORREIO DO POVO, 2 nov. 1968, p. 1).

Figura 33 – Participação na Festa Nacional das Flores

Fonte: Acervo de Carlos O. Rüdiger

Ainda no mesmo ano de 1968, a banda participou do desfile de abertura da Festa Nacional das Flores de Joinville, que acontecia regularmente na Sociedade Harmonia Lyra.

Segundo relato (STUEWE, A., 2014), os bombeiros voluntários eram responsáveis pela segurança do evento, e neste ano, contribuíram musicalmente no desfile de abertura do evento, em novembro de 1968. Observa-se no registro fotográfico o grupo de músicos desfilando pela Rua Jaguaruna, passando em frente ao antigo Clube Joinville, em direção ao centro da cidade (fig. 33).

O livro de ocorrências da corporação registra em 9 de setembro de 1969 a participação do grupamento musical no desfile de 7 de Setembro: "7/9 – Desfile de 7 de Setembro. Participação com 10 viaturas, com banda e 51 bombeiros"(REL.CBVJ., 1969, p. 69).

Em 27 de setembro de 1969, a Banda dos Bombeiros retornou ao bairro Pirabeiraba, agora para abrilhantar a inauguração do Hospital e Maternidade Bethesda. Por curiosidade, o redator do jornal, ao chamar o grupo por Bandinha União dos Bombeiros de Joinville, incorporou no nome da banda a dupla função que o grupo exercia:

> Grandes festividades programadas para a inauguração do Hospital e Maternidade "Bethesda" em Pirabeiraba – [...] Programa. As festividades terão início sábado, dia 4, à tarde com atrações várias e à noite dois grandiosos bailes, sendo um na "Bavária", com as danças cadenciadas pela Bandinha União dos Bombeiros de Joinville. O segundo, no salão Guarani, abrilhantado pelos "Dinâmicos" (JORNAL DE JOINVILLE, 27 set. 1969, p. 6).

A diversidade de uma Banda de Música de uma corporação de bombeiros em funções de entretenimento com utilização de outro nome em 1897, também foi constatado por Claudia Felipe da Silva sobre a Banda do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro:

> Como forma de sobrevivência, logo após sua criação, a banda iniciou apresentações particulares, cobrando pelos serviços. As apresentações se diversificaram muito, a ponto de serem realizados 20 concertos mensais. Como havia inúmeros pedidos para participação em bailes e festas familiares, consequentemente, o repertório deveria ser de música dançante, o que diferenciava do tradicional repertório do "Corpo de Bombeiros". Decidiram, então, criar um "Jazz Band" para realizar esses serviços. [...] Isso demonstra que, além do "Jazz Band", outras formações eram feitas, com grupos, a partir de 10 músicos até a banda completa (SILVA, C. F., 2009, p. 90).

Figura 34 – Banda do CBVJ no centenário de Timbó em 1969

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

A participação em desfiles e comemorações em espaços fora da cidade de Joinville foi novamente registrada com a presença da Banda dos Bombeiros Voluntários em Timbó no domingo de 12 de outubro de 1969, possivelmente em

decorrência das comemorações do centenário da cidade. Este acontecimento foi mencionado em entrevista (MÜLLER, R., 2013) e registrado fotograficamente (fig. 34). Uma das deduções que motivaram este deslocamento é o contato e a presença de Bombeiros Voluntários nesta mesma cidade. O jornal local descreve a participação das bandas da seguinte forma:

> Timbó em Festa comemora 1º Centenário De Fundação: Muito Entusiasmo E Vibração Apoteótica Recepção Tributada Ao Governador Ivo Silveira E Comitiva – Portento Desfile Escolar Assinalou o Grato Acontecimento - Detalhes
> [...] A seguir, precedido de magnífico desfile escolar, com a participação da Banda Civil da Polícia Militar do Estado e outras magníficas Bandas, o Governador do Ivo Silveira e comitiva, acompanhado do Prefeito Henry Paul e outras autoridades rumou para o local onde seria inaugurada a magnífica feira industrial [...] (A NAÇÃO, 5 out. 1969, p. 1).

Em 29 de novembro de 1969, um grupo de músicos ainda participou como Banda União no programa televisivo de entretenimento musical chamado "Salve a Banda", que era levado ao ar aos sábados à tarde pela TV Coligadas Canal 3 de Blumenau (fig. 3). Segundo André Luiz Bonomini, este programa era dirigido por Edemir de Souza e tinha por objetivo a apresentação de bandas folclóricas dos mais diferentes rincões da região (BONOMINI, 2009). No registro fotográfico aparece o apresentador em foco e a Banda União ao fundo, possivelmente à espera de uma nova inserção musical. O enquadramento do grupo como banda folclórica é confirmado no depoimento do músico Rolf B. Müller, quando afirma que eles eram conhecidos por tocar música alemã (MÜLLER, R., 2014). O mesmo entrevistado relata seu estado de apreensão e de responsabilidade para a apresentação:

> Ele fazia aquele programa de bandas em Blumenau... Como era o nome? Era um brasileiro... Aqui era canal 5 na época, a Globo. O Sr. (entrevistador) não imagina como eu estava nervoso, nunca vi uma emissora por dentro de TV, agora que era tão simples, na frente parece um tapete, aqueles sacos de arroz que tinha antigamente, aqueles marrons, um costurado no outro, assim era o tapete da frente, tão simples... E eu nervoso para o negócio funcionar... o medo dos outros..., mas quando começa a tocar acabou o nervosismo. É nervoso antes... fui aqui em baixo na farmácia do Renato, pedir calmante pra tomar, eles não me venderam... o Sr. não pode tomar isso... eu tenho que aguentar assim Olha eu estava nervoso pro negocio funcionar, e era pro estado todo. Eu era responsável, mas funcionou bem (MÜLLER, R., 2014).

Figura 35 – Bandinha União na TV Coligadas Canal 3

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

Confirmando a linha dedicada à divulgação de bandas folclóricas do programa, o depoimento do músico bombeiro Rudolfo Martin Filho confirma sua participação no programa, mas em outro momento com a Bandinha "Os Catarinenses" da Sociedade Brüdentall de Guaramirim (MARTIN FILHO, 2014).

Em 11 de julho de 1970, o jornal *A Notícia* anunciou o Baile dos Bombeiros sob a responsabilidade da Banda da Corporação:

> Bombeiros o baile será hoje na Liga – [...] A data será comemorada com um grandioso baile, que terá lugar no salão da Liga de Sociedades. O tradicional "Baile dos Bombeiros", deverá alcançar o não menos retumbante sucesso de sempre, estando a parte musical sob a responsabilidade da Banda da Corporação e do conjunto "Os Dinâmicos" (A NOTÍCIA, 11 jul. 1970, p. 8).

Nas comemorações da Independência do Brasil de 1970, a Banda dos Bombeiros Voluntários passou a compartilhar o lugar também tradicionalmente ocupado pela Banda do 13º Batalhão de Caçadores na realização de retretas. As comemorações da Independência do Brasil registraram a participação da Banda dos Bombeiros em uma das retretas realizadas no coreto localizado na Praça Nereu Ramos:

> Comemorações da Semana da Pátria – [...] às 18h, arriamento da Bandeira Nacional, pelo Lar de Meninos João de Paula com a guarda de honra a cargo do Corpo de Bombeiros e às 20h, na Praça Nereu Ramos, retreta a cargo da Banda do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville (A NOTÍCIA, 6 set. 1970, p. 8).

O acontecimento tinha semelhança com um concerto musical em praça pública, e pela reportagem de 9 de março de

1962, podemos ter uma ideia de como transcorria o evento ao longo da década de 60, tradicionalmente executado pela Banda do 13º Batalhão de Caçadores. O espaço destinado à realização das retretas e apresentações artísticas em Joinville na época da rearticulação da Banda dos Bombeiros Voluntários localizava-se na Praça Nereu Ramos, em frente à antiga sede da Agencia de Correios e Telégrafos, local onde posteriormente seria ocupado por órgãos ligados ao município de Joinville.

A recepção e o contato com autoridades, como o Governador do Estado, eram algumas das solenidades possivelmente assumidas e acessadas pela Banda dos Bombeiros, como verificado no relatório interno dos Bombeiros Voluntários de 09 de março de 1971:

> – às 8h parada no monumento dos imigrantes e posterior desfile, como participação das festividades de data de fundação do Município, sob o comando do Cmte Henry Schmalz e a participação de 37 bombeiros.
> – às 17h parada para recepção ao Exmo. Governador de Estado Dr. Ivo Silveira, Comandante de Honra da Corporação. – Participam 35 bombeiros (REL.CBVJ., 1971, p. 84).

Não é possível afirmar se este foi precisamente o acontecimento narrado pelo músico bombeiro Rudolfo Martin Filho, mas seu depoimento confirma a participação da Banda dos Bombeiros Voluntários na recepção de autoridades:

> Aquela época o motorista era o Dressler (Romeu E. Dressler - bombeiro voluntário), ele dirigia o jipe. Às vezes aqui acontecia que vinha uma pessoa de Florianópolis importante sabe? Eles faziam uma apresentação, daí a banda tinha que estar aqui com traje de gala, túnica quepe ... então, o bombeiro buscava nós em casa, trazia nos pra cá, nos tocava, em geral na entrega do cheque, alguma coisa, que as

> vezes vinha doação pros bombeiros então isso era feito 6h, 6h30, 7h da noite. Então nós tocávamos a música que pediam. Depois tinha a homenagem, depois tinha o coquetel, então nós subia lá pra cima (restaurante da corporação) tomava uma água lá (referência à cerveja). Pois é, tudo isso era sem remuneração, trabalho voluntário. Era secretários de Florianópolis, vinham trazer uma coisa importante pros bombeiros... uma vez veio o governador, que eu lembro, trazer uma verba, um caminhão, era um material bem importante pro bombeiro e pra Joinville. Nós tocava nesta (tipo de) solenidade (MARTIN FILHO, 2014).

A Banda dos Bombeiros Voluntários obteve chamadas de destaque nos jornais que cobriram o desfile de 7 de setembro de 1972. As duas chamadas foram acompanhadas de fotos do grupamento: "Na avenida, o desfile mais lindo. [...] Desfile da Escola Superior de Educação Física e Desportos e do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Dois destaques de 7 de Setembro" (A NOTÍCIA, 9 set. 1972, p. 8). Um dos componentes da Banda de Música relembra este dia, e guarda com cuidado a reportagem do jornal (fig. 37).

Em 1973 a atuação da Banda dos Bombeiros iniciou com uma cerimônia de confraternização entre as cidades de Joinville e Blumenau. Nesta ocasião Blumenau fez o papel de prestadora de homenagens, ao dedicar a Joinville, a visitante, o desfile e uma apresentação musical executada por sua Banda Municipal. A identificação do Corpo de Bombeiros e sua Banda de Música em espaços de tradição germânica os colocam neste cenário de camaradagem. O texto do Jornal de Joinville anuncia o seguinte:

> Joinville vai festejar sua data de fundação.
> 9 horas – chegada do clube de atiradores do Clube de Caça e Tiro Garcia-Jordão de Blumenau – Chegada da Banda Municipal de Blumenau, na Praça da Bandeira, defronte ao

> Palácio de Esportes. 9,30 horas – Desfile da Banda de Música Municipal de Blumenau e dos atiradores do Clube de Caça e Tiro Garcia-Jordão de Blumenau, juntamente com os atiradores da Sociedade Desportiva e Cultural Joinvilense. 10 horas – Apresentação da Banda Municipal de Blumenau, Banda do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville – Praça da Bandeira. (JORNAL DE JOINVILLE, 6 mar. 1973, p. 7).

A edição semanal seguinte do *Jornal de Joinville* prestou contas ao público de como transcorreu a cerimônia realizada:

> Blumenau veio confraternizar com Joinville. Agradecendo aquela demonstração de solidariedade e congraçamento entre blumenauenses e joinvilenses, o Prefeito Pedro Ivo proferiu breves palavras exaltando o espírito confortador e generoso de civismo que caracterizava aquela confraternização. Encerrando as atividades a Banda Municipal de Blumenau e Banda do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville executaram programa variado de músicas, que agradou ao público presente (JORNAL DE JOINVILLE, 13 mar. 1973, p. 7).

O mesmo tipo de apresentação de confraternização entre as cidades de Blumenau e Joinville aconteceu nas comemorações no próximo aniversário da cidade de Joinville em 10 de março de 1974. Participaram novamente a Banda Municipal de Blumenau, a Banda do Corpo de Bombeiros de Joinville e a recém-criada Banda Municipal de Joinville. É possível que esta tenha sido a última apresentação da Banda dos Bombeiros Voluntários registrada (JORNAL DE JOINVILLE, 12 mar. 1974, p. 7).

Ainda no ano de 1973, o tradicional baile de aniversário dos Bombeiros Voluntários foi abrilhantado novamente por sua Banda de Música. O *Jornal de Joinville* e *A Notícia* registraram a participação do grupo no baile da corporação como Banda dos Bombeiros:

> Aniversário do Corpo de Bombeiros.
> A Sociedade corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville comemorará no dia 14, sábado, o 81º aniversário de fundação com o seguinte programa: [...] Às 21 horas – Baile comemorativo, a realizar-se nos salões da Liga de Sociedades, abrilhantado pela Banda Musical da Corporação [...]. Este histórico acontecimento, de particular júbilo para a população joinvilense, terá o prestigiamento das autoridades municipais (JORNAL DE JOINVILLE, 12 jul. 1973, p. 7).

Figura 36 – Banda União no Baile da Cerveja na SGJ

Fonte: Acervo Rolf. B. Müller

Não foi encontrado registo fotográfico da atuação da Banda dos Bombeiros Voluntários no tradicional baile do

Corpo de Bombeiros, mas um dos registros da Banda União em um baile na Sociedade Ginástica pode dar uma ideia da formação do grupo e do acontecimento. O trombonista e o saxofonista em pé seriam respectivamente os músicos Rolf B. Müller chefe da Banda dos Bombeiros Voluntários e Adolfo Germano Schuwarz, um dos responsáveis pela formação do grupamento (fig. 36).

Estes registros e relatos permitiram rastrear e mapear os espaços e a atuações da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários e por extensão os da Banda União no período de sete anos de atuação. O mapeamento confirmou a tradição histórica das bandas de música no uso de espaços abertos, na musicalização e incremento das atividades sociais de relevância da entidade que representava e na relação desta com o município. Estas atividades foram abrangentes tanto nos tipos de atuação como nos espaços de inserção. Neste sentido pode se considerar os de localização mais distante, como outras cidades da região, e também as questões de ocupação e compartilhamento de espaços.

Muito embora a Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville fosse uma entidade de atuação e abrangência pública, não se pode deixar de notar que o conjunto de apresentações da sua Banda de Música transpareceu e exibiu suas vinculações simbólicas mais intrínsecas nos espaços públicos onde atuava. Susel Ana Reily, discorrendo sobre o assunto comenta:

> Assim como no Brasil, em outras partes do mundo, as manifestações coletivas de caráter público também são marcadas por comportamentos e símbolos reconhecidos pelos participantes. Assim, a maneira como as pessoas saem às ruas enquanto grupos – como se comportam e os símbolos que exibem – revelam aspectos de suas atitudes referentes ao espaço público e da constituição do cidadão

> enquanto integrante da comunidade/sociedade (REILY, 2008, p.26).

Mesmo considerando-se diversificada em situações e territórios sociais, o mapeamento dos espaços e eventos de atuação da banda teve por pano de fundo os atos de uma comunidade vinculada basicamente à tradição germânica. Considerando-se estas indicações, nota-se que o grupo simbolizou, serviu e nutriu-se de um microcosmo social específico.

2.3 O ASSOCIATIVISMO COMO BASE DE CONSTITUIÇÃO

2.3.1 1892 a 1938

Como já comentado no capítulo 1, é possível pressupor que os componentes dos primeiro grupos de músicos, chamados então de *musikcorps*, além da atuação musical, tinham participação efetiva e imprescindível no sistema de alerta de incêndios e nas ações de salvamento e combate às calamidades. Verificou-se que alguns componentes deste grupamento atuavam como lideranças da própria corporação, e em outros grupos musicais e culturais da comunidade germânica. De um modo geral também se nota que boa parte dos componentes participavam de outras sociedades, um movimento associativo que englobava diversas atividades na cidade: sociedades de tiro, de ginástica, bombeiros, maçônica, entre outras, que literalmente compartilhavam da mesma língua e da mesma estrutura. Alguns autores lembram, por exemplo, que a "integração entre as três sociedades [bombeiros, tiro e ginástica], fica evidente não só pelo espírito cívico que as cercava, mas também por sua própria composição, não sendo raro encontrar pessoas que pertenciam ao mesmo tempo às três agremiações" (GUEDES, OLIVEIRA NETO e OLSKA, 2008, p. 40). Podem-se acrescentar à lista de compromissos destes

voluntários, a participação nas comunidades religiosas como músicos do coral e em alguns casos na entidade maçônica. No plano geral, a documentação também não deixa de revelar o caráter de representação e símbolo sonoro da Banda dos Bombeiros Voluntários no contato com outros grupos étnicos no final do século XIX e início do século XX .

Portanto, no primeiro momento o movimento associativo dos bombeiros voluntários estava lastreado em um movimento mais abrangente que permeava a sociedade germânica, permitindo um contato mais aprofundado com os grupos fomentados a partir destes. Acontecimentos externos como a implantação do exército em Joinville, as grandes guerras mundiais e a Campanha de Nacionalização contribuíram para abalar o movimento como um todo e desativar as atividades da Banda dos Bombeiros Voluntários.

2.3.2 1967 a 1974

As condições favoráveis das manifestações cívicas tanto nacionais como municipais decorrentes do Golpe Militar de 1964, e a conjuntura propiciada pela "plataforma" Corpo de Bombeiros Voluntários contribuíram para basear e materializar institucionalmente uma nova banda de música em 1967. Contudo, o passar do tempo demostraria que não seriam somente estas as condições necessárias para perpetuação desta atividade musical.

Algumas situações no levantamento de informações mostram um descompasso administrativo nas relações da Banda de Música com o comando dos Bombeiros Voluntários. Isto pode ser decorrente, de certo modo, da falta de cultura associativa do grupamento e de seus membros recém-incorporados (experiência e familiaridade com esta vivência). Pode-se presumir que o distanciamento associativo seja um dos pontos que determinaram o não vencimento das dificuldades internas e externas de sobrevivência do mesmo. A informação

dada por Rolf B. Müller, de que somente dois componentes permaneceram atuando como bombeiros voluntários após a desarticulação do grupo em 1974, pode também salientar a falta de vinculação verificada com a entidade (MÜLLER, R.. 2013). Rolf B. Müller, como chefe do grupamento, relata com tristeza a forma isolada com que teve que absorver a situação da desarticulação, demonstrando ser uma situação trabalhada separadamente pelo grupo de músicos (MÜLLER, R., 2013).

Mesmo levando em conta os acontecimentos que desestruturariam internamente o grupamento musical, deve-se verificar as condições da própria entidade mantenedora e das condições da rede associativa que se emoldurava na cidade nesta época. Neste sentido é pertinente a citação de Páteo:

> é preciso ter cautela, para não transportar o sentido que elas [bandas de música] possuem hoje [ou entre 1967 e 1974 - recorte temporal da pesquisa] para as décadas próximas à virada do século, não apenas pela complexidade que o espaço urbano adquiriu com o passar dos anos, mas pela forma singular que naquele momento específico se integraram aos poros da cidade (PÁTEO, 1997, p. 3,4).

Apesar de pertencer a uma entidade na época com 75 anos de existência, o contato com o grupo musical agregado às atividades dos bombeiros era experiência nova tanto para o grupamento de bombeiros como para os próprios dirigentes da entidade na época. A campanha lançada no mesmo ano intitulada “Ano do Bombeiro Voluntário” que tinha a intenção de incentivo e reforço do movimento voluntario, ao mesmo tempo parece sinalizar seu decréscimo institucional. A cidade antes permeada pelo movimento associativo germânico, já não desfrutava deste capital social em larga escala. Esta situação, somada ao crescimento urbano e de comunicação em geral que mudaram suas relações com o entretenimento e atividades sociais e comunitárias, também pode ser decorrente da

desaceleração e do abalo sentido na atuação das entidades que sobreviveram às ações da Campanha de Nacionalização encerradas em 1945.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as informações documentais levantadas pode-se verificar que o momento de atuação da Banda dos Bombeiros Voluntários identificado entre 1967 e 1974 e localizado dentro do período do regime militar iniciado em 1964 incentivava o povo e as instituições a participarem das festividades e solenidades cívicas. A conjunção de incentivo governamental e visibilidade pública em massa transformava a avenida em palco, onde músicos locais e anônimos poderiam deslocar-se de suas tradicionais posições e mostrar-se em desfiles cívicos. Neste ponto, as bandas de música mostram-se ferramentas com potencial de amplificar a demarcação ritualística das instituições que representam.

Considerando as percepções colhidas nos depoimentos dos antigos membros da banda, constatou-se que os serviços e responsabilidades eram executados de maneira elementar e funcional, por vezes de maneira isolada ou outras em um ambiente colaborativo, de acordo com as competências disponíveis. A pesquisa revelou que o grupo de músicos incumbido e engajado para esta tarefa não tinha vinculação anterior com os serviços que caracterizavam os bombeiros voluntários e nisto revelou também a pouca vivência e experiência com o mundo cerimonial. O conjunto de narrativas deixou evidente a ocorrência de sobreposições de experiências e compartilhamento de informações a partir da decisão tomada por um grupo de músicos de pertencer e se enquadrar ao espaço social dos bombeiros voluntários. Ao vestir literalmente seus uniformes, incumbiam-se das suas responsabilidades e usufruíam de seu prestígio.

Adentrando-se no espaço social da banda verificou-se que os músicos em sua maioria com formação musical informal e familiar, com leitura e recursos técnicos musicais elementares. De alguma forma, em algum momento boa parte do grupamento passou do perfil agricultor-músico para o perfil

operário-músico, precisando conciliar o trabalho cotidiano com a prática da música. As narrativas também apontam para a carência de experiência do grupamento e a busca por informação técnica no que se refere ao domínio das peças, escolha e apropriação de repertórios, formação e adequação de instrumentistas a apresentações públicas como desfiles, retretas e cerimônias oficiais, atividades com as quais não estavam familiarizados. Por conseguinte, o grupamento apresentou poder de mobilidade e adaptação entre o universo do entretenimento e do cerimonial, refletido na flexibilidade e atualização de repertório, prática de marchas, rituais militares e disponibilidade para se adaptar a novas configurações instrumentais. Vê-se neste processo a dinâmica de adaptação de músicos pertencentes ao espaço de bandas de bailes do "interior", comumente chamadas de bandinhas folclóricas, e seu envolvimento no universo até então pouco conhecido da banda de música com responsabilidades oficiais, representadas nesta comunidade pelas bandas militares.

Percebeu-se que a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários, se não teve um papel de maior abrangência na educação musical inicial da maioria de seus componentes, contribuiu como meio de compartilhamento e confronto de formações musicais diferenciadas, como também atualização e principalmente congraçamento musical.

As informações demonstram que o próprio grupo musical se diferenciava de outros grupos similares, especialmente pela ausência da figura do mestre de banda, que tomaria sobre si simples e múltiplas responsabilidades musicais que poderiam facilitar todo o processo. Nesta configuração o grupamento não deixou de se readequar continuamente confirmando que "a banda de música é, pois, o conservatório do povo e é, ao mesmo tempo nas comunidades mais simples, uma associação democrática, que consegue desenvolver o espírito associativo e nivelar as classes sociais" (SALLES, 1985, p.11).

Por fim o estudo da documentação historiográfica identifica o grupo de músicos atuando como Banda dos Bombeiros Voluntários, na maioria dos eventos oficiais da instituição no período, em eventos da comunidade e ultrapassando os limites da cidade. Assim sendo é possível imaginar que essa atuação contribuiu para que o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville (seu capital cultural – associativo) pudesse ser conhecido e reconhecido; em um plano mais abrangente, identifica-se no movimento o incremento de sua representatividade e o desenvolvimento e manutenção do empreendimento associativo.

Como colocado no início da pesquisa, o processo dos Bombeiros Voluntários de buscar reafirmações cerimoniais tomando por base atuações passadas voltou a ser reeditado a partir de 2004. Portanto, valendo-se das reflexões sobre o conhecimento histórico levantado, entende-se que esta pesquisa pode prestar-se também para lastrear e pensar sobre as ações no tempo presente.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Pablo de Castro. *A música o conviver o e lembrar*: um estudo etnográfico entre os músicos da centenária Banda Rossini da cidade do Rio Grande, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*, 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 236p.

BARBOSA, Joel Luis. *Considerando a Viabilidade de Inserir Musica Instrumental no Ensino de Primeiro Grau*. Artigo. Associação Brasileira de Educação Música - ABEM. Ano III, nº 3, Junho de 1996. p. 39-49.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil:* difusão e organização entre 1808 e 1889. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo/SP, 2006.

BONOMINI, André Luiz. 2009. *TV Coligadas Canal 3 de Blumenau* – A pioneira em Santa Catarina, parte 1. http://adalbertoday.blogspot.com.br/2009/09/tv-coligadas-canal-3-de-blumenau.html. Acesso em: 10 ago. 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas.* Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero – São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *O poder simbólico***.** Tradução Fernando Tomaz, 11. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BREVE CRÔNICA do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, 1892–1942. Joinville: [s.n.], [1942].

BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abrasileirar-se. In: GUEDES. S. P. L. C. (Org.). *Histórias de (I)migrantes:* o cotidiano de uma cidade / 2. ed. rev. e atual. – Joinville: UNIVILLE, 2005. p. 160-192.

_____. *Pelas tramas de uma cidade migrante.* Joinville: Univille, 2011.

COELHO, Luís Fernando Hering. *Os Músicos Transeuntes*: de palavras e coisas em torno de uns batutas. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2013.

COSTA, Iara Andrade. A cidade da ordem: Joinville – 1917-1943. In: GUEDES. S. P. L. C. (Org.). *Histórias de (I)migrantes:* o cotidiano de uma cidade / 2. ed. rev. e atual. – Joinville: UNIVILLE, 2005. p. 104-159.

COSTA, Manuela Areias. *Música e História:* um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. Revista Tempos Históricos, Projeto Saber. Disponível em <: http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/57/07/4284. Acesso em 20/06/2014.

_____. *Vivas à República*: representações *da União XV de Novembro em Mariana-MG (1901-1930)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niteroí/RJ, 2012.

COSTA, Tati L. da. *A música como memória na trajetória histórica da centenária Banda da Lapa de Florianópolis – SC*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE MÚSICA E MÍDIA, 7., 2011, São Paulo. *Anais Eletrônicos*, São Paulo, USP, 2011. Disponível em http://www.musimid. mus.br/7 encontro/creditos.html. Acesso em: 30 nov. 2013.

CUNHA, Dilney. *Harmonia-Lyra*: palco das musas, desde 1858. Joinville: Papelmaçã, 2010.

_____. *História do Trabalho em Joinville:* Gênese. Joinville, SC: Edições Toda Letra. 2008.

_____. *Suiços em Joinville.* O duplo desterro. Joinville: Letradágua, 2003.

DIAS, Marco Aurelio. *Uma terra de oportunidades.* A migração no período de crescimento industrial de Joinville/SC – 1970–1980. (MPPT/FAED/UDESC). Florianópolis, 2011.

DINIZ, André. *O Rio musical de Anacleto de Medeiros:* a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DUPRAT, Régis. *Uma pesquisa sobre Música Popular Brasileira do século XIX.* In: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, I., 2008, Ouro Preto. *Anais,* Ouro Preto/MG, Museu da Inconfidência, 2008. p. 32-39.

FAGUNDES, Samuel Mendonça. *Processo de transição de uma banda civil para uma banda sinfônica.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. *Transubstanciação simbólica do uniforme*
de trabalho em signo de prestígio. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.18. n.2. p.263-284. jul.- dez. 2010.

FICKER, Carlos. *História de Joinville.* Crônica da Colônia Dona Francisca. 1. ed. Joinville: Ipiranga, 1965.

FONTOURA Marcos Aragão. *Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte*: música e sociedade. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2011.

FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade*: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

FURTADO FILHO, João Ernani. *Samba Exaltação*, Fantasia de um Brasil brasileiro. In: MORAES, J.G.V. de; SALIBA, E. T. (Orgs.). *História e Música no Brasil.* São Paulo: Alameda, 2010. p. 269-320.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILLER, Marília. *O Jazz no Paraná entre 1920 a 1940:* um estudo da obra *O sabiá*, fox trot shimmy de José da Cruz. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, 2013.

GOMES, Karina Barra. *E hoje, quem é que vê a banda passar?* Um estudo de práticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos do Goytacazes. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ, 2008.

GONÇALVES, Lilia Neves. *Educação Musical e Sociabilidade:* um estudo sobre os espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org). *Histórias de (I)migrantes:* o cotidiano de uma cidade / 2. ed. rev. e atual. – Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; OLIVEIRA NETO Wilson de; OLSKA Marilda Gervásio. *O Exército e a Cidade:* Joinville e o seu Batalhão. Joinville, SC: UNIVILLE, 2008.

HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho...* Fragmentos da História de Joinville. Joinville: Fundação Cultural, 1987.

HOBSBAWN, Eric J.E Ranger, Terence O. (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JUNGMANN, Martin. *Einbecker Vereine im Kaiserreich 1871 bis 1914.* Tese de Doutorado. Göttingen: Universidade Göttingen, 2002.

LAGE, Marcos Botelho. *Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense:* um estudo sócio-histórico. Dissertação

de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A Banda e seus desafios:* levantamento e análise das táticas que a mantém em cena. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2000.

LUCAS, Elizabeth Maria. *Bandas de Música no Rio Grande do Sul*: temas para uma interpretação etnomusicológica. In: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, I., 2008, Ouro Preto. *Anais,* Ouro Preto/MG, Museu da Inconfidência, 2008. p. 54-63.

MATHYAS, Alessandra da Mota. *Histórias Impressas em Joinville:* um estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da história da maior cidade de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2007.

MOHR, Denise. *Orquestra de Câmara São Bento do Sul,* seu público e seu papel para o município. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2013.

MONTANARI, Os. *A Banda* – Histórico. http://www.montanari.com.br/banda.php. Acesso em 24 dez 2014.

NETTL, Bruno. *O estudo comparativo da mudança musical*: estudos de caso de quatro culturas. Revista Anthropológicas. Ano 10, v.17, n.1, 2006. p. 11-32. Universidade Federal de Pernambuco Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

NIEHUES, Valdete Daufemback. *De agricultor a operário:* lembranças de migrantes. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2000.

PÁTEO, Maria L. F. D. *Bandas de Música e Cotidiano Urbano.* Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1997.

PIRES, Débora Costa; HOLLER, Marcos;. *Atuação das Sociedades Musicais e Bandas Civis em Desterro durante o império.* DAPesquisa, Revista de investigação em Artes, vol.3, n.1. 2007-2008, Florianópolis, UDESC, 2007-2008. Disponível em: http://www. ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/musica/debora-marcos.pdf. Acesso em 20/06/2014.

PIRES, Débora Costa. *Narciso e Eco*: os periódicos como reflexos e ecos da vida musical em Desterro durante o Império. Dissertação (Mestrado em Música) Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE [PMJ], FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE [FCJ]. *Nossos compositores: 1900-1940* – dados biográficos de compositores joinvilenses. Joinville, 1987.

RAYNOR, Henry. *História Social da Música*; da idade média a Beethoven; tradução Nathanael C. Caixeiro – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

REILY, Suzel Ana. *Bandas de sopro* – um diálogo transcultural. In: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, I., 2008, Ouro Preto. *Anais,* Ouro Preto/MG, Museu da Inconfidência, 2008. p. 22-31.

RODRIGUES, Lutero. *"Coreto Paulista – I Festival de Bandas em Serra Negra. O que foi e o que nos ensinou o evento"*. In: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, I., 2008, Ouro Preto. *Anais,* Ouro Preto/MG, Museu da Inconfidência, 2008. p. 84-92.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã* (1863-1937). Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2008.

POLK, Keit et al. *Band*. In: *Grove Music Online*. [s.l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <http://www.grovemusic.com>. Acesso em: 10 mar. 2015.

NOGUEIRA, Lenita W. M. *Bandas de música em Campinas no final do século XIX.* In: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, I., 2008, Ouro Preto. *Anais,* Ouro Preto/MG, Museu da Inconfidência, 2008. p. 40-53.

SCHNEIDER, Adolfo B. *Memórias I* (de um menino de 10 anos). Joinville: Ipiranga, s.d.

_____. *Memórias II* (de um menino de 10 anos). Joinville: Ipiranga, s.d.

_____. *Memórias III* (de um menino de 10 anos). Joinville: Ipiranga, s.d.

_____. *Memórias IV* – Do meu tempo de "Deutsche Schule". Joinville: Ipiranga, s.d.

_____. *Memórias V* – O Brasil (e Joinville) na Primeira Guerra Mundial. Joinville: Ipiranga, s.d.

SCHNEIDER, Alexandre da Silva. *Sociedade Musical de Amor à Arte*: um estudo histórico sobre a atuação de uma banda em Florianópolis na primeira república. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2011.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica:* a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVA, Claudia Felipe. *Bandas de Música, Imigração Italiana e Educação Musical,* o corpo musicale "Umberto I" de Serra Negra, uma localidade interiorana com forte presença italiana. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...* As vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004.

SILVA, Suelen Soares da. Relembrando Krüger e Vogelsanger. *Notícias do Dia Online*, versão on-line, Joinville 25 jun 2014. Disponível em: http://ndonline.com.br/joinville/plural/177951-relembrando-kruger-e-vogelsanger.html. Acesso em 14 fev 2015.

SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE [SAJ]. *Álbum Histórico do Centenário de Joinville, 1851–9 de março–1951.* Curitiba, Gráfica Mundial Limitada, 1951.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE [SJG]. *Sociedade Ginástica de Joinville 1858 – 1958*. Joinville: Boehm e Cia. Ltda, 1958

SOUZA, Sirlei de. Movimentos de resistência em tempos sombrios. In: GUEDES. S. P. L. C. (Org.). *Histórias de (I)migrantes:* o cotidiano de uma cidade / 2. ed. rev. e atual. – Joinville: UNIVILLE, 2005. p. 192-243.

S. THIAGO, Raquel. *Coronelismo urbano em Joinville*: o caso de Abdon Batista. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1988.

TERNES, Apolinário. *Os Voluntários do Imprevisível***.** Bombeiros Voluntários de Joinville, 115 anos de organização e evolução. Joinville: Editora Letra Dágua, 2007.

ENTREVISTAS

MARTIN FILHO, Rudolfo. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 18 de outubro de 2013. Entrevista.

MARTIN FILHO, Rudolfo. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 19 de dezembro de 2014. Entrevista.

MÜLLER, Rolf. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 26 de abril de 2013. Entrevista.

MÜLLER, Rolf. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 17 de maio de 2013. Entrevista.

MÜLLER, Rolf. *Entrevistas concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 24 de setembro de 2014. Entrevista.

MÜLLER, Rolf. *Entrevistas concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 15 de dezembro de 2014. Entrevista.

RÜDIGER, Carlos. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 17 de outubro de 2013. Entrevista.

RÜDIGER, Carlos. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 16 de dezembro de 2014. Entrevista.

SCHUWARZ, Adolfo Germano. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis*. Joinville, 11 de abril de 2014. Entrevista.

SCHUWARZ JUNIOR, Adolfo Germano. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis*. Joinville, 27 de junho de 2014. Entrevista.

STUEWE, Ademar. *Entrevista concedida a Voldis E. Sprogis.* Joinville, 14 de abril de 2014. Entrevista.

DOCUMENTOS MANUSCRITOS

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 03 de agosto de 1927. Em alemão. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 28 de setembro de 1931. Em alemão. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 08 de junho de 1938. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 03 de agosto de 1927. Em alemão. Transcrita e datilografada no Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). p. 52. DATI.

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 28 de setembro de 1931. Em alemão. Transcrita e datilografada no Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). p. 65. DATI.

AT.CBVJ. Ata da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 08 de junho de 1938. Em português. Datilografada no Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). p. 94. DATI

AT.CBVJ. Ata nº 111 da reunião da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 02 de janeiro de 1968. Manuscrita. Museu Nacional do Bombeiro (MNB). p. 136-143.

CAD.PART. Caderno de partituras nº 01. Adolfo Germano Schuwarz, Joinville, 1967-1972. Manuscrito. Original em posse de Adolfo Germano Schuwarz Junior.

CAD.PART. Caderno de partituras nº 02. Adolfo Germano Schuwarz Junior, Joinville, 1967-1972. Manuscrito. Original em posse de Adolfo Germano Schuwarz Junior.

CAD.PART. Caderno de partituras nº 03. Adolfo Germano Schuwarz Junior, Joinville, 1967-1972. Manuscrito. Original em posse de Adolfo Germano Schuwarz Junior.

CAD.PART. Caderno de partituras nº 04. Adolfo Germano Schuwarz, Joinville, 1967-1972. Manuscrito. Original em posse de Adolfo Germano Schuwarz Junior.

CAD.PART. Caderno de partituras nº 05. Joinville, 1967-1972. Manuscrito. Original em posse de Adolfo Germano Schuwarz Junior.

DOC.AVUL. Sinais do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Joinville, jan. de 1895. Documento manuscrito avulso. Em alemão. Original em posse do Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

LIST.CBVJ. Listagem de componentes e controle de materiais do *musikcorps* da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], de 1905 a 1918. p. 10 e seq. Em alemão. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

LIST.CBVJ. Listagem de membros ativos da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 1921. Em alemão. Original no Arquivo Histórico de Joinville (AHJ).

EST.CBVJ. *Estatutos e Lei de Disciplina da Sociedade do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 1939. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

EST.CBVJ. *Estatutos Sociais e Regulamento Disciplinar* da *Sociedade do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 1966. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. 1. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 08 de março de 1967. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. 2. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 12 e 13 de julho de 1967. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. 3. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 7 de setembro de 1967. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. 1. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 08 de março de 1968. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. 2. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 07 de setembro de 1968. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 07 de setembro de 1969. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

REL.CBVJ. Relatório de ocorrências da *Associação do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville*. [Joinville], 09 de março de 1971. Em português. Original no Museu Nacional do Bombeiro (MNB).

JORNAIS

A Nação, Timbó, 1969
A Notícia, Joinville, 1970 a 1974
A Notícia, Joinville, 1991 a 2015
Correio da Tupy, Joinville, 1967
Correio do Povo, Jaraguá do Sul, 1968
Jornal de Joinville, Joinville, 1927
Jornal de Joinville, Joinville, 1965 a 1974
Notícias do Dia, Joinville, 2014 - http://ndonline.com.br/joinville/plural/177951-relembrando-kruger-e-vogelsanger.html

APÊNDICES

APÊNDICE A – COMPONENTES DA BANDA DO CBVJ DE 1905 – 1922

Nº	Nome	Função
1	Adolf Holz	
2	Adolf Muller	
3	Adolf Zische (?)	
4	Adolf Trinks	trompete
5	Alex Kaiser	
6	Albin Kolbach	trompete
7	Arno Schwarz	
8	August Werner	
9	Bolmann	
10	Carl Eggers	
11	Carl Meyer	
12	Ernest Petschon	
13	Fritz Reus (Frederico)	
14	Gustavo Emmerlich	(trombone)
15	Gustav Krause	
16	Gustav Muller	
17	Hans Lauer	
18	Henrique Collin	(trompete)
19	Hermann Lange	
20	J. Kasemodel	
21	J. Kasemodel Jr.	
22	João Rujanovsky	
23	Johan Paul	
24	Julius Birckholz (?)	
25	Lear Bruchen	
26	Paul Schlemm	
27	Klein	
28	Oscar Klimsppe	
29	Oscar Schnsagepe (?) – Schroppe	
30	Ott Viese (?)	
31	Paul Berner	
32	Paul Emmerleich	
33	Paul Lange	
34	Rudolf Fischer	
34	Theodor B	
36	W. Böhn Boehm ou Wille Böhn	

Fonte: listagem de componentes do CBVJ

APÊNDICE B – COMPONENTES DA BANDA GUARANY

Nº	Nome	Função
1	João Moreira	Músico
2	Manoel Lemos	Músico
3	T. Rocha	Músico
4	Maestro Pedro	Músico
5	Antônio Faleto	Músico
6	Olímpio Correa	Músico
7	José Bento	Músico
8	Menelau Vieira	Músico
9	Galdim Carvalho	Músico
10	Jaime Cercal	Músico
11	Procópio Maia	Músico
12	Procópio Moreira	Músico
13	Otávio Rosa	Músico
14	Beneval Moreira	Músico
15	Clodoaldo Machado da Luz	Músico
16	Eudoro B.	Músico
17	Heitor Santos	Músico
18	Mário Lobo	Diretoria
19	Eugênio Moreira	Diretoria

Fonte: registro fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

APÊNDICE C – COMPONENTES DA ORQUESTRA LYRA EM 1899

Nº	Nome	Função
1	Louis Niemeyer	violino
2	Otto Boehm	violino
3	Julius Schubert	violino
4	Henrique Jordan	violino
5	Jorge B. Trinks	violoncelo
6	Emílio Schwochow	violoncelo
7	Eduardo Trinks	contrabaixo
8	Guilherme Rosenstock	clarinete
9	Frans Kolbach	bateria
10	Afonso Lepper	flauta
11	Jorge Parucker	flauta
12	Adolfo Eisendecker	trombone
13	Gustavo Emmerlich	trombone
14	Albino Kolbach	trompete
15	Adolfo Trinks	trompete
16	Mathias Henkenhoff	eufonio
17	Rudolf Baumer	eufonio
18	Rodolfo Kolbach	regente

Fonte: registro fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

APÊNDICE D – COMPONENTES DA BANDA KOLBACH

Nº	Nome	Função
1	Albino Kohlbach	fluguelhorn
2	Rodolfo Kohlbach	clarinete
3	J. Eisenhut	clarinete
4	Mathias Herkenhoff	eufônio
5	João Reinhold	tuba
6	Ott Kohlbach	trompete
7	Rodolfo Kolhbach	clarinete
8	Não identificado	eufônio
9	Não identificado	Trompa

Fonte: registro fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

APÊNDICE E – COMPONENTES DA BANDA DO CBVJ EM 1927

Nº	Nome	Função
1	Curt Freissler	Novo membro
2	Alfred Ravache	Novo membro
3	Leopold Schmalz	Novo membro
4	Paul Grunewald	Novo membro
5	Raimund Kiesewetter	Novo membro
6	Curt Woelke	Passivo
7	Alfons Ritzmann	Passivo
8	Oscar R. Schneider	Passivo
9	João Ribeiro de Souza	Passivo
10	João Augusto de Oliveira	Passivo
11	Josef Stöberl	Passivo
12	Fritz Hofmann	Passivo
13	Gustav Wolf	Passivo
14	Heinrich Brinkmann	Passivo
15	Willy Birckholz	Passivo
16	Johann Lamm	Passivo
17	Rudolf Meier	Passivo

Fonte: Ata do CBVJ de 03 de agosto de 1927

APÊNDICE F – COMPONENTES DA BANDA DO CBVJ EM 1931

Nº	Nome	Função
1	W. Hucke	
2	Ad. Schramm	
3	Alfonso Meister	
4	Willy Busse	
5	Adolfo Müller	
6	Hermann Kieper	
7	Kiesewette	

Fonte: Ata do CBVJ de 28 de setembro de 1931

APÊNDICE G – RELAÇÃO DE BANDAS E ORQUESTRAS

Nº	Nome	Instituição/Tipo	Data/Época	Dirigente
	Hille	Kapelle	Séc. XIX	
	Krause	Kapelle	Séc. XIX	
	Finder	Kapelle	Séc. XIX	
	Frosh	Kapelle	Séc. XIX	
	Sauer	Kapelle	Séc. XIX	
	Binder	Kapelle	Séc. XIX	
	Turnerkapelle	Banda dos Ginastas	Séc. XIX	
	Kapelle Rosenstock	Kapelle	Séc. XIX	Família Kolbach
	Banda Kohlbach		Séc. XIX	
	Musikverein zu Joinville	Sociedade Musical Joinville		
	Musikverein Lyra		1899	Rodolfo Kolbach
	Musikverein Joinville			
	Streichquartett	Dilletantenverein (Sociedade de Diletantes)	1876	Julius Schubert
	Kapelle Graxa		Década de 30	
	Banda Musical Guarany		1899	
	Banda 28 de Setembro			
	Banda do Tiro de Guerra 226		1916	
	Sociedade Musical Harmonia-Lyra	Fusão Lyra com a Harmonie-Gegellschft	1921	
	Banda do 13º BC		1933	
	Banda do 62° BI		1973	

	Banda do CBVJ		1905 1967	
	Orquestra “Os Tangará”			
	Banda “Marabá”			
	Banda Fiação			
	Bandinha União			
	Banda “Os Catarinenes”	Sociedade “Brüdentall” de Guaramirim		
	Banda Municipal de Joinville	Prefeitura Municipal de Joinville	1974	Major Santana

APÊNDICE H – COMPONENTES DA BANDA DO CBVJ DE 1967-1974

Nº	Nome	Instrumento
01	Ademir Rolof	Bateria e percussão
02	Adolar Fidler	Trompete
03	Adolfo Germano Schuwarz	Saxofone tenor
04	Adolfo Germano Schuwarz Jr.	Clarinete
05	Afonso Rüdiger	Trompete
06	Alfonso Albrecht	Acordeon e percussão – prato
07	Alidor Krüger	Acordeon e percussão – bumbo
08	Alvaro Demóstenes	Saxofone tenor - clarinete
09	Alvino Rüdiger	Eufônio
10	Antonio	Saxofone tenor
11	Arno Zucke	Souzafone
12	Ati Aland	Saxofone alto
13	Carlos Ott Oscar Rüdiger	Trompete
14	Edelberte Rüdiger	Saxofone alto
15	Eduardo Rüdiger	Clarinete
16	Elfonso Rüdiger	Trombone
17	Ernesto Correia	Eufônio
18	Etwin Fischer	Bateria e percussão
19	Rubens Fischer	Percussão – surdo
20	Geraldo Zilsdorf	Trombone
21	Hans Rüdiger	Souzafone

22	Hermes Catasfesta	Percussão – caixa
23	Sergio Catafesta	Percussão – bumbo
24	José Domingos Moreira	Percussão – bumbo
25	Lauro Pasold	Trompete
26	Mario Cruz / Querino	Eufônio
27	Maurício	Trompete
28	Mequias C. Veloso	Percussão – caixa clara
29	Rolf Benno Müller	Trombone
30	Rudolfo Martin	Clarinete

Fonte: conjunto de entrevistas

APÊNDICE I – APRESENTAÇÕES DA BANDA DO CBVJ ENTRE 1967 E 1974

	Data	Local e/ou evento	Região
01	25 dez 1966	Salão Operário	Zona Norte
02	09 jul 1967	Desfile de Abertura da Semana de Aniversário	Centro
03	07 set 1967	Desfile da Independência	Centro/sul
04	11 fev 1968	Festa do Hospital Bethesda	Zona Norte
05	8 mar 1968	Aniversário de Joinville	Centro
06	07 set 1968	Desfile da Independência	Centro/sul
07	26 out 1968	Sede dos Bombeiros de Jaraguá do Sul	Centro
08	nov 1968	Desfile Festa das Flores	Centro
09	07 set 1969	Desfile da Independência	Centro/sul
10	27 set 1969	Inauguração do Hospital e Maternidade Bethesda	Zona Norte
11	12 out 1969	Centenário de Timbó	Centro
12	26 nov 1969	Participação na TV Coligadas - Blumenau	Centro
13	11 jul 1970	Baile dos Bombeiros de Joinville	Centro
14	06 mar 1970	Retreta para o aniversário de Joinville	Centro
15	07 set 1970	Desfile da Independência	Centro/sul
16	09 mar 1971	Recepção de autoridades	Centro
17	07 set 1972	Desfile da Independência	Centro/sul
18	06 mar 1973	Retreta para o aniversário de Joinville	Centro
19	12 jul 1973	Baile dos Bombeiros	Centro
20	09 mar 1974	Retreta para o aniversário de Joinville	Centro

APÊNDICE J – CONTEÚDO DO CADERNO Nº 01 DO ACERVO

CADERNO Nº 01 – Pertencia a Adolfo Germano Schuwarz					
Obs. Músicas apresentam transporte de armadura para facilitar execução de alguns componentes.					
Nº	**Título**	**Compositor**	**Gênero/Obs.**	**Instrumento**	**Data de cópia**
1	Sonhos de primavera			sax tenor	
2	Acorda Maria bonita			sax tenor	
3	Valsa das palmeiras		Valsa	sax tenor	
4	O bom rapaz			sax tenor	
5	Feitiço de broto			sax tenor	
6	Sonhando contigo		Valsa	sax tenor	
7	Coizinha estúpida		Twist/triste, lento	sax tenor	
8	Galopp nº 36			sax tenor	
9	Na linha 15 também se dança			sax tenor	
10	A praça		Marcha rancho	sax tenor	
11	Na sombra da bananeira		Xote	sax tenor	
12	Cebile			sax tenor	

13	Despedida			sax tenor	
14	Melita		Valsa	sax tenor	
15	Independência		Dobrado	sax tenor	
16	Nasci pra te amar		Bolero	sax tenor	
17	Vem chegando a madrugada		Samba	sax tenor	
18	Baião da serra grande		Baião	sax tenor	
19	Coirana		Baião	sax tenor	
20	Ela		Canção rancheira	sax tenor	
21	Ébrio de amor		Bolero	sax tenor	
22	Minha delícia		Valsa	sax tenor	
23	A namorada que sonhei	Nilton Cesar		sax tenor	31/01/??
24	Oh meu imenso amor		Valsa	sax tenor	31/01/1970
25	A Banda		Marcha	sax tenor	
26	Gaita dos Negros		Havanera	sax tenor	
27	Liechtensteiner		Polca	sax tenor	
28	Cidade dos Príncipes		Marcha	sax tenor	
29	Tenente Paranhos		Marcha	sax tenor	
30	Valsa das nove horas		Valsa	sax tenor	

31	Tief im Bohmerwald		Valsa	sax tenor	
32	A condessa de Hong Kong		Valsa	sax tenor	
33	Música e mais música		Marcha	sax tenor	
34	Gavião		Marcha	sax tenor	
35	Barril de chopp		Polca	sax tenor	
36	La comparsita			sax tenor	
37	Branca		Valsa	sax tenor	
38	Anersberger		Marcha	sax tenor	
39	Tema de Lara			sax tenor	
40	Russel Pussel March		Marcha	sax tenor	
41	Maringá		Baião	sax tenor	
42	Lembrança de Florianópolis		Marcha	sax tenor	
43	Na linha 15 também se dança			sax tenor	
44	Roda viva			sax tenor	
45	Landler Polka São Bento		Polca	sax tenor	
46	Apareceu a Margarida		Marcha	sax tenor	
47	Quando saí de Cuba			sax tenor	

48	Gavião		Apenas título	sax tenor	
49	Ivone		Valsa lenta	sax tenor	
50	Rancheira Sarita			sax tenor	

APÊNDICE L – CONTEÚDO DO CADERNO Nº 02 DO ACERVO

CADERNO Nº 2 – Pertence a Adolfo Germano Schuwarz Junior					
Bandinha União de Joinville/SC					
Nº	**Título**	**Compositor**	**Gênero**	**Instrumento**	**Data de cópia**
1	Ilegível			clarinete	
2	Ilegível			clarinete	31/01/1970
3	Canção por Luciana			clarinete	
4	O conde		Samba	clarinete	
5	Dobrado Maratá		Dobrado	clarinete	10/03/1970
6	Tudo passará		Valsa	clarinete	
7	Rapaziada do Bráz		Valsa choro	clarinete	
8	Sentado a beira do caminho			clarinete	07/05/1970
9	Tiroler Kinder		Valsa	clarinete	13/05/1970
10	Pais tropical			clarinete	
11	Love is all			clarinete	
12	O Baile da Saudade		Valsa	clarinete	12/05/1970

13	Mensagem		Twist	clarinete	08/05/1970
14	Baião de Lorena		Baião	clarinete	21/07/1970
15	Polca da Tijuana Braz		Polca	clarinete	21/07/1970
16	Blue Star		Bolero	clarinete	27/08/1970
17	Marcha Funebre	Chopin		clarinete	21/10/1970
18	Foi um rio que passou em minha vida		Samba	clarinete	23/09/1970
19	Irmãos coragem		Tema de novela	clarinete	13/10/1970
20	Pot pourri de marchas		Marcha	clarinete	27/10/1970
21	Rapsódia Suéca		Fox polca	clarinete	
22	Vereda tropical		Bolero	clarinete	
23	Eu te amo meu Brasil		Marcha	clarinete	25/01/1971
24	Espere um pouco		Balada	clarinete	04/11/1970
25	Mambo em Espanha			clarinete	16/12/1970
26	Es imposible	Ruy Rey	Bolero mambo	clarinete	06/01/1971
27	A guitarra e o mar		Bolero	clarinete	13/05/1971
28	Casamento feliz		Baião	clarinete	13/05/1971
29	Menina da ladeira	João Só	Samba	clarinete	03/06/1971

30	Cândida		Twist	clarinete	03/06/1971
31	Pra começo de assunto		Twist	clarinete	03/06/1971
32	Paraíso à noite			clarinete	
33	Schottisch			clarinete	02/09/1971
34	Hock heidescksburg		Marcha	clarinete	08/07/1971
35	Marcha Regimento Deutschmeister		Marcha	clarinete	08/07/1971
36	Leilão de madeira		Schottisch	clarinete	
37	Sem título		Swing	clarinete	02/09/1971
38	Nice		Valsa	clarinete	11/11/1971
39	Kyriê	Arr. Nadir	Ye-ye-ye	clarinete	06/04/1972
40	Você mudou demais		Bolero	clarinete	

APÊNDICE M – CONTEÚDO DO CADERNO Nº 03 DO ACERVO

CADERNO Nº 03 Adolfo Germano Schuwarz Junior					
Nº	**Título**	**Compositor**	**Gênero**	**Instrumento**	**Data de cópia**
1	Reinländer nº 28			clarinete	
2	Laendler nº 11			clarinete	
3	Lembranças da Pátria		Valsa	clarinete	
4	Landler São Bento		Polka	clarinete	
5	Aqueles Tempos			clarinete	
6	A Praça		Marcha rancho	clarinete	
7	Tema de Lara		Fox	clarinete	
8	O Caipira no Salão		Maxixe	clarinete	
9	Liebe Soni		Valsa	clarinete	
10	Angelina		Choro	clarinete	
11	Musestunden		Valsa	clarinete	
12	Murmura o Mar		Valsa	clarinete	
13	Catedal		Twist	clarinete	

14	Noite de Moscou			clarinete	
15	El Presidente			clarinete	
16	Feitiço da Vila		Samba	clarinete	09/06/1969
17	Amelia		Samba	clarinete	
18	Tão belo era outrora			clarinete	
19	Coirana		Baião	clarinete	
20	Adeus ingrata				
21	Alnda de Xarandu		Twist	clarinete	
22	Sentimental Journey		Fox	clarinete	
23	Atire a primeira pedra		Samba	clarinete	
24	A Granadeira			clarinete	
25	Dalila			clarinete	
26	Balançando		Polka	clarinete	
27	Good Bye			clarinete	
28	Berliner			clarinete	
29	Amapola		Bolero	clarinete	

30	Ein Prosit der Gemutlichkeit		Chopp	clarinete	
31	Bier her		Chopp		
32	Hoch soll er leben		Chopp		
33	Trink, trink, bruderlein, trink		Chopp	clarinete	
34	Du kanst nicht trem sein		Valsa	clarinete	
35	Cha-la-la-lá			clarinete	12/10/1970
36	Canto Siboney		Rumba	clarinete	21/11/1969
37	O Pequeno Burgues		Samba	clarinete	
38	Não cabe mais amor dentro de mim		Twist	clarinete	
39	São Paulo Quatrocentão		Dobrado	clarinete	28/05/1970
40	Pra Frente Brasil		Frevo	clarinete	10/11/1970
41	Jovens em marcha		Exaltação	clarinete	01/06/1970
42	Aquarela	Ary Barroso		clarinete	04/06/1970
43	Wiener Blut	Johann Straus	Valsa	clarinete	19/06/1970
44	Royal Cinema	Tonheco Dantas	Valsa	clarinete	31/07/1970
45	Hoop-dee-doo			clarinete	04/08/1970

46	Adeus solidão		Valsa	clarinete	28/07/1970
47	Sonhando contigo		Valsa	clarinete	24/10/1970
48	Não tenha medo		Twist	clarinete	10/06/1971
49	Ana	Hully Golly		clarinete	10/06/1971
50	Simplesmente adeus	Arr. De Nadir		clarinete	27/07/1971

APÊNDICE N – CONTEÚDO DO CADERNO Nº 04 DO ACERVO

CADERNO Nº 04 – Pertencia a Adolfo Germano Schuwarz					
Nº	**Título**	**Compositor**	**Gênero**	**Instrumento**	**Data de cópia**
1	Sem título			sax tenor	05/08/1970
2	Royal Cinema	Tonheca Dantas	Valsa	sax tenor	30/07/1970
3	Marcha fúnebre	Chopin		sax tenor	21/10/1970
4	Hoop-dee-doo		Polca	sax tenor	15/08/1970
5	Foi um rio que passou em minha vida	Paulinho da Viola	Samba	sax tenor	23/09/1970
6	Ovo de Codorna	Luiz Gonzaga	Baião	sax tenor	11/11/1971
7	Sonhando Contigo		Valsa	sax tenor	24/10/1971
8	Pra Frente Brasil	Arr. Sgt Demósthenes	Frevo	sax tenor	10/11/1970
9	Mambo em Espanha			sax tenor	15/12/1970
10	Es imposible	Rui Rey	Bolero/Mambo	sax tenor	
11	Eu te amo meu Brasil		Marcha	sax tenor	27/01/1971
12	Cândida		Twist	sax tenor	31/05/1971
13	In the mood		Fox	sax tenor	
14	Dorinha meu amor			sax tenor	22/05/1970
15	Manhoso choro			sax tenor	
16	Clarinet Polka			sax tenor	
17	Dançando em Ijuí			sax tenor	
18	Menina da ladeira	João Só		sax tenor	03/06/1971
19	Pra começo de assunto		Twist	sax tenor	03/06/1971
20	Ana			sax tenor	10/06/1971

21	Não tenha medo		Twist	sax tenor	10/06/1971
22	Rgtº Deutschmeister	Marcha		sax tenor	07/07/1971
22	Hoch Heidecksburg		Marcha	sax tenor	08/07/1971
23	Boêmio demodê		Samba lento	sax tenor	08/07/1971
24	Schottisch			sax tenor	
25	Leilão de madeira		Schottisch	sax tenor	02/09/1971
26	Sem título		Swing	sax tenor	02/04/1971
27	Nice		Valsa	sax tenor	02/09/1971
28	Theme from Love Story	N.T. Silva	Bolero	sax tenor	18/11/1971

ANEXOS

ANEXO A – ATA DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE DE 03 DE AGOSTO DE 1927.

Verwaltungsrathsitzung den 3ten August 1927.
Anwesend waren Herr Commandant F. Stoll, Fried. Birkholz, Albert Lepper, Paul Schulz, Fried. Höfert und unterzeichneter Schriftführer. Alexander Döhler fehlte mit Entschuldigung.
Es wurde beschlossen für das Musikcorp nur 16 Uniformen rauszugeben und das Autocorp weiter (?) zu vergrössern.
Ferner wurde beschlossen, dass die Musik nicht ohne Erlaubniss die Uniform zu tragen darf.
Es lagen Aufnahmegesuche für das Musikcorp folgender Herren vor: Curt Freissler, Alfred Ravachr, Leopold Schmalz, Paul Grunewald, Raimund Keisewetter. Als passive Mitglieder: Curt Woelke, Alfons Ritzmann, Oscar R. Schneider, João Ribeiro de Souza, João Augusto d'Oliveira, Josef Stöberl, Fritz Hofmann, Gustav Wolf, Heinrich Brinkmann, Johann Lamm, Rudolf Meier. Gennante Herren wurden aufgenommen. Der Firma Keller & Cia soll ein Stück Langschlauch von der alten Spritze abgeben werden.
Bestimmung der fälligen Generalversammlung.
Es wurde der 24 August angenommen.
Tagesordnung zu derselben: Punkt 1. Jahresbericht des Herrn Commandanten
" 2. Revisionsbericht
" 3. Neuwahlen
" 4. Verschiedenes
Da weiter nichts vorlag wurde das Protokoll geschlossen.
Friedrich Stoll
Commandant
Eugen Lepper
Schriftführer

ANEXO B – ATA DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE DE 28 DE SETEMBRO DE 1931.

Verwaltungsrathsitzung den 28 Sept. 1931.
Herr Commandant F. Stoll eröffnet die Sitzung in Anwesenheit der Cammeraden Fr. Birkholz, Fried. Höfert, Albert Lepper und unterzeichneter Schriftführer.
Es lagen Aufnahmegesuche der Herren Gustav Köhn, Alex Karstens Filho, Amandus Schmidt, Willy Laatsch, Harry Köhler und Karl Otto, Oscar Cilusinsky, als active Mitglieder. Gennante Herren wurden aufgenommen mit Ausnahme des Herren Rudolfo Ribeiro welcher noch mit seinen frühren Beiträgen in Rückstande ist.
Zu der heutigen Sitzung wurde auch das Musikcorp eingeladen und waren erschienen die Herren W. Hucke, Ad. Schramm, Alfons Meister, Willy Busse, Adolf Müller und Hermann Kieper, verspätet erschien Herr Kiesewetter.
Da die Musiker keinen Führer mit den anwesenden Herren wehlen wollten, wurde Herr Hucke beauftrag binnen acht Tage den Herrn Commandanten zu benachrichtigen ob er die Musik weiterführen will oder nicht.
Da weiter nichts vorlag wurde das Protokoll geschlossen und vollzogen.
Friedrich Stoll – Commandant
Eugenio Lepper - Schriftführer

ANEXO C – ATA DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE JOINVILLE DE 8 DE JUNHO DE 1938.

Reunião do Conselho Administrativo do Corpo de Bombeiros voluntarios em 8 de junho de 1938 as 20h com a presente dos seguintes senhores.
Capitão Sr. Francisco Faustino da Silva, Comandante Sr. Eugenio Lepper, Alvino Tilp, Guilherme Melzer, Paulo Schulz, Alberto Lepper, Paulo Pfützenreutter e abaixo assignado secretario.
O Sr. Capitão Francisco Faustino da Silva como sócio que foi aceito com animidade. (sic).
O Sr. Capitão Franº Faustino da Silva declarou que comparecia a sociedade em virtude da missão que lhe foi dada pelo snr. General Meira de Vasconcellos Commandante 5ª Região militar, de investir nesta sociedade com orientador do nacionalismo de accordo com decreto nº 383 e instrucções complementares baixadas pelos referidos snr. General; disse mais que para effectivasão das medidas tomadas por aquella autoridade e em quadramento desta sociedade dentro do espírito estatuído pela refirada lei, era necessário o seguinte:
1º Eleição de nova conselho administrativo no cual faram parte no mínimo 2 terços de brasileiros natos, e tenham no mesmo o representante comandante da 5ª região militar;
2º Sejam reformados os seus estatutos de accordo coma assemblea geral e de maneira que ficam o mesmo enquadrado, dentro da lei acima sitado;
3º Seja modificado o costume de se usar como língua abituada outro idioma que não seja idioma pátrio. Disse ainda que havia inconveniente algum em serem releitos os actuaes mesmos do conselho mesmos que fossem estrangeiros desde que com números destes não ultrapassar-se de ½ de seus membros. Em seguida solicitou o conselho fosse convocado uma assembléa

extraordinária que deliberasse sobre os imperativos da lei de nacionalização que acaba dispor.
O Commandante submeteu ao conselho o assumpto disposto pelo capitão snr. Franº Faustino consultou se havia alguma objeção por parte de alguns dos seus membros.
Não havendo objecção alguma o commandante propois que o conselho demitisse a fim de dar franca liberdade a nova eleição, declarando todos que estar em disposto a continuar a trabalhar em pró da sociedade como o vinham fazendo até aqui. O Capitão snr. Faustino lembrou o conselho a necessidade de, para bem seguir a nova orientação, haver uma modificação na organização do conselho, qual seja a creação do cargo de commandant que já existente e que permanenteseral .
O conselho concordou com esta modificação que será sobmetida apreciação da assembléa geral extraordinária.
Foi convocada para o dia 15 deste mez a assembléa geral extraordinária, com os seguintes ordem do dia.
Iº eleição da nova directoria
II modeficação dos estatutos
III Assumptos diversos.
Como não tinha nada mais de tratar, foi serado o protocolo e assignado pelos presentes.
Francisco Faustino da Silva, Capitão do Exército representante do Snr. General Cmt. Da 5ª região Militar.
Eugênio Lepper Comandante Paulo Kasten Secretário
Roberto Pfützenreuter - Alberto Lepper – Thezoureiro
Paulo Schulz - Guilherme Melzer - Alvino Tilp

ANEXO D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Dados sobre o entrevistado:

1) Nome:
2) Data e local de nascimento:
3) Profissão que exercia na época da Banda;
4) Instrumento que tocava:

Temas e assuntos abordados:

1) Conhecimento sobre a história da Banda do CBVJ;
2) Contato com Banda do CBVJ;
3) Componentes do grupo;
4) Instrumentação;
5) Uniforme;
6) Repertório;
7) Apresentações:
8) Formação musical;
9) Motivos da desarticulação do grupo;
10) Curiosidades, fatos interessantes, etc.

ANEXO E – FOLDER: PROGRAMA DAS FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DO 123º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DE JOINVILLE – 1974

Impressora Joinville S.A. - Joinville - SC
MEA AUTEM BRASILIA MAGNITUDO
PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE
DEPTO. DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO

09 MAR. 1974

DIA 8/3 - SEXTA-FEIRA

18:00 hs. - Inauguração da Exposição de Orquídeas, da AJAO.
LOCAL: Liga de Sociedades.

19:00 hs. - Abertura da "VI Exposição Filatélica de Santa Catarina" e "II Exposição Municipal de Coleções", patrocinadas pela Associação Filatélica de Joinville.
LOCAL: Liga de Sociedades.

20:00 hs. - Abertura da "IV Exposição Coletiva de Artistas Joinvilenses". A Exposição se estenderá até dia 24.
LOCAL: Casa da Cultura.

21:00 hs. - "Show" com artista de renome nacional e entrega de placa comemorativa do aniversário da Cidade ao Sr. Prefeito. Homenagem do Banco União Comercial.
LOCAL: Sociedade Harmonia-Lyra.

DIA 9/3 - SÁBADO

06:00 hs. - Alvorada Festiva executada pelo 62.º Batalhão de Infantaria.

08:00 hs. - Hasteamento da Bandeira Nacional.
- Revoada de Pombos.
- Alocução do Sr. Prefeito Municipal.
- Colocação de flores no Monumento ao Imigrante.

LOCAL: Praça da Bandeira.

08:30 hs. - Inauguração de Canchas de Esportes do Parque Infantil.
LOCAL: Praça da Bandeira.

09:00 hs. - Abertura da mostra fotográfica "Joinville Antiga".
LOCAL: Depto. Cult., Esporte e Turismo.

09:30 hs. - Homenagem aos primeiros colonizadores, com colocação de coroa de flores.
LOCAL: Cemitério dos Imigrantes, à Rua XV de Novembro.

10:00 hs. - Início das competições de Motonáutica promovida pelos Iates Clubes locais.
LOCAL: Espinheiros.

10:30 hs. - Início do "III Torneio da Integração Rural" organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Joinville.
LOCAL: Vila Nova.

16:00 hs. -
e
20:00 hs. - Sessões de cinema, nos Cines Palácio e Colon. Entrada franca.

18:00 hs. - Arriação da Bandeira Nacional.

19:30 hs. - Palestra sobre Filatelia.
LOCAL: Auditório da Associação Comercial e Industrial de Joinville.

20:00 hs. - Jogos de Basquete e Futebol de Salão entre as seleções de Joinville e Norte do Paraná.
LOCAL: Palácio dos Esportes.

22:00 hs. - Baile da Saudade, com a Orquestra de Francisco Petronio.
LOCAL: Sociedade Ginástica de Joinville.

DIA 10/3 - DOMINGO

09:00 hs. - Prova ciclística "XIII Circuito do Boa Vista". Largada: Praça Castelo Branco.
- Torneio quadrangular "123.º Aniversário de Joinville", entre as equipes da 1.ª Divisão Extra de Profissionais da Liga Joinvilense de Futebol.

LOCAL: Campo do Gremio 25 de Agosto.
- Chegada dos Atiradores de Blumenau, São Bento do Sul e de Bruaque.

LOCAL: Praça da Bandeira, defronte ao Palácio dos Esportes.
- Campeonato Regional de Atletismo.

LOCAL: Campo do América Futebol Clube.

09:30 hs. - Largada da prova de motocicletas "Cidade de Joinville".
LOCAL: Pista do Moto Clube de Joinville, à Rua Monsenhor Gercino.
- Desfile da Banda Municipal de Blumenau, Clubes de Tiro convidados e da Sociedade Desportiva e Cultural Cruzeiro Joinvilense.

LOCAL: Praça da Bandeira, Ruas 9 de Março, Dr. João Colin, XV de Novembro e Praça da Bandeira.

10:00 hs. - Apresentação das Bandas Municipais de Blumenau, do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville e Banda Municipal de Joinville (em organização).
LOCAL: Praça da Bandeira.

14:00 hs. - Competição de Tiro ao Alvo e entrega de Troféus aos vencedores.
LOCAL: Sede da Sociedade Desportiva e Cultural Cruzeiro Joinvilense, à Rua Dr. Serhvald, 293.

20:00 hs. - Desfile de Escolas de Samba.
LOCAL: Bairros do Itaum, Boa Vista e Iririú.